ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

HOMENAGEM

A

ANTÓNIO CÂNDIDO

I. — Sessão solene de 30 de Março de 1922
II. — Homenagem dos sócios da Academia



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1923

HOMENAGEM

A

ANTÓNIO CÂNDIDO

ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

HOMENAGEM

A

ANTÓNIO CÂNDIDO

I. — Sessão solene de 30 de Março de 1922
II. — Homenagens dos sócios da Academia



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1922

SESSÃO SOLÉNE

DE

30 DE MARÇO 1922

HOMENAGEM

AO SÓCIO EMÉRITO DESTA ACADEMIA

Doutor António Cândido Ribeiro da Costa

Sob a presidência honorária do Exmo Presidente da República, realizou-se no dia 30 de Março de 1922, na sala nobre desta Academia, a sessão solene em honra do eminente orador sócio desta Academia, Doutor António Cândido Ribeiro da Costa.

A mesa era composta pelo Sr. Presidente da Academia, que tinha à sua direita o Sr. Dr. António Cândido, e pelos Srs. Vice-presidente e Secretário Geral.

Asssistiram: Corpo Diplomático, Govêrno, Senadores, Deputados, Altos funcionários civis e militares, Sócios da Academia, Câmara Municipal de Lisboa, Sociedade de Geografia, Tribunais Superiores de Justiça, diversos directores dos Ministérios e de Bancos e Companhias, Universidades de Coimbra, de Lisboa e do Porto, Liceus, Escolas Superiores, Escola Militar, Colégio Militar, várias Associações, grande número de Senhoras, etc., etc.

Foi lida pelo secretário a seguinte correspondência:

UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Sciências

—

(Cópia)

Exmo Sr. Presidente da Academia de Sciencias de Lisboa.

Eu fui um dos que tiveram a satisfação de ouvir o Dr. António Cândido. Ouvi-o em Coimbra defender brilhantemente as suas teses. Admirei-o em discursos pronunciados na tribuna sagrada e em sessões académicas. Sinto ainda nos ouvidos os ecos da sua voz eloqüente. Venho por isso associar-me à manifestação de aprêço que lhe vai fazer a Academia das Sciências, sentindo não poder ir nesta ocasião a Lisboa cumprimentá-lo pessoalmente.

Saúde e Fraternidade.

Pôrto, 23 de Março de 1922.

(a) *Francisco Gomes Teixeira.*

UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Sciências

N.º 77

(Cópia)

Exmo Sr. Presidente da Academia das Sciencias de Lisboa.

Tenho a satisfação de comunicar a V. Ex.ª que o Conselho Escolar desta Faculdade, em sua sessão de 22 do corrente, resolveu por aclamação associar-se à homenagem ao Sr. Dr. António Cândido Ribeiro da Costa, vulto glorioso da nossa Terra, a quem a Pátria e a língua portuguesa devem tão altos serviços.

A Faculdade acaba de incumbir o seu Professor Dr. José Diogo Arroio, presentemente em serviço Universitário em Lisboa, de a representar na justa e solene homenagem que se vai realizar.

Com os protestos da minha mais distinta consideração.

Saúde e Fraternidade.

Faculdade de Sciências da Universidade do Pôrto, em 24 de Março de 1922.

O Director,

(a) *António Joaquim Ferreira da Silva.*

TELEGRAMA

Espozende, 3o de Março

(Cópia)

Impossibilitado de assistir à homenagem ao glorioso António Cândido, acompanho de todo o coração e espírito a nossa Academia nesta bela e exaltadora hora portuguesa.

Espozende, 3o de Março de 1922.

(a.) *António Correia d'Oliveira.*



TELEGRAMA

Torres Novas, 3o de Março

(Cópia)

A Comissão Municipal do partido Republicano português dêste Concelho, participando em nome do partido local da festa nacional em consagração ao génio excelso de António Cândido, roga a V. Ex.ª a alta honra de representá-la, saüdando na obra o homem, boca maravilhosa, quási divina, donde brotaram algumas das gemas mais preciosas da eloqüência lusitana de todos os tempos, espírito altivo e largamente aberto a todos os ideais emancipadores e libertadores da consciência e da humanidade, carácter nobilíssimo que, ainda que desiludido e descrente, nunca tentou desmoralizar a alma da multidão com a influência subjugadora do seu verbo sublime, chorando salmos de agonia; antes a soube sempre erguer alto, cantando hinos vibrantes à glória e

à esperança. Agradecendo respeitosamente cumprimento V. Ex.ª

Torres Novas, 30 de Março de 1922.

(a.) Presidente — *António Pinto.*

Em seguida o Sr. Presidente leu a seguinte alocução, sendo seguido pelos dignos sócios efectivos Srs. Henrique Lopes de Mendonça, Dr. Augusto de Castro, Dr. Eduardo Burnay, e Dr. Júlio Dantas, respondendo a êsses discursos o Dr. António Cândido.

I

Senhor Presidente da República;
Minhas Senhoras;
Meus Senhores;
Ilustres Confrades:

Desculpem-me se destoando um tanto do ambiente superior que se sente abrigado nesta ilustre sala, eu me atreva a citar uns versos que aprendi há bons cincoenta anos, e se encontravam nos *Logares Selectos* que serviam de texto às eruditas lições do meu venerando e nunca esquecido mestre, Dr. Lemos.

O poeta, cujo nome não me ocorre, deveria ser, pois um clássico e de categoria que lhe desse direito a ser considerado como modêlo; o que, porém, receio é que a memória me não tenha sido fiel durante êsse decurso de meio século, e daí resulte alguma incorrecção, de que só eu tenho a responsabilidade.

Eis os versos:

Um cuco e um rouxinol tomam poleiro
Uma noite na casa dum ferreiro.
Canta o rouxinol de madrugada
Param os malhos; a gente está pasmada.

O cuco cuidando que já tinha
Em cantando elogio semilhante
Resolveu-se a saír com seu descante.
O ferreiro não sei de que se doía
Mas ficou tão irado da folia
Que tirando da forja um ferro em braza
Procura o criminoso em toda a casa.

É de recear, meus senhores, que a mim caiba o papel de cuco, nesta simpática solenidade que revestirá o carácter de inspirada, aristocrática beleza.

Não é, em verdade, que eu tenha esquecido a criteriosa lição do nosso velho clássico, mas porque as circunstâncias me impõem o dever de, como Presidente da nossa prestimosa Academia, entrevir, aliás da melhor vontade, nesta tão merecida consagração, para mim, sobretudo valiosa, porque significa um acto de justiça.

Desculpem-me, pois, que, iludindo talvez a vossa espectativa, eu procure, em legítima defesa, derivar para os domínios da *Idea,* um esfôrço em que deveria predominar a arte, e portanto a emoção que é o seu essencial objectivo.

Tratarei, por isso do papel das Academias clássicas, como considero a nossa, em face da actual fase da evolução da humanidade.

Terão muitos a impressão que essas Instituïções são resíduos esquecidos das velhas civilizações, em que dominaram Aristóteles e a Escola, portanto destinadas a uma rápida atrofia, por não exercerem uma função no organismo moderno.

Ora eu proponho-me a provar que tal opinião representa um êrro tanto mais grave quanto é o reflexo duma mentalidade dominante que considero perigosa e injusta; e sou conduzido a isso pelo desejo de esclarecer o significado da atitude da Academia, perante um dos seus mais prestimosos sócios, e portanto patentear o alto objectivo a que visa que, só na aparência reveste um carácter individual.

Desculpe-me, pois, o meu ilustre confrade Dr. António Cândido, se o considero aqui como um símbolo.

*

* *

A ninguém pode ter passado despercebido que a humanidade se encontra atrevessando uma temerosa crise que, a meu ver é uma conseqüência necessária da sua precipitada evolução, e que, de resto, já por mais dum fôra prevista.

Mas, a respeito desta crise tem-se formado uma opinião, que não partilho, e é, que o seu carácter é essencialmente económico.

Prouvera a Deus que assim fôsse, mas quanto a mim a crise económica é apenas um dos aspectos que reveste uma outra mais profunda e mais difícil de debelar.

Meus Senhores, em minha opinião, a crise fundamental donde todas as outras derivam, é de ordem MORAL.

E essa crise, como disse, não era de difícil previsão.

O homem, por mais rude que seja, é um ser que sente dentro de si, alguma coisa de transcendente que lhe impõe a necessidade imperiosa, de se transportar para além dos domínios do animalismo a que se acha acorrentado.

Desde os mais remotos tempos a que ascende a nossa espécie, e ainda hoje nas raças selvagens, essa tendência ao sobrenatural, ao transcendente é satisfeita, de um modo mais ou menos apurado, pelas crenças de natureza religiosa.

Pode afirmar-se que não existe um povo, por mais rudimentar que seja a sua civilização, onde se não encontrem crenças religiosas, de maneira que, os bons métodos scientíficos, que se fundamentam na observação e na experiência, conduzem necessàriamente à conclusão que a religiosidade é característica da espécie humana.

E, a mesma conclusão poderia ser atingida recorrendo aos métodos dedutivos ou lógicos.

Efectivamente a espécie humana ainda é caracterizada pela sua irresistível tendência à sociabilidade.

Ora, essa necessidade imperiosa da espécie impõe uma certa uniformidade de pensar e de sentir, hábitos e costumes comuns, emfim uma orientação comum, a que abreviadamente se dá o nome de *moral*.

Tratando da civilização Europeia, que é a que

especialmente nos interessa, ninguém pode duvidar que a sua moral característica foi difundida e radicada por intermédio da religião, e nestes últimos 19 séculos, pela religião de Cristo.

Ninguém, por pouco que conheça a história daqueles decorridos séculos, pode desconhecer a influência que teve sôbre os povos da Europa, essa hegemonia moral que por tão longo período lhes serviu de norma comum. e não reconheça os serviços que lhes prestou, e explicam o seu predomínio em todas as regiões do mundo e dão um carácter de indiscutível superioridade à civilização europeia.

Essa hegemonia, porém, não se manteve isenta de dificuldades durante o largo período em que foi predominante, e, pela seqüência irresistível das coisas, foi decaindo do seu prestígio, até atingir a fase depressiva em que hoje se encontra.

Os ataques mais violentos e decisivos contra o espírito religioso têm sido praticados por uma Escola, a que Augusto Comte chama metafísica ou revolucionária, que atingiu um grande prestígio no tempo de Voltaire, ou, mais geralmente, dos *enciclopedistas*, e que tiveram como conseqüência a Revolução Francesa, que deu logar a um estado revolucionário que ainda hoje persiste e que ainda se não antevê quando terminará.

Este, precipitado desmoronamento das velhas tradições e das crenças que as acompanhavam,

esta brusca substituïção da *Fé* pela *Razão,* insuficientemente ilustrada, veio destruir êsse como que *Norte Moral* que é indispensável à unidade orgânica, sem a qual não pode haver uma Sociedade normalmente constituída.

As sociedades modernas apresentam-se, por isso num como que Estado patológico, que evidentemente não pode ser abandonado, sem grave perigo, ao seu expontâneo desenvolvimento; é necessário que órgãos existam, aptos à defesa contra o morbus invasor, como sucede em todo o organismo perfeito.

A meu ver essa função compete às organizações constituídas pelas mais altas capacidades dos povos, onde se condense, por assim dizer, o máximo poder da sua mentalidade.

As instituïções que mais se assemelham a essa que idealiso, são as Academias clássicas, ao tipo que pertence a nossa gloriosa Academia, que, podemos afirmar afoitamente, é a que entre nós, e desde a sua orígem, tem levado mais alto e mais longe o nome português.

Muitos, sem dúvida, contestarão a minha afirmativa, seguindo uma idea muito difundida, e, infelizmente, muito acreditada, que a Sciência é a principal responsável do desprestígio da Fé.

Os maiores homens da História da Sciência moderna, Newton, Descartes e até o próprio Galileo, foram crentes sinceros, e nunca pretenderam provocar um antogonismo entre a Fé e a

Razão, que nunca existiu, e que só por um lamentável equívoco provocaram dessidências que não deixaram de ter importantes conseqüências.

¿Se a Sciência procura a *Verdade* pode de algum modo ser inimiga da Fé?

Ora, as Academias nunca foram metafísicas e muito menos revolucionárias, e se de algum defeito (se de facto o é) as podemos acusar é o do seu característico tradicionalismo.

O papel da Academia é fundamentalmente ser um foco donde irradie a pura luz da Verdade e da Justiça, os balsâmicos eflúvios da Belesa, sob o seu duplo aspecto mental e sentimental.

Educar, instruir, nas mais elevadas regiões do saber e do sentir, eis os seus meios de acção.

Na resolução do problema económico, que fàcilmente se poderia provar que íntimamente se liga ao problema moral, tem a Sciência a sua principal missão.

Desculpem-me V.as Ex.as se do meu convívio íntimo com a Sciência, há mais de meio século, me resultou uma Fé inabalável no seu poder, que quási se pode considerar sacrílega.

Eu creio firmemente que os problemas da natureza material, seja qual fôr a sua aparente dificuldade, serão mais tarde ou mais cedo resolvidos pela Sciência, que já produziu as maravilhas da mecânica, da astronomia, da electricidade, da telegrafia e tantas outras que há poucos séculos seriam consideradas autênticos milagres.

¿Porque não ha de fazer outros?

Tenho a *Fé* inabalável e consciente de que a crise económica será triunfalmente debelada pela Sciência se, não só, lhe fôr consentido que livremente desenvolva a sua potente acção, mas também se lhe dediquem os disvelos e carinhos que bem merece a sua desinteressada actividade.

Pode dizer-se que êsse poder económico, por assim dizer indefinido, não é o da Sciência que se cultiva nas Academias Clássicas, mas noutras Instituïções onde a Sciência se acha em melhor contacto com os organismos de produção a que se tem denominado Fôrças Vivas.

Não afirmo que as actuais Instituïções organizadas nesse sentido, que entre nós ainda não tem representante, deixem de ter uma função adaptada às necessidades modernas, mas são apenas subsidiárias, simples termos de transição entre as Academias própriamente ditas e as fôrças económicas.

A ingratidão é, infelizmente, um dos vícios dos homens, e lhes faz esquecer os inestimáveis serviços que deve à Sciência Geral, abstracta, desinteressada, que cultivaram Kepler, Galileo e Newton e produziram êsses imperecíveis monumentos da Mecânica Racional e da Astronomia; como esqueceram o que a civilização de que se orgulham deve também o Volta, Faraday e Maxwell que criaram os prodígios da Electricidade e como conseqüência a telegrafia com e sem fio; a Mayer, a Joule, a Carnot, a quem devem os princípios que regu-

lam o funcionamento da máquina de vapor, que tornaram possível o caminho de ferro e a navegação mecânica.

Todos êsses homens foram clássicos e pertenceram a Academias Clássicas ou trabalharam segundo o seu espírito abstracto.

A fonte donde brotaram as grandes descobertas é a Sciência Geral, cujo manancial seguindo o seu natural pendor, vem mais tarde a transformar-se em riquezas.

Não menos gloriosa, porém, é a missão do classicismo literário, onde o culto da belesa é elevado à sua mais pura idealização.

O poder de acção da expressão literária da idea é irresistível, porque actua directamente sôbre o sentimento, e êste é o imediato estimulante da acção.

Pode dizer-se, sem exagêro, que a palavra tem governado e continuará a governar o Mundo, e que a eloqüência tem o poder de exaltar as fôrças dos homens transformando-os em heróis.

É porque sabe arrancar aos arcanos profundos onde se encerra, essas energias superiores que todo o homem, mesmo vulgar, contém em si e lhe fazem sacrificar a vida ao estridente som do clarim, ou ao ondular dêsse farrapo sublime que é a bandeira da Pátria.

Foi ela que fez os mártires de todas as crenças, e a dedicação angélica da mão aristocrática que não hesita em lavar as chagas do leproso.

Meus senhores, o homem inculto, assemelha-se a uma fera; mas aqueles a quem a educação servida pela eloqüência, revelou os tesouros sublimes que a sua alma encerra, são heróis.

Meus senhores, a Fé que tenho no engrandecimento futuro da humanidade, fundamenta-se neste Princípio:

O homem é fera ou semi-deus conforme lhe forem revelados e avolumados, os seus instintos do bem e do mal.

Trata-se, pois, de procurar os meios de aplicar eficazmente um tal princípio; trata-se, pois, de procurar o desenvolvimento ou a atrofia, duma ou outra tendência natural.

É essa a missão da Educação.

Mas a educação resultará inútil quando se não saiba excitar o sentimento, que é o estimulante directo da convicção e da acção.

É, por isso, que o culto da palavra, quer sob a sua forma literária, quer oral, terá uma influência decisiva sôbre as fases futuras da evolução da humanidade.

É isso uma verdade banal, que é posta em prática sob um nome já desvirtuado pelo abuso; êsse nome é o de *propaganda*.

Desvirtuado ou não, é forçoso que o empreguemos, para significar qual seja o papel que incumbe especialmente às Academias literárias.

A essas Academias, como um dever indescritível, incumbe-lhe a propaganda da *Moral*, no

seu alto significado, de altruismo, que se revela pelo amor, pela bondade, pela justiça.

Se assim é, como não duvido, fica esclarecido o alto significado desta solenidade.

Vimos aqui dar um exemplo de moral; porque vimos aqui consagrar *alguém* que durante uma longa carreira, utilizou os seus dotes superiores no culto do bem e da beleza; vimos aqui, por espírito de justiça, para que não fique esquecido um nome que tem direito à imortalidade.

É propositadamente que digo *alguém*, porque a meu ver António Cândido é para nós, neste momento um símbolo, e que merece o devotado culto que se deve ter por todos que poderosamente têm concorrido para exaltar a sua raça e a sua espécie.

Meus Senhores é mais de que tempo de terminar, e não sei se consegui realizar a minha intenção, de esclarecer o papel das Academias Clássicas na fase actual da civilização, e de frizar o significado desta solenidade a que tão amàvelmente vindes assistir, prestando assim homenagem às nossas boas intenções.

Em todo o caso, se mais não consegui, suponho que ao menos a minha interferência presta o serviço de a minha exposição, como num quadro de Rembrandt, fornecer o *escuro* donde melhor se salientará o brilho da palavra, de quem, passados triunfos garantem o direito de falar nesta ilustre sala.

DR. JOÃO MARIA D'ALMEIDA LIMA.

II

Senhor Presidente da República.
Meus prezados confrades.
Minhas senhoras.
Meus senhores.

Falar de um grande orador só a grandes oradores deverá ser lícito. O ouro da palavra humana não pode arrancar mais do que notas baças e dissonantes a um vaso de argila. Para acompanhar a águia no vôo altaneiro, só aves de potente envergadura, de olhos que não se encandeiem no esplendor dos páramos etéreos.

Destas verdades antigas me compenetrei mais agora, ao reler, no curto prazo que me delimitaram, algumas páginas de António Cândido. Águia do Marão foi o seu adequado antonomástico, e nem sequer me é dado, no apoucado da minha visão intelectual, seguir-lhe com inteireza os arrojados adejos.

¿Se isto assim é, por que motivo ocupo eu durante minutos a tribuna académica, como ouso reclamar a atenção dum auditório eminente? A penhorantes instâncias acedo, pois que se julgou mister destacar da classe de letras uma voz, que

na consagração nacional ao grande orador secundasse o epinício do corifeu. Julgou-se mister, mas não era decerto. Ides percebê-lo, minhas senhoras e meus senhores, quando confrontardes o descorado da minha alocução com a palavra substanciosa e brilhante do insigne confrade, que hoje preside honrosamente à classe.

Ides percebê-lo, e lamentareis a escolha que sôbre mim recaíu. Lamentá-la há sobretudo, no seu íntimo, o radioso objecto desta consagração. Perdôem-me quantos me escutam, perdôe-me principalmente o indulgente espírito de António Cândido. Lance a culpa, se tanto lhe consente o ânimo bondoso, a quantos dos nossos confrades declinaram, quero crer que por motivos ponderosos, a honra de tomar nesta glorificação a parte saliente que de preferência lhes competia.

Se foi desacertada a eleição, mais mofina a tornou o acrescentar-se à deficiência das minhas faculdades a falta de tempo para condigna preparação. Delinear num breve discurso a personalidade de um vulto eminente, é tarefa que demanda um trabalho insano e prolongado, mais ainda do que se se pretendesse diluir por uma extensa monografia o aparato crítico da sua obra. Nada mais difícil do que a síntese e a concisão. Lembra-me a tal respeito o dito de um epistológrafo notável, que terminava uma estirada carta com êstes dizeres, pouco mais ou me-

nos: «Releve-me V. se fui tão prolixo, porque não tive tempo para ser mais conciso».

Grande foi o apêrto em que me colocaram solicitações, às quais meu coração não podia furtar-se, tanto mais quanto elas eram sublimadas pela admiração que de há longos anos voto à individualidade intelectual de António Cândido e pelo reverente afecto que me inspira a sua pessoa moral.

Curvando-me pois perante a necessidade que me impunham, deliberei passar um rápido volver de olhos sôbre a obra do excelso académico, há muitos anos lida com juvenil entusiasmo.

¡Rápido volver de olhos, digo eu! ¡Como se o renovado deslumbramento permitisse às pupilas encandeadas firmar nos pormenores dessa esplêndida obra, nas curvas harmoniosas dos períodos, na plástica helénica da linguagem, na radiação fulgurante das imagens, na contextura maravilhosa das ideas, a fria, a ordenada visão analítica! Ocorre-me a frase atribuída, suponho eu, a Mme Émile de Girardin a respeito do brilhantíssimo estilista Paul de Saint Victor: «Não pode ler-se senão com lunetas fumadas».

E mais apropriadamente se me depara um período do próprio António Cândido a propósito de Herculano: «¿Quando sôbre uma pedra preciosa e muito luzente incidem os raios do sol, quem pode graduar devidamente os visos que resultam das suas arestas e facetas?...»

Mas a eloqüência de António Cândido, se é relâmpago que ofusca quando a sua voz quente a repassa de sentimento, quando o seu belo gesto a acompanha, quando a sua expressiva fisionomia reflecte as modalidades refluentes do seu pensar ou as emoções múltiplices da sua alma, transforma-se em lampadário mágico que esclarece as trevas do entendimento, quando no remanso da leitura nos é dado profundá-la e seguir-lhe a torrente impetuosa. Assemelha-se, sim! à energia eléctrica, que na natureza nos oferece manifestações fulgurantes mas incoercíveis, e que, captada pelo engenho humano, se torna farol doméstico, companheiro e guia precioso nas lucubrações dos estudiosos.

E contudo, quando mesmo no silêncio do nosso gabinete nos defrontamos com êsse verbo colorido de gemas, é indispensável o disciplinado esfôrço do nosso espírito para nos furtarmos ao deslumbramento e despirmos das galas auríficas a idea, cuja nudez nos vai seduzir por seu turno. Porque em António Cândido, a par do orador sublime, há o pensador transcendente. A águia, ao avizinhar-se do firmamento, trouxe para a terra, nas suas àsas, algo do mistério divino.

*
* *

Foram estas as impressões que me deixou a leitura recente de umas dezenas de páginas, escolhidas ao sabor das minhas predilecções na obra do antigo catedrático da Universidade.

Oportuno é, meus senhores, acentuar bem, que eu não me julguei obrigado, nesta singela saüdação, que está longe das ambições de elogio académico — ¡e ainda bem, por todos os motivos! — senão a apontar de relance algumas das irizações do diamante, as impressões fugitivas que o génio de António Cândido me despertou, numa visão fragmentária.

Acima de tudo, evoquei as recordações, que me haviam permanecido no cérebro, dum livro que encantara a minha mocidade. Era o volume das *Orações Fúnebres*. E principalmente — ¿porque não o confessar? — aquele *Discurso do Enterro*, com que abre o volume. De hoje a quatro dias, a 3 de Abril, completam-se exactamente quarenta e oito anos — ¡quási meio século! — que êle foi pronunciado na igreja dos Congregados do Pôrto. O orador acabava de festejar os seus 24 anos. Pois, meus senhores, se é admirável a expressão verbal, opulenta e constelada, apropriada e vernácula, o que surpreende sobretudo é a vasta erudição revelada nessa síntese histórica da influência dominadora do cristianismo

através dos séculos. Ofegantes mas deslumbrados, custa-nos a seguir o levita nesse vertiginoso galopar pelos píncaros da civilização humana. Os quadros desenham-se-nos na retina a traços de luz vigorosa. O ar rarefeito das alturas mal nos enche os pulmões. O encantamento dos panoramas sucessivos alquebra-nos. E é com um suspiro incoërcível que, extenuados, nos abraçamos à cruz, que o orador nos aponta como refrigério supremo, fonte de amor, «lábaro de civilizações!»

Foi há meio século, repito, que êste portentoso *film* cinematográfico passou pela vez primeira ante os olhos, encandeados por certo, dos crentes do velho burgo. O sceptro da oratória peninsular, então radioso na dextra poderosa de Emílio Castelar, num relance lhe reclamou a herança êsse môço de 24 anos, cuja voz sonorosa e prenhe de amavios acabava de acordar os ecos do velho templo portuense. Da oratória peninsular, digo eu, não me esquecendo que essa oratória, desde as remotas eras do velho Séneca, que a espiritualizou, e de mestre Quintiliano, que a disciplinou, é a mais sumptuosa vestidura do pensamento humano.

Eu não sei, meus senhores, nos actuais tempos utilitários e positivos, na formidável crise de idealismo que a recente guerra tornou aguda, o que pensam as modernas gerações dessa riqueza verbal que até chega a ser deleite estético quando,

por hipótese, serve apenas para engalanar fantasmas, para disfarçar quimeras, para revestir manequins inertes. Não sei, ou por outra, suspeito que êle enrugará de desdém muita fronte juvenil. ¿De feito, como é possível que sigam com amoroso enlevo as sinuosidades esculturais das roupagens ou a gradação voluptuosa dos cambiantes olhos a pique de se afeiçoarem às deformidades de uma plástica adversa à natureza, ao colorido berrante e inarmónico cuja voga em tudo se pronuncia, desde a pintura dos paineis até à indumentária das damas? ¿Como hão de embevecer-se na magia sonora dos rasgos oratórios ouvidos atordoados pelas clangorosas dissonâncias ultra-wagnerianas? ¿Como podem estremecer sob a nobre euritmia do período ático corpos que se convulsionam de bom grado ao batuque pele-vermelha da *jazz-band?* ¡Ah! ¡não! Espíritos transviados por atalhos, que se me afigura reverterem às sombras do barbarismo, voltam as espaldas ao sol esplendoroso, que beijou na sua aurora as cumiadas da *Ilíada.*

¡Sol de eterna beleza, que nimbos caliginosos afogam por vezes em transitório eclipse, mas que ressurge para fazer brotar novas civilizações do solo acidentado da história! Vai para cinco séculos que êle reapareceu, depois de uma noite milenária, e o seu fulgor ofuscou a humanidade, iluminando as náus que o génio português guiava à conquista da Terra. ¡É lá possível que as bru-

mas do Setentrião, impelidas ainda pelo canhoneio da guerra, venham empanar-lhe para as gerações futuras o brilho fecundante! ¡Por forma alguma! Agora mesmo, na moderna herdeira de Atenas, uma nova Renascença se denuncia. Uma admirável pléiade renova o culto apolíneo; e à sua frente, Musa coroada de rosas e pâmpanos, avulta a cabeça apaixonada de uma grande poetisa, a condessa de Noailles.

Não se acoimem de importunas estas reminiscências pagãs, a propósito de uma voz que retumbou das eminências do púlpito. Recordemos que o máximo impulso ao movimento ascensional da cultura neo-clássica foi dado por mãos em que rutilava o anel de S. Pedro. Se elas me acodem à mente, é por ver em António Cândido o representante hodierno dêsses incomparáveis artistas que souberam influir o espírito místico em corpos de anatomia perfeita. Não sei se digo uma heresia, não é êsse o meu intento; mas apraz-me imaginar a formosura espiritual da Madona congeminar-se com a corpórea perfeição de Afrodite. Folgo que o génio profundamente cristão de Camões haurisse no simbolismo mitológico as fontes de sublime inspiração. E não sei de molde mais adequado para a idealização da Justiça, da Bondade, do Amor, do que o vaso de suprema Beleza, criado pelos estetas do Helas.

Afigura-se me que neste sentimento me irmano com o ínclito espírito que hoje consagramos. Na

brilhantíssima alocução que êle dedicou à memória de Victor Hugo, é uma poesia de exterioridades pagãs, se bem que espiritualista na essência, que António Cândido encontra o tema capital dos seus luminosos conceitos. Depois de a parafrasear numa prosa, que não desmerece em quilates o ouro açacalado do grande vate, êle produz êste aforismo, que amorosamente respigo para esmalte precioso de um pobre ramalhete: «A mitologia e o romantismo são ainda hoje e serão por muito tempo, talvez, os mais belos e graciosos relevos da imensa perspectiva da Arte!»

¡São decerto, meu nobre, meu egrégio consócio! ¡Mas, para que avultem aos nossos olhos em toda a sua fascinante beleza, importa serem iluminados pelo fulgor genial, brotando de cérebros privilegiados, coando-se de bocas de ouro, como a sua, António Cândido!

*

* *

Essa íntima aliança do pensamento evangélico com a larga e profunda cultura humanista desde os inícios se denunciou na palavra ardente e fecunda do grande orador. Caudal impetuoso, carreando rubis do Pegu e pérolas do Golfo Pérsico, torrente de mil arrebatadoras scintilações, que se despenha da cátedra e do púlpito, para borbulhar

mais tarde da tribuna parlamentar e da cadeira académica, para se dispersar, mais raramente talvez do que reclamariam seus ávidos admiradores, por agremiações ansiosas de seu benéfico influxo, em várias cerimónias ligadas ao bom nome ou aos interêsses da pátria.

Entre todas essas soberbas manifestações do seu poder oratório, vem a pêlo recordar, hoje que a família lusitana se alvoroça com os próximos festejos de Além do Atlântico, o discurso que António Cândido pronunciou há 22 anos, no teatro de S. João do Pôrto, comemorando o 4.º centenário do descobrimento do Brasil. Essa admirável lição de história e de patriotismo, vasada no mais puro metal da eloqüência, devera ser reproduzida agora, para ensinamento e enlevo de nós todos, portugueses e brasileiros, para consagração da obra colossal que o génio português realizou no Novo Mundo. A *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, monumento a que pôs sólidos alicerces o nosso ilustre consócio Malheiro Dias, encontra em algumas páginas dêsse discurso a sua síntese maravilhosa, hino heróico que consubstancia a longa e erudita crónica hoje iniciada.

Bem a propósito viria incrustar no meu desvalioso embrèchado algumas pedrarias arrancadas a essa magnifica peça de joalharia.

Receio embaciar-lhes a refulgência com o meu anélito, quebrar-lhes entre as mãos inábeis o pri-

mor das arestas. Seja-me apenas lícito relembrar as estrofes soberbas que ao nosso idioma endereçou o estro do seu excelso cinzelador.

«Todas as raças», canta o mestre da palavra, «que passaram por êste canto da terra, aqui deixaram a flor e o ideal de sua alma. Desde a povoação céltica e a colonização grega, de que tantos vestígios restam ainda nas nossas províncias do norte, até à invasão dos árabes que envolveram toda a civilização da península numa etérea poeira de luz e oiro — as imaginações sucessivas supervenientes contribuïram, todas, à formação desta língua admirável, que, sob muitos aspectos, não tem superior no mundo. Serve a tudo: à epopeia e ao idílio, à lamentosa elegia e ao cântico de guerra. Passando pelas cordas duma lira, é suave e dôce como a voz do amor; assoprada na tuba épica, é vibrante, sonora, e grandiosa ou terrível segundo os temas que versa, as acções que canta ou os heróis que celebra. O sol doura-a, ilumina-a, aquece-a; e a nossa paisagem, tão variada e linda, tão florida e perfumada, reflecte-se nela como na superfície clara dos nossos rios, e nas ondas, de tanta côr, que o mar estende por essas praias».

Agradeça-me o esclarecido auditório o largo da citação, que anima de lampejos diamantinos o fusco da minha palavra.

Releve-ma o meu grande consócio, se a minha voz a empanou. A língua que eu falo é a mesma

em que êle exteriorizou as suas concepções. Mas só justifica integralmente os subidos encómios que acabais de escutar, quando é trabalhada em cérebros que lhe dêem anchura e relêvo, quando ressôa em lábios que saibam modulá-la na perfeição. Catequizou e fulminou com António Vieira; fascinou e convenceu com Garrett; arrebatou e radiou com José Estêvão; comoveu e evangelizou com Malhão. Mas nenhum dêsses, com serem grandes, se avantaja a António Cândido no sábio aproveitamento de todas as gradações de que êsse admirável instrumento é susceptível. Porque, na orquestração exuberante do seu verbo, a cítara desfere arpejos plangentes de elegia, a avena aveluda os trilos idílicos, a tuba reboa os clangores da epopeia. E todas estas notas se harmonizam em magistrais sinfonias, que arrastam, no turbilhão ascensional da Justiça e da Piedade, as almas dos ouvintes, ainda as menos acessíveis às sublimidades dessa música incomparável.

Êsse o condão dos grandes oradores, essa a poderosa faculdade que, acima de todos, me inspiraria vislumbres de inveja, se a tal pecado eu fôsse atreito.

Demóstenes logrou atear a chama patriótica em corações pusilâmines, levando-os para as lutas da Liberdade. A eloqüência de Cícero salvou Roma de uma tenebrosa conjura. Hoje, a alta individualidade de António Cândido,

mercê do rasto que deixou a sua palavra fulgurante, assume ainda as gigantescas proporções de um símbolo.

Os seus contornos enevoam-se nos nimbos de apoteose.

A sua nobre figura resplandece ainda aos nossos olhos, pela elevada significação que reveste a homenagem que lhe tributamos.

Nas lanças dos legionários romanos pairavam as flamas azuladas de Castor e Pollux, promissórios da Fortuna. Nas grimpas das náus portuguesas divisavam os màreantes quinhentistas os lumes misteriosos, com que S. Pedro Gonçalves Telmo lhes anunciava a bonança. Agora, no meio da procela desencadeada sôbre a pátria, no confuso fragor de ódios que deflagram, de facções que se degladiam, de discórdias que rugem, de ambições que ululam, de angústias que carpem, o nome de António Cândido surge a meus olhos como êsses lumes bemditos que propiciavam a campanha dos soldados ou a rota dos nautas.

Relendo a sua obra, neste momento, parece-me descortinar na caligem dos horizontes a curva multicor e majestosa do arco-íris, sinal de aliança, prenúncio de paz.

E, sobrepujando as aclamações com que o escol dos intelectuais festeja o grande orador, eu julgo ouvir a grita imensa das almas simples, que repetem diante da simbólica transfiguração

a jaculatória da marinhagem perante as flamejantes aparições:

«¡Salvé, Corpo Santo!»

¿É porventura sacrílego o meu sonho? ¡Não! Ao secundar a pia invocação dos navegantes, eu não me dirijo ao homem, grande embora, a quem todos rendemos homenagem. Curvo-me perante a transfiguração que espiritualiza nesta hora solene a sua entidade moral. Salvè, lema de concórdia, farol de justiça e de bondade... ¡Ah! ¡a bondade! ¡lei suprema da vida! proclamou algures a sua boca de oiro. ¡É uma aurora de paz que desponta, são ondas fúlgidas de amor que descem a aquecer-nos! Recebamo-las em comunhão reverente. Ao seu influxo é que elevaremos para a prosperidade e para a glória êste Portugal heróico, supremo foco para que convergem os corações de todos nós.

Seja-me permitido, na minha peroração, reverter ás dilectas reminiscências clássicas.

¡Exultemos, confrades, concidadãos, amigos! ¡Exultemos à semelhança dos antigos romanos!

Êsse rumor que escutais, é um ranger de batentes brônzeos: sob os auspícios do génio, cerram-se as portas do templo de Jano.

Esse clarão que vislumbra, vem do altar sacrossanto de Vesta. A chama votiva da pátria estremece, crepita, ascende aos ares, beija os céus. É que sôbre ela haveis derramado dois combu-

rentes enérgicos: o incenso do entusiasmo artístico, o doce leite da ternura humana(1).

Exultemos por mais um motivo ainda. A esta mesma hora, núncios da boa nova, aves de festivo agouro, dois audazes aeronautas reverberam na amplidão do azul a esteira luminosa de Álvares Cabral. ¡Não desperdicemos o ensejo de saüdar o génio português no seu duplo aspecto: a inteligência e o heroismo!

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

(1) *The sweet milk of human kindness* (Shakespeare).

III

Senhor Presidente da República;
Senhor Presidente da Academia;
Meu querido António Candido;
Minhas senhoras;
Meus senhores:

Quando António Cândido nasceu, há setenta e dois anos, em 1850, ainda havia primavera em Portugal. Ainda havia primavera e muitas outras coisas, que hoje já não existem, — em compensação de outras que existem agora e ainda não existiam nesse tempo. Foi, pois, numa autêntica manhã de primavera, embalsamada pelos primeiros perfumes e vibrante dos primeiros frémitos criadores, que sôbre uma vertente do Marão, num raio de sol, desceram três das velhas musas da antiga Grécia. Essa luz, rosa e ouro, que têm as lindas manhãs na montanha, inundava a doce e, ao mesmo tempo, agreste paisagem amarantina. As três musas pararam diante duma modesta casa, e uma delas, a mais nobre e a mais solene, de mais forte e vibrante voz, Calíope, que os senhores conhecem, a musa da Epopeia, relanceando pela majestade dêsse hori-

zonte sem par os olhos, em cujas pupilas, que dir-se iam de bronze, dorme ainda o génio de Homero, disse:

— A montanha, bela como uma catedral, desperta cantando. O vento ressôa, de quebrada em quebrada, como a voz religiosa dum órgão. A montanha é uma soberba nave e dos píncaros da colina, na paz primaveril, sobem ao céu, como mãos erguidas, hinos góticos e profundos. Á alma do Poeta, que vai nascer, darei com o meu beijo a solenidade religiosa, a ressonância, a majestade do Marão.

A outra musa, de longos cabelos destrançados, e em cujos lábios o Amor sorria, como um zumbido dourado, estendendo os braços para a imensidade da montanha, toucada de branco e ouro, e, dominando na carícia do seu gesto triste, a écloga dos prados que começavam a florir, o palpitar dos ninhos ruflantes de asas, a voz dos regatos e o tilintar dos rebanhos nas encostas, o fumo dos casais subindo na claridade matinal, todo êsse voluptuoso estremecer da terra que o beijo do sol acorda, disse:

— A brancura das neves que, como um lençol refulgente, cobre os altos dos montes, a graça das manhãs e das brisas, a ternura azul do céu, a simplicidade, o amor, povoado de trinados, a sombra dos castanheiros e o perfume das giestas dormirão no fundo dos seus olhos e do seu coração.

E a Musa do Lirismo afastou-se. Os seus pés nús, brancos e leves como jasmins, tocavam, sem pousar, o chão húmido ainda do orvalho da madrugada. E Euterpe, a Musa da Harmonia, traçando sôbre o colo de alabastro o manto diáfano com que a fantasia dos mortais e a emulação dos Deuses a cobriu, murmurou por seu turno:

— A sua voz terá a harmonia, lenta e clara, dêste horizonte que o vôo das águias sulca e o docel das nuvens cobre, como uma cúpula sonora e imensa.

E foi assim, bafejado pela bênção das Graças Imortais, que nesse ano feliz nasceu, para a glória da Eloqüência, a palavra de António Cândido — nesse berço gigantesco e sagrado de uma montanha de Portugal.

Peço desculpa, meus senhores, desta pequena digressão olímpica e parnasiana diante de um auditório que, porventura, não acredita em Lendas, nem em Musas. Antigamente, porém, era de rigor crer que, quando um grande homem surgia no mundo, as boas Fadas da Inspiração e do Triunfo vinham curvar-se sôbre o recemnascido, trazendo-lhe cada uma delas, no regaço divino e segundo o gôsto da época, um braçado profético de gloriosos votos.

Eu confesso também que, se algum dia acreditei em Musas, delas descri já completamente. Mas não encontro outra forma mais fácil de explicar o milagre dessa voz, tão pura e tão clara,

nascida para as nobres fulgurações da expressão e da beleza nessa distante primavera e nesse remoto recanto do Marão — e que para o prestígio, para a sumptuosidade, para a sobriedade da eloqüência dir-se-ia que trouxe, como um reflexo imortal e como um eco soberbo, os atributos, a solenidade, a própria transparência e a grandeza dessa paisagem de neve e de flores, de que o Destino lhe fez o berço incomparável e de que, na vastidão do pensamento, no magnífico vôo de inspiração, serena e igual, a sua palavra parece ter sido, pela vida fóra, a gloriosa e espiritual continuação!

Como Danton conservou sempre viva a recordação do seu «Val d'Aube», António Cândido nunca deixou perder a imagem do seu Candemil, onde o seu génio oratório mergulhou, na seiva redentora da montanha, as primeiras raízes. Através de todas as vicissitudes da sua existência de tribuno, a alma do Orador ficou sendo sempre a Águia do Marão, como lhe chamou Camilo A alguns oradores do seu tempo, do nosso tempo, com os quais êle cruzou o vôo, poder-se-á chamar, sem impropriedade, no seu canto melodioso, fino ou astuto, rouxinois, pardais e até melros. António Cândido, no meio de todos, foi sempre a águia altiva, soberba, que, na curva subjugadora do seu vôo, inalteràvelmente trouxe a altura, a harmonia, a ressonância e a amplitude das serras, em cujos cumes, perto das nuvens, as

suas asas aprenderam a elevar-se, cortando o espaço, no infinito azul!

Nenhuma expressão de arte me parece mais directa, mais sincera, mais vividamente filha da terra do que a Eloqüência — quando a eloqüência é essa fôrça dominadora da natureza de que falava Carlyle.

O homem pode mais tarde aprender a pensar nos livros, pode nas paixões, na convivência social, na educação modificar essa sensibilidade de inteligência que se chama o talento, pode nas viagens, na transplantação e acomodação a outros países e a outros horizontes morais, cultivar, adoçar, perverter o seu espírito e a sua compreensão, mas essa faculdade especial de receptividade e de repercussão, que faz da palavra humana, mais do que um órgão expressivo, um instrumento criador e musical de imagens e de emoções — essa faculdade não pode deixar de ser um produto das primeiras vibrações, para sempre gravadas na alma, lira divina, por êsse primeiro contacto com a natureza, essa primeira integração sentimental e sensorial da consciência na vida que a cerca — essa primeira comunicação do ser humano com a Luz, o Som, o Espaço, a Côr que lhe ficará para sempre colada aos olhos e aos ouvidos e de que a sua palavra será sempre o reflexo ardente, sereno, agitado, como um espelho fiel, vivo e inalterável.

Quando Balzac se refere à frase exaltada dum

cidadão d'Arcis, mostrando no centro dessa saibrosa paisagem côr de fôgo da Champagne, a sua melancólica cidade natal, para dizer: «¡Foi daqui que saíu Danton!», Balzac exprimia, com essa admirável intuïção humana, que é a essência do seu génio, uma perfeita verdade moral.

Não era apenas Georges-Jacques Danton, homem, que o orgulho do seu patrício queria indicar como nascido, por acaso, dentro dos pacíficos muros provinciais de Arcis. Era à própria eloqüência sentimental, brutal do «Atleta da Revolução», «*le Titan à figure de Tartare*», que o provinciano de Balzac queria justamente referir-se, como vinda de ali, brotada ali, inspirada ali, filha dessa soturna, concentrada visão duma paisagem em que, sob a paz sonolenta da planície, dir-se-ia que há, prontos sempre a irromper, o fogo impetuoso e a incandescência dum vulcão.

Quem poderá, meus senhores, separar essa variada, sonora, multiforme paisagem da ria de Aveiro, móbil e inconstante, sulcada de ventos revoltos e fortes, emanação salina e luminosa do mar, que ruge, e da colina verde e ondulante, que murmura — quem poderá separar o sol, a volubilidade, a luz crua das marinhas de Aveiro da voz apaixonada, batida também por todos os ventos, da dor e do entusiasmo, a voz impetuosa, sacudida pela improvisão, vária, insubmissa que, como um tufão, uma labareda ou uma vaga de

espuma, passou sôbre a palavra portuguêsa: ¡a voz de José Estêvão!

Não é fácil compreender o lirismo, a candura exaltada, o romântico esplendor da eloqüência de Passos Manuel, sem a ligar à dôce écloga dêsses horizontes dos arrabaldes do Pôrto onde êle nasceu, em que os ternos milharais ondulam, a verde ramaria dos pinheiros marulha — e sob um céu em que o mar próximo reflecte ainda a inquietação do seu dôrso luminoso e arquejante, as águas soluçam, as madre-silvas cantam e os poentes são longos, dôces, heróicos, como heróica, sonhadora e dôce era a alma fremente do tribuno!

Foi nas margens pitorescas do Loire, o rio que, criado nas montanhas vulcânicas de Vivarais, ora coberto de areias no verão, se torna, aqui e além, uma língua de fôgo, ora rolando, no inverno, em torrentes, inunda os campos, devasta as terras, terrível e avassalador; ora, estuário magnífico, se espraia tranqüilamente, sôbre areias claras como um lago — foi nas margens do Loire que nasceu Mirabeau, o orador em cujos olhos Chateaubriand afirmava que havia relâmpagos de orgulho, de vício e de génio. Que imagem mais completa dessa eloqüência transbordante, por vezes; árida, sêca, ardente, outras; tempestuosa, por momentos; clara e serena de quando em quando; ora caudal, ora chama, ora inundação, ora superfície tranqüila que a brisa acaricia; elo-

qüência desigual, tumultuosa aqui, coleante e persuasiva, àlém; sempre forte, sempre insubmissa, sempre fecunda; que imagem mais semelhante e fiel dessa eloqüência do amor e da cólera que vibrou nos lábios inflamados de Mirabeau, a quem Goethe chamou o milagre, — rio em cujo fundo ora se vê a areia límpida, ora a lama e o abismo — do que essa corrente que ora ruge, ora se espraia, ora devasta, ora cria, ora sepulta em lôdo, ora beija e palpita, que é o Loire, magnífico e rebelde?

A eloqüência de António Cândido nasceu na montanha e filha da montanha, majestosa e solitária, ficou sempre. O ar forte, o ar puro, do Marão vivificou a alma dessa palavra que sempre pairou, como a alma das serras paira, sôbre a mesquinhez das coisas e dos homens. O mar é o tumulto. A montanha é a serenidade augusta, a paz, que a beleza povoa, a meditação que o silêncio engrandece — e a voz de António Cândido foi sempre a harmonia esplêndida dessa poesia da distância e da contemplação que é o dom supremo das grandes inspirações humanas.

Na luz dilatada das manhãs, quando a serra nasce na límpida côr do espaço; na religiosa, longa melancolia dos poentes, lento adormecer das sombras, que a mão de Deus embala, a sua voz aprendeu a sonoridade e a elevação e o seu espírito embebeu-se para sempre dessa «doença do Ideal», que José de Alpoim atribuia,

numa definição feliz, ao seu génio oratório. O mistério da montanha vive no fundo do seu temperamento reflexivo e místico. Mas a montanha não é apenas a altura, a majestade, o rochedo e a floresta, a neve, o Sol — a montanha é também o vale em que repousa, o prado que a cerca, o horizonte que a enquadra. E da fértil, húmida e fresca bucólica amarantina, vinhedo e pomar, seara e jardim, a inspiração de António Cândido trouxe para a serenidade do seu pensamento e para as nobres visões da sua eloqüência a graça e a ternura, a simplicidade e o lirismo, a transparência e a claridade do seu verbo. Nunca a cólera ou as paixões, o tumulto ou ódio agitaram ou perturbaram a sua palavra, forte como o bronze e perfeita como o mármore. Também, através da tempestade que sacode o espaço, do vendaval que a fustiga, do trovão que ribomba, a montanha é serena, soberba, impassível, dominando as nuvens e abrigando os homens...

*

* *

Muitas vezes, meus senhores, confunde-se a Eloqüência, que é uma flôr divina, com o talento de falar bem, que é um atributo mais ou menos vulgar, sobretudo no espírito latino. Falando sôbre José Estêvão, foi António Cândido o primeiro a notar esta diferença profunda, quando

disse: «a eloqüência é o esplendor duma alma espontânea e sincera».

De facto, o talento de falar bem é uma aptidão meramente formal, dependente duma improvização mais ou menos fácil, de qualidades de dição, mais ou menos brilhantes, duma dialética mais ou menos pronta — e, até às vezes de uma memória mais ou menos feliz. A eloqüência é uma coisa diversa, infinitamente mais rara, porque é uma conjunção de dotes espirituais complexos; um poder criador, não apenas de imagens, mas de visões; uma fôrça de ideal posta ao serviço, não apenas da palavra, mas de todo um ser; uma faculdade de transfiguração da vontade, da imaginação, da inteligência, do sentimento e da sensibilidade em ritmo, em atitude, em expressão, na chama comunicativa e subjugadora da palavra e da fé! Pode falar-se bem — com o talento. Só se é eloqüente — com a alma. A eloqüência é um estado de consciência. Nem todas as pessoas que fazem bem versos são poetas; nem todos os homens que falam com facilidade são tribunos. Não basta ter o dom, mais ou menos fonográfico, de juntar palavras, sentir dentro de si, nos grandes momentos, como que uma mola invisível que faz mover o disco do «peço a palavra» — para se ser orador. Só é orador aquele cuja voz é um instrumento de beleza e cuja inspiração se alimenta do fogo sagrado do ideal.

Naqueles que possuem a verdadeira eloqüência

a palavra é uma alma que se corporiza em sons, que flameja em ideias e em sentimentos, que incendeia, que brilha, que ilumina. Mas a eloqüência — e nisso se distingue da verbosidade — só existe ao serviço do Pensamento e da Poesia. É por isso que, em geral, o grande orador não é um falador: é um concentrado. Demósthenes era taciturno. «Eu meditei sempre antes de falar» — disse António Cândido.

Mas a reflexão, a imaginação, o sentimento da beleza não bastam. A velha definição latina do orador continua sendo exacta: «vir bonus dicendi peritus». O anátema que Chénier lançou sobre a memória de Mirabeau *¡il n'y a point de grand homme sans vertu!* continua sendo a expressão dum juízo que, ao orador, mais do que a qualquer outro homem público, tem uma aplicação necessária e implacável. Só a coerência do sentimento e da inteligência, a superioridade afectiva, a fé e o ardor do coração, conseguem imprimir à voz humana essa sugestão, essa limpidez de espírito, êsse prestígio dominador e êsse acento de convicção e de proselitismo que fazem da eloqüência, não apenas uma expressão artística admirável, mas uma fôrça moral superior.

A alma do homem que ali está foi essa lira da meditação, da beleza e da bondade — e, por isso, ela foi soberana, empolgante, essencialmente eloqüente. E, por isso, também o rasto da sua palavra admirável deixou na vida portuguesa uma

lição moral e um sulco epiritual que, como um facho de luz, chegam até esta sala e a esta noite em que, aclamando-o a êle, alguma coisa aclamamos mais do que o seu nome, alguma coisa consagramos mais do que o seu triunfo pessoal, alguma coisa saudamos acima da sua glória esplêndida de tribuno!

*

* *

Não posso esquecer, minhas senhoras e meus senhores, pelo facto de me encontrar nesta tribuna académica, que por um acaso que profundamente me desvanece, foi dum modesto artigo meu de jornalista sôbre António Cândido que nasceu, como duma quási invisível faúlha nasce uma labareda, o cortejo que nos trouxe até aqui. E aqueles que viram ou vêem apenas no pensamento que ditou esta homenagem, no côro, absolutamente geral, de aplausos e adesões, que se lhe seguiu, a simples, episódica, platónica e fortuita apoteose dum homem ilustre, engananam-se sôbre o verdadeiro significado nacional desta manifestação.

Honrar um grande homem seria já de si um nobre acto e um nobre exemplo. Os países valem o que valem os seus homens superiores. A Pátria não é o sítio: é o Espírito e o espírito duma pátria é constituído pela teia luminosa,

ideal, imorredoira das suas tradições de inteligência, pela projecção das suas virtudes cívicas, pelo culto de todos os estímulos superiores de beleza, de justiça, de solidariedade — e pela grandeza e pela glória dos homens que, na ininterrupta cadeia dos Mortos e dos Vivos, representam essas tradições, essas virtudes ou êsses estímulos.

¿Mas porque, entre outros homens ilustres, escolher, nesta hora, o nome de António Cândido? ¿Porque o prestígio dêste nome conseguiu uma unanimidade de sufrágios que dificilmente outro conseguiria? Estas coisas (é preciso acreditá-lo) nunca são um produto do acaso. Um nome só encontra, num dado momento, um eco nacional quando traduz um sentimento ou uma aspiração colectiva. E a verdade é que o que nós hoje aclamamos na glória de António Cândido não é apenas o fulgor duma arte que êle próprio definiu «a mais viva e a mais mortal de todas»; não é apenas a recordação, aliás imorredoura, do seu génio tribunício; não é apenas o clarão, que ainda hoje nos ilumina, do seu verbo, em que tanta vez passou a inspiração dessa beleza esplêndida e perfeita que animou outrora, nos lábios de Demósthenes, de Bossuet, de Gambetta, de António Vieira, de Manuel Passos, de José Estêvão, a alma duma religião ou duma pátria!

¡Não! ¡A voz de António Cândido é para nós, neste obscuro momento de divisões e numa socie-

dade hostil, um símbolo vivo, o símbolo de todas as virtudes de clareza, de harmonia, de solenidade, de lirismo, de graça e elevação da palavra portuguesa, que na sua boca foi sempre pura e nobre e que os nossos ódios envenenaram, o fel das nossas violências azedou e a mediocridade e o espírito de demolição prostituiram!

A palavra portuguesa que nasceu com Portugal, forte e bravia, como os tojais, amassada ao sol das conquistas, nos cerros e nas montadas, palavra de Deus e palavra de Sonho que os nossos guerreiros levaram na ponta das espadas e nos braços da cruz, alargando a nação e dominando a terra e que os nossos navegadores, nas ásas das caravelas, levaram, queimada pelo vento, sôbre o mistério do oceano, à África, à Índia, ao Brasil, dum canto ao outro do mundo; palavra com que o Infante D. Henrique, sonhando alto sôbre os rochedos solitários, embalou as ondas de Sagres; palavra que, imagem distante da Pátria, fechou, como uma flor de sangue, os lábios moribundos de D. Fernando em Fez, de D. Sebastião em Alcácer-Kibir; palavra em que D. Duarte moldou saüdades e lágrimas; palavra que escaldou de amor os lábios de D. Pedro; — que em João das Regras foi redenção, na alma de Nun'Alvares hino e prece, no estro de Gil Vicente sátira e povo, no peito de Bernardim Ribeiro graça e enlêvo, no génio de Camões sofrimento e epopeia! Palavra divina, imortalmente feita para cantar todas

as doçuras do céu benigno que nos cobre, o desejo e o êxtase de todos amores; palavra talhada em bronze, feita do aroma das giestas das serras e da rútila espuma do mar; palavra que troveja e que murmura, que brincou, palpitou, idílio, e madrigal, flôr de fogo no jardim de Garrett, que rezou na lira de João de Deus, palpitou em sofrimento e unção na musa de Antero, delirou e chorou com António Nobre, que foi sarcasmo, tempestade, paixão na dor de Camilo, saúde, viço, solidez na pena de Ramalho, ironia, elegância, paradoxo nos lábios nervosos de Eça, sinfonia heróica nas estrofes de Junqueiro!

Essa palavra gloriosa, sonora e dôce, traço de luz que brilha e perdura, através de todas as vicissitudes, como uma virtude e um culto da raça, abastardaram-na os nossos ódios, fazendo do seu claro manto refulgente a capa esburacada das nossas dissenções e das nossas violências! Instrumento imortal de graça e beleza fizemos dela navalha, adextrando-a na truculência e no calão das alfurjas! Palavra que se engrandeceu na ascensão do pensamento e do ideal, tornámo-la rancor, lama, banalidade, miséria!

¡A voz de António Cândido, meus Senhores, foi o último éco dessa límpida e cristalina palavra portuguesa! Foi a palavra que nunca se maculou no lôdo da vulgaridade e sempre pairou nas soberbas e serenas regiões do Pensamento e da Emoção. Foi a palavra que combateu e

nunca agrediu; que persuadiu e nunca corrompeu; que entusiasmou e nunca mentiu; que soube ser eloqüente sem nunca deixar de ser sóbria — lição admirável a um país em tumulto e em que a linguagem se tornou a expressão venenosa e desvairada de todas as desinteligências, de todas as mentiras, de todas as propagandas pérfidas, de todas as vaidades faladoras, de todas as intrigas sangrentas! No meio dessa feira de mediocridades e rancores, no meio de tantos ídolos de barro, que a lama e o sangue salpicam, no meio duma multidão que se agride, que deixou de crer em Deus, nos outros e em si própria, no meio da ventania que destroi, como um tufão, os últimos ideais duma sociedade em delírio — a eloqüência magnífica de António Cândido é como uma Estátua soberba e intacta, mármore divino, em cujos lábios mal cerrados um sonho adeja, em cujas linhas helénicas e impecáveis a fé modelou a graça e o êxtase e cujos olhos, que o cinzel do artista dir-se-ia ter animado, se voltam ainda, sôbre a mesquinhez da terra e dos homens, para as altas cumiadas da neve e do sol do Marão, onde as nuvens passam e onde as águias noivam!

*

* *

Para celebrar hoje aqui, com a oportuna lição do seu símbolo, o milagre surpreendente desta

Estátua perfeita e bela, que é a glória de António Cândido, eu evoco, em tôrno da sua soberba cabeça de tribuno romano, as imagens, vivas e imperecíveis de todos os grandes momentos da Eloqüência Portuguesa — e essas imagens vêm, animadas pelo sôpro imortal que as criou, palpitar, vibrar de novo entre estas paredes eruditas. São êsses florões magníficos da Palavra Portuguesa de todos os tempos, que vêm coroar a fronte do artista da voz serena e pura.

É o *grão-doutor*, primeiro, o discípulo astuto da Universidade de Bolonha. ¡À sua volta agitam-se, como num pano de fundo, prelados, fidalgos, procuradores do povo, Martim Vasques da Cunha, o mestre de Aviz, Nun'Alvares, coberto ainda pela poeira e pelos louros de Atoleiros! São as côrtes de Coimbra que, à luz da labareda de patriotismo que incendeia Portugal redimido, vão dar um sucessor à coroa. Entre os desfalecimentos de uns, a imprudência de outros, a ansiedade de todos, uma voz se eleva, forte como a espada do Defensor, leal como será o braço do Condestável — é a voz de João das Regras. ¡Instante supremo, grande como uma batalha! É essa voz que vai dar uma razão ao génio de Nun'Alvares, um pensamento às aspirações da Pátria, um grande rei ao trono, a dinastia de Aviz a Portugal! A voz de João das Regras lê citações, confronta textos, disserta, discute; de súbito, eleva-se, ressôa poderosa e altiva. As som-

bras dos nobres, dos procuradores, dos letrados agitam-se, indecisas, primeiro; subjugadas depois pelo prestígio dessa dialectica, que o génio da nação anima — e no triunfo admirável dessa palavra surge, aclamado para os destinos da raça, o Portugal maior, o Portugal das caravelas, o Portugal de D. João I!

Á visão, larga e severa, das côrtes de Coimbra, sucede agora um púlpito na catedral da Baía. A cidade foi ameaçada pelas armas de Maurício de Nassau, a agitação contra os holandeses cresce. O templo regorgita de gente. Um môço teólogo português da Companhia de Jesus sobe lentamente os degraus do púlpito. Os seus olhos brilham dum estranho fulgor de audácia. Tem vinte anos. A sua reputação começa apenas. As vigílias ainda não lhe queimaram a face, mas no seu perfil anguloso o génio da meditação deixou já a sua pálida marca de sonho. Os primeiros ecos dessa voz vibram duma estranha comoção. Um calafrio de entusiasmo e de espanto percorre os fiéis. O jovem padre acusa Deus de ter abandonado Portugal — e dessa bôca juvenil, cuja eloqüência vinte e oito anos depois havia de assombrar Roma, sai, entre apóstrofes esplêndidas, um dos mais belos, mais ardentes rasgos de oratória que jámais iluminaram a tribuna sagrada de todos os tempos e a tribuna duma Pátria. É o Padre António Vieira.

Os ecos sublimes e inolvidáveis da Palavra

Portuguesa continuam. E agora é a tribuna de 1820: os revolucionários, hirtos nas gravatas altas, vestidos de briche, cheios de quimeras, idealistas e ingénuos. No meio das ilusões e dos excessos dos utopistas, cobrindo-lhes o ardor com a sua folhagem florida, uma árvore sagrada braceja, ergue-se, domina: a árvore da Liberdade. É Fernandes Tomás quem fala. O idealismo nacional, impetuoso e crente, a inabalável fé nos destinos do povo e da democracia vibram na sua voz e a sua bôca grita, como um desafio, um brado de orgulho, um grito de união, a apóstrofe célebre: «¡a Pátria é só uma!»

É depois a voz, já desiludida, já cansada, mas que ainda na inexaurível consciência do apóstolo encontra acordes de sublime veemência — é a voz de Passos Manuel que defende os vencidos de Torres Novas e de Almeirim.

A sala do velho Parlamento português ilumina-se agora e ressurge a nossos olhos. Desenha-se nas bancadas dos deputados um movimento de curiosidade e impaciência. Acabou de falar uma voz — lira de eloqüência, em que todos os sons vibram — a voz de Garrett. Ergue-se uma figura forte, varonil. A sua cabeça traduz uma soberba expressão de fôrça. É José Estêvão que vai replicar ao escritor das *Viagens na minha Terra*. A Câmara assiste ao duelo de dois gigantes. José Estêvão começa: «Disseram-se injúrias, jogaram-se apedrejos, e eu não ouvi as injúrias e as

pedras nem os vestidos me tocaram...!» E a sua voz, que fazia chorar aqueles que a escutavam, pronuncia êsse trecho imortal do discurso sôbre o *Porto Pireu*, que evoca, com o génio de Cícero, uma página da tribuna romana!

São as velhas e sumptuosas tapeçarias do Palácio Real do Prado, de Madrid, que se descerram neste momento diante dos nossos olhos. Os Reis de Portugal visitam os Reis de Espanha. Um almôço reúne na mesma sala os representantes da intelectualidade da península. Cala-se a palavra de Moret, émulo de Castelar. Alguém vai falar por Portugal. Um murmúrio de cortezia passa entre a assistência. Levanta-se Manuel Pinheiro Chagas. Evoca as tradições da arte espanhola, evoca a sombra de Filipe II. Os aplausos rompem irreprimíveis, clamorosos. A eloquência portuguesa triunfa de todas as reservas. Moret ergue-se do seu lugar. Tem lágrimas nos olhos e o beijo do orador espanhol sagra nessa hora sôbre a fronte de Pinheiro Chagas a glória peninsular da oratória portuguesa!

E para saudar, por último, o António Cândido, que nós temos hoje a honra de receber e festejar na nossa Academia — o António Cândido doutros tempos, em plena glória, ressuscita também aqui! Eis a sua voz que domina a multidão que o aclama no Palácio de Cristal, do Porto, onde se celebra o centenário do Infante D. Henrique. A sua cabeça de medalhão antigo transfigura-se

ao calor das ovações e ao ritmo musical da palavra. Acaba de falar de Pátria, de ideal, de glória; pelos seus lábios frementes de emoção passa, dir-se-ia, a alma da própria História.

E a sua épica evocação termina:

«Quando o povo de Israel foi expulso do Egipto, Deus colocou diante dêle, para o guiar no deserto, uma coluna de fogo e uma coluna de nuvens. A de fogo brilhava durante a noite escura: a de nuvens desenhava-se vagamente na claridade do dia... Sucede coisa semelhante, meus Senhores, na interminável peregrinação do nosso espírito realizada intermitentemente na luz e na sombra...»

*

* *

Na noite escura que nos cerca, a sua palavra aparece-nos hoje, meu caro António Cândido, como essa coluna de fogo do povo de Israel de que a sua própria eloqüência falava ha trinta e três anos!

DR. AUGUSTO DE CASTRO.

IV

Senhor Presidente da República;
Minhas Senhoras
Meus Senhores

É noite de festa nesta casa, festa de homenagem a um dos mais ilustres e queridos ornamentos da nossa Academia e a um dos mais gloriosos filhos também da portuguesa terra.

A êste brilhante sarau, interrompendo uma ausência académica de há numerosos anos, venho pois com intenso júbilo, trazido não só pela amizade, como igualmente pelo dever que há de nos associarmos a todas as demonstrações de patriótico aprêço por aqueles, que pelo brilho do talento, pela benemerência das virtudes, pelo seu valor scientífico, literário, artístico, ou por eminentes serviços prestados ao Bem do país, honram a pátria comum.

Mas nesta ocorrência o meu desejo seria simplesmente o de — assistir e aplaudir.

Oficiar, muito ou pouco, na festividade consagrada a António Cândido não podia realmente entrar no meu pensamento, e assim grande foi a surpreza minha, sentindo-me instado por Júlio

Dantas para vir a esta tribuna exprimir conceitos glorificadores de um português, ilustre entre os mais ilustres, certamente radicados no meu coração, mas por ventura de condição menos florente pela insuficiência da minha palavra.

Já em tempos idos, aqui neste mesmo logar, proferi, a grande distância um do outro, os Elogios de dois dos nossos mais valiosos confrades, o Doutor Agostinho Vicente Lourenço e o Conde de Ficalho, mas, além de que pertenciam, como eu, à Classe de Sciências, eram já falecidos, o que lhes não permitia revindicta contra a deficiência do panegirista. Com António Cândido, porém, o caso muda de figura, pois está felizmente vivíssimo e assim possìvelmente recalcitrante, e, por outra parte, pertencendo o seu domínio intelectual, fonte da sua resplandecente fama, às letras, crescem para mim os aventurosos riscos da incompetência para a conscienciosa celebração do engenho e da grandeza da sua eloqüência.

Se, pois, aceitei o grato, mas assaz espinhoso, encargo de aqui dizer algumas palavras, foi bem longe da idea de descer, ou subir, ao exame literàrio da oratória de António Cândido, pois está, por todas as formas, bem entendido que me falta para isso a idoneidade, não só oficial, mas também efectiva. O que não quer dizer, porém, que êsse documental aspecto da personalidade do ínclito orador me não interesse, pois membro

desta Academia, em que as letras e as sciências fraternizam, *a fortiori* naturalmente professo o *Homo sum*... do ilustre Terêncio.

Mas em António Cândido o que mais se me impõe, dentro das pessoais circunstâncias em que aqui me encontro, é o homem-orador, em si, e a essência misteriosa da sua eloqüência, aquilo que se pode, numa só palavra, chamar — o seu *génio*.

A leitura de Cícero no seu *De Oratores*, do tratado retórico de Quintiliano e, vindo aos tempos modernos, do interessante *Livre des Orateurs*, de Cormenin, que tanta voga teve, poderia recomendar-se como preparação, mas é certo que para isso não dispunha eu do indispensável vagar e nem sei ao que ùtilmente me poderia conduzir.

O meu desideratum, confesso, seria poder desenvolver o meu tema dentro do meu especial e restrito âmbito académico, no qual a Classe de Sciências em quatro secções se divide: a matemática, as sciências físico-químicas, as sciências naturais e a medicina, sendo a segunda a que me é mais particular.

¿É isso possível?

Não é. A nada conduz, porque o génio escapa a toda a análise scientífica.

A aplicação do critério matemático só se traduziria aqui por aspectos cronológicos e algarismados de datas, de períodos, de fases de uma

vida, em que ao lado de enormes triunfos e alegrias, houve também, como para todas as almas sensíveis, sacrifícios e dores. É pouco, muito pouco.

Dado o natural amor dos oradores de largo gesto à *hipérbole* e as suas tendências não menos naturais a elevarem-se à concepção do *Infinito,* poderia evocar-se analogia do orador com essa linha singular que se chama a *asimptota*, companheira dos ramos da hipérbole geométrica, dos quais cada vez mais se aproxima, sem nunca os atingir senão no Infinito Matemático, isto é, nunca. Mas, reduzido a miúdos, êsse trocadilho redundaria mediocremente engenhoso.

Na História Natural, o homem, orador ou não, é, quanto à sua natureza e orígem, objecto de algumas divergências opinativas. Há os que desceremoniosamente o emparelham com as várias castas de bichos (e com alguns pròximamente o aparentado) dentro do chamado *Reino Animal,* e no *Systema Naturæ* de Linneu êle é apenas, entre os Primatas, o *Homo Sapiens,* vizinho e primo do *Homo troglodytes* e do próprio *Homo satyrus*.

Dentro desta zoológica ordem de ideas, o nosso eminente confrade o mais que lograria seria constituir gloriosamente na dita espécie uma *variedade* — a variedade *orator*. Mas, valha a verdade, há também quem obsquiosamente nos queira, a todos nós que aqui estamos, de preferência

inclusos, emquanto nos não transferem para regimen mais democrático, num reino àparte, o *Reino Hominal* do aristrocrático e reaccionário antropólogo Quatrefages, e nesse caso com parentesco antes divino. Pela minha parte, já bastante desmamado dos radicalismos materialistas, à Buchner (que devorei aos 18 anos) e as suas derivações, dou-me por satisfeito com a mercê e considero que precisamente o dom genial, florível no homem, é bom apoio para esta lisongeira doutrina.

No aspecto médico, o que aí há gostosamente a registar é a excelente, embora sempre queixosa, saúde daquele que hoje felicitamos. Seu abalizado médico, o Dr. António Lancastre, que lhe está ao pulso e sôbre o seu coração tem o ouvido, ainda há pouco assegurou num órgão de publicidade máxima, que António Cândido bateria o *record* da longevidade oratória, pois ainda aos 97 anos, tal qual como o seu loquaz hiper-avô, de nome Isócrates, que viveu 4 séculos antes de Cristo, discursaria às massas. Glória e saúde é inegàvelmente o que se chama: ¡ouro sôbre azul!

Anatomo-fisiològicamente, ainda sôbre outro aspecto o orador e amigo aqui presente — presente, já agora como uma espécie de paciente do mal chamado Santo Ofício — poderia oferecer talvez especial interêsse, se, sem trepanação, sem dor e sem sangue lhe pudéssemos delicadamente explorar o sopé da terceira circunvolução frontal esquerda, dita de Broca, onde êste Charcot e

a sua escola tinham por localizada a faculdade da *linguagem.* Digo *talvez,* porque não é certo que alguma coisa apurássemos: 1.º porque pode haver linguagem e não haver oratória — com a linguagem fazem-se sublimes oradores, mas criam-se também, e em maior número simples orates; 2.º porque, precisamente neste momento, a doutrina charcotiana está sendo batida em brecha na Academia de Medicina de Paris pela alta competência de Pierre Marie. A circunvolução de Broca subsiste, mas a função central da linguagem parece antes difusa e não localizada. É mais uma espécie de dogma scientífico que se esboroa.

¿E com o *génio* tem a fisiologia alguma cousa que ver? ¿Há para êle, como para as funções fisiológicas, uma física e numérica equivalência, cifrável em *calorias?*

¡Não, o génio não é uma secreção, digamos endocrínica, da *glândula pineal,* que Descartes pretendia ser a sede da alma!

Finalmente, ainda no campo da medicina, poderíamos ir a dissertar sôbre o vasto tema psiquiátrico do *génio e da loucura,* mas evidentemente sem oportunidade, pois António Cândido não é o orador impulsivo e arrebatado, que se estonteia, como outros, na sonoridade dos vocábulos, por vezes sem nexo, e, ao contrário, no polo oposto, ao sublime dom da palavra alia o mais admirável equilíbrio mental, como pensador, julgador e eminentíssimo artista da Eloqüência.

Mas, dentro da minha área académica, onde eu sobretudo gostaria de encontrar algum subsídio efectivo para compor o ramo da minha homenagem ao amigo de meio século seria na Química, que durante mais de trinta anos professei. Mas aí, tenho de reconhecê-lo, nada tampouco se apura que seja dignamente ofertável.

Por processos laboratoriais de sublimação, de distilação, de síntese, em retortas, em alambiques e muito outro variado instrumental, se apuram, é certo, as mais finas, rescendentes e capitosas essências, alcoólicas, etéricas, aldeídicas, etc., distribuídas pelas várias complexas funcções da Química Orgânica, e com algumas das quais as damas subtilizam e avigoram os seus naturais encantos.

Mas o que é a subtileza dessas essências, aliás materialisáveis, palpáveis, ponderáveis, doseáveis, enfrascáveis, perante essa outra essência superfísica, como que divina, que das misteriosas profundezas de uma alma surge etérea, impalpável, imponderável, incoercível e brilhante, prendendo, escravizando, assombrando por irresistível poder os que caem dentro do seu subjugante raio de psíquica magnetização, e que se chama — *¿o génio?*

Não. O génio, de que é hoje aqui, numa das suas mais insinuantes modalidades, a explendorosa festa, não cabe nas limitadas explicações scientíficas e antes parece um como que apanágio

de carácter Super-divino. Super-divino, neste sentido, que Deus (pois já o próprio Voltaire dissera, que se não compreendia um relógio, sem relojoeiro que o fabricasse) neste sentido, repito, que Deus, depois de haver criado entre as infinitas maravilhas do Universo a prodigiosa e mirífica alma humana, se comprazera, num supremo e mais amoroso sôpro, a insinuar-lhe o virtual e transcendente gérmen do génio, que exaltando a profundeza do pensamento, facultando a intuïção do desconhecido, comunicando o dom creador e o dom realizador, e, na ordem sentimental, elevando ao grau supremo o poder emocionante da arte — que tudo isto é revelação de génio — haveria de ser o eterno impulsor de um Progresso, o qual por todas as formas parece existir no Infinito plano da Criação Universal.

Não vou, meus senhores, dissertar sôbre o génio, por tantas formas compreendido e definido e com accepções tão variadas, conforme em vasta bibliografia se pode verificar.

Mas uma cousa, de todas as suas variadas concepções se pode apurar: é sempre e para todos uma eminência de faculdades, Rivarol disse: «é o talento ao máximo».

Ainda que sob condionalidades bem diferentes, o génio existe em Newton, em Kant, em Pascal, em Beethoven, em Mirabeau, em Napoleão, em Victor Hugo, em Edison, em Lesseps.

Para a massa latina, mòrmente luso-hispânica, porém, o génio quási não existe fora do brilho e da emoção, e assim, para nós, êle é por excelência o divino dom daquilo que na acção humana mais emotivamente nos fere os sentidos e invade a alma.

Há no génio espécies e categorias. ¿Que espécie de génio terá em maior grau um tal atributo?

Suponho que é o da Música e o da linguagem, esta na forma falada ou escrita, constituindo a Eloqüência e a Poesia. E é quando dos lábios sai, com a sublimidade e profundeza do pensamento, a harmonia musical, doce ou arrebatada, da palavra viva e espiritual, que no gesto e na atitude põe em vibração, conexamente eloqüente, todo o ser, que surge magestosa e dominante a figura do orador de raça, consubstanciando em si o génio da *eloqüência oratória*.

O magno exemplar lusitano dessa raça e dêsse génio, está ali: chama-se António Cândido. Saüdemo-lo!

*

* *

Admirável dom êsse da eloqüência, da verdadeira eloqüência que, feita de doçura e de fogo, por arte divina vai buscar a sua inspiração aos altos princípios e sentimentos da Verdade, da Justiça e da Liberdade, e que, interessado em

todos os humanos assuntos, sabe no seu auge elevar-se às concepções do Infinito e de Deus, de que ela é uma emanação.

A sua fôrça é tal, e aqui me dirijo às senhoras, que o grande dominicano Lacordaire, a fulgente estrêla do púlpito de *Notre-Dame,* que das cousas humanas e divinas alguma cousa sabia, não hesitou em proclamar: que a eloqüência só tinha um rival — o amor, mas porque êsse rival era êle mesmo também eloqüente.

Recordemos aqui incidentalmente que foi tanto a palavra de João das Regras, como a espada de Nun'Álvares que deu a Coroa de Portugal ao Mestre de Aviz.

De resto, ninguém, me parece, definiu mais formidável e intensamente a eloqüência, do que o eloqüentíssimo Lacordaire.

«A eloqüência disse êle, é a própria alma; a eloqüência é a alma rompendo todos os diques da carne, abandonando o seio que a suporta e lançando-se solta e impetuosa na alma de outrem».

Não se diz melhor. Não se exprime numa síntese, para assim dizer viva, mais admiràvelmente o que seja a eloqüência. E que portentoso orador Lacordaire na seqüência dos Bossuets, dos Massillons, dos Bourdaloues, dos Fléchiers, renovado o espírito clássico dêstes pelo sôpro de liberdade e de ardência patriótica, que inflama toda a sua carreira de orador e de escritor, tan-

tas vezes inspirada no doutrinarismo católico-liberal de Lammenais e de Montalembert.

Afirmo que foi sem qualquer outro desígnio que trouxe ao proscénio, para uma simples citação, Lacordaire. Mas, já agora, sem tentar o clássico exercício retórico de um *paralelo*, não quero deixar de, incidentalmente, lembrar certa relacionação que entre si liga, e separa, o nosso António Cândido e Lacordaire.

Em ambos o mesmo influxo de espírito patriótico e liberal, mas ao passo que o liberalismo de António Cândido o desvia da tribuna sagrada, em que conquistara os seus primeiros trofeus, para a tribuna política, o de Lacordaire com inaudito fervor o precipita da vida civil no púlpito das catedrais.

Há aqui talvez uma paradoxal antinomia, que seria interessante versar, mas não é, evidentemente, o logar, nem o momento. Diga-se, porém, de passagem: não se trata em António Cândido de qualquer forma de repúdio religioso. Na sala do grande orador, como os seus visitantes de ámanhã o poderão verificar, em logar sobranceiro, como no Alto do Gólgota, se ostenta, o Cristo crucificado e sôbre a cabeceira do seu leito, como para lhe ter em suave bênção o repouso do espírito, uma reprodução de Ary Schefer representa um dulcíssimo Jesus, sôbre cujo ombro descança inefável a cabeça do Discípulo Amado.

¿É uma recordação piedosa da sua infância em Candemil, quando por ventura já votado à Igreja, teria ingénuamente visionado ser nela, algum dia, o discípulo amado?

¡Mistério, desfeitos sonhos, insondáveis destinos!

António Cândido apostolou sempre na tribuna política as opiniões liberais, mas nunca as pôs em oposição com a Religião.

Quando, em 1778, Voltaire aos 84 anos foi na Academia Francesa glorificado em uma sessão, semelhante áquela que hoje aqui celebramos, Franklin pediu-lhe que abençoasse seu joven filho. O patriarca de Ferney, impondo a mão sôbre a cabeça do pequeno republicano, proferiu em inglês, para que bem as compreendesse, estas palavras: «*God and Liberty!*» Na República de Washington ficaram para sempre gravadas.

Mais tarde *Dieu et la Liberté* foi a divisa de combate do jornal *L'Avenir*, fundado por Lammenais com a fogosa colaboração de Lacordaire.

Deus e Liberdade, poderia também António Cândido proferir, como síntese da sua carreira oratória, começada na tribuna de Deus e sem repúdio desta continuada na tribuna do parlamentarismo liberal.

E eu, Senhores, se me dão licença, também digo — *Deus e Liberdade,* pois sem liberdade não há Deus, visto que a Liberdade é de instituïção

Cristã, e, pelo que se observa, sem Deus não há tampouco Liberdade.

¿Mas como foi o início dessa gloriosa carreira que com tanta solenidade hoje aqui celebramos? ¿Como se deu no moço António Cândido, para êle e para os outros, a revelação do dom divino com que a sua alma viera perfumada, como por um místico incenso precursor de glória?

Vai em 50 anos soube tudo isso, porque lh'o perguntei. Hoje, com a memória enferrujada pelo tempo, já o esqueci e não senti agora disposição para ir assediar com uma entrevista, à maneira jornalística, o meu amigo António Cândido, há trinta dias já a esta parte de oratório para a glorificadora execução a que foi condenado, e que está agora em andamento.

Ao grande Palmerston alguém um dia preguntou o que vinha, a final, a ser essa tão falada velha *Questão do Oriente*. Olhe, disse o ilustre lord, isso só eu é que o sabia, mas já o esqueci.

É talvez o meu caso em relação a essa pequena mas interessante particularidade da génese oratorial da *Águia do Marão*, na expressão heróica de Camilo Castelo Branco.

Como quer que seja, o início oratório de António Cândido na tribuna sagrada foi sem dúvida sensacional, pois pouco depois, quando à universitária Coimbra chegou para se matricular

na Faculdade de Direito, enorme fama, que depois mais e mais recresceu, o precedia já.

Pela vida fora, na tribuna política, ombreando aí com tantos oradores notáveis, na tribuna académica e em tantas outras ocasiões, em que avulsamente tomou a palavra, os seus aclamados triumfos foram enormes e lhe grangearam a fama incontestada de primeiro orador português, e sem dúvida um dos principais da Península, fama que neste momento aqui tão brilhantemente se repercute.

Não me admiraria, porém, que a sua inicial oratória, quando desligado ainda de todo o partidarismo político e abandonado à sua juvenil e expontânea liberdade na tribuna das eternas verdades morais, assumisse aí ainda um mais poderoso caracter e um maior brilho, pois irresistìvelmente na tribuna sagrada a alma tenderá a elevar-se a mais altas e magestosas concepções e aos mais fecundos ensinamentos.

Que sublime página o *Sermão do Entêrro*, proferida na Egreja dos Congregados, do Pôrto e que contém em si a divinização social da Cruz! E se na tribuna de Deus o joven orador tivesse permanecido, de que prestígio enorme teria enchido a Egreja Lusitana!

Não sucedeu assim... porque não sucedeu. Mas é certo que, sem o austero preparamento que conduziu António Cândido aos seus primei-

ros triunfos oratórios nos templos durienses e minhotos, êle não teria sido o que depois veio a ser com tanta honra para si e para o seu país.

Foi nas faldas do Marão que êle teve seu berço; foi a rústica païsagem da sua terra natal que na retina se lhe incrustou; foi na saudável liberdade campesina que êle passou a sua infância em folguedo com o rapazio da aldeia e talvez já com algum severo latim à mistura; foi mais tarde no retiro do seminário que o seu pensamento teve ensejo de concentrar-se e o seu espírito se poude filosóficamente enriquecer com as fortes humanidades e leituras clássicas dos Vieiras e dos Bernardes, aí colhidas, e que ficaram constituindo o substractum sólido e primário da sua, como nenhuma outra, substancial eloqüência; e foi por êsse caminho fora, fortemente ilustrado depois em mais modernos estudos, que ascendeu a tudo que ascendeu, tomando logar eminente em todas as élites da sociedade portuguesa, e que, finalmente, está neste momento aqui sentado, objecto das mais excepcionais demonstrações.

Suponha-se, porém, outra cousa. Imagine-se António Cândido nascido simples burguezinho num andar duma cidade, atafulado de seda e veludos, com vizinhos e vizinhas de escada, tendo por único recreio a janela para a rua, confiado primeiramente na sua meninice a uma mestra ocasional e depois a um colégio fino, onde ao duro e profícuo exercício do latim de Tito-Livio

e de Suetónio se preferisse La Fontaine com alguma dança de sala, indo mais tarde fazer os seus exames, não digo já com empenhos, mas com recomendações de influentes conselheiros.

Duma tão esmerada gestação educativa poderia saír um bacharel formado, um administrador de concelho, digamos mesmo um doutor, um deputado ou um governador civil, talvez um visconde, porventura mesmo um razoável ministro, sem dúvida uma pessoa com alguma distinção derivante do congénito mérito, mas nunca, estou em jurá-lo, nunca — uma *glória nacional.* Porque a glória é funcção do génio, e dêste, o gérmen nativo não se amassa fecundantemente na vida fácil e dispersa da fútil educação banal, e de preferência floresce no retiro e na concentração, no árduo regimen das espiritualidades, da humildade, do sacrifício e da dôr. O génio não é um vão ouropel mundano e os filósofos, os moralistas e os poetas o têm até à conta de dolorosa fatalidade.

Ao preparo para a tribuna sagrada e aos iniciais triunfos nela alcançados, deve pois, a meu ver, António Cândido os derivantes triunfos da sua subseqüente gloriosa carreira, e não teria, assim, sido pouco interessante que, atravessados todos trabalhos, tempestades e decepções da existência, acalmadas todas as paixões, que na vida social se inflamam, atingida essa grave maturidade do espírito, que tanto ensinamento e auto-

ridade traz, mas que só a experiência e o tempo propiciam, êle tivesse algum dia pensado em encerrar o seu largo e deslumbrante ciclo oratório, subindo mais uma vez, para uma suprema e saüdosa despedida, os degraus daquele primordial púlpito, em que a sua alma juvenil se sublimara, para um dia, como que despedaçada, dela se apartar.

Disto não deixei, na fantasia, a que por vezes me abandono, de ter uma como que visão. Visão comoventemente localizada no secular e falante Mosteiro da Batalha, comemorativo de Aljubarrota, e onde hoje, a par de poderosos reis, descança o humilde Soldado Desconhecido, do solo ensagüentado das Flandres exhumado.

Fechando os olhos e tapando os ouvidos, eis o que julguei ver e ouvir:

. . . .

O grandioso e emocionante préstito do Soldado Desconhecido, com altos dignatários, bispos, marechais e generais, entre alas militares e salvas de artilharia, penetrara já sob a vetusta abóbada da grande nave do sublime monumento e o precioso despojo a meio o haviam descançado. Em volta, o concurso do povo, acorrido de todas as redondezas, e de maiores distâncias ainda, era enorme e um intenso borborinho reinava no âmbito do templo.

Próximo do catafalco, um deserto púlpito se erguia.

¿Quem iria ocupá-lo?

Um vulto de padre, pelo qual ninguém dera antes, nele apareceu em certo momento sem ver-se como, a cabeça pendente ao peso de assoberbantes pensamentos, pálido, os encovados olhos quási cerrados, a boca fundamente amargurada.

Fez-se profundo silêncio. ¿Quem era?

De súbito levantou a cabeça, cravou os ardentes olhos no altar-mór, deixando-os depois lentamente descaír sôbre o despojo fúnebre, que longamente contemplou. E a massa humana que o envolvia fitando finalmente, a percorreu até aos seus confins.

Era já outro homem. De cançado e desfalecido que vinha, erecto, vivo, forte, luminoso, dramático estava agora, e com voz firme os seus lábios se descerraram.

¿Quem era?

Era quem ali está, como nos mais belos dias dos seus maiores triunfos!

¡Nem outro poderia ser, porque naquele templo, naquela tribuna e perante aquele despojo do ignoto soldado português, trazido do grande Cemitério da Guerra, só a voz da mais alta eloqüência pátria podia levantar-se!

António Cândido orando na Batalha sôbre o despojo do Soldado Desconhecido . . . ¡Que grandioso espectáculo para ser presenciado e para o registo da História!

Eu não vou, é claro, meus Senhores, materialmente atribuir palavras especiais a António Cândido, porque as suas palavras são próprias dele, não que as invente, mas porque as escolhe e combina por genial maneira, que essa é que é sua, como sua é a voz que as derrama numa melodia e ritmo também seus, como seu é o gesto, doce ou forte, com que as sublima e impõe.

Mas o que eu visionalmente (perdoe-me a Academia o neologismo) ao orador julguei perceber no exórdio da sua prédica, ressoando na grande nave do Mosteiro, foi talvez o seguinte:

Vinha de longe, de outra sagrada tribuna, que ficava na sua história e na sua saudade. A sua voz era já fraca, mas queria ainda uma última vez levantà-la alto, em honra de Deus e da Pátria, naquele templo incomparável, que era mansão Divina e padrão de Nacionalidade, e sôbre êsse despojo de um desconhecido Soldado, que pelo seu obscuro heroico sacrifício da vida era merecedor da benção dêsse Deus e à gratidão dessa Pátria tinha direito.

Em frases de fulgurante eloqüência passara, após, em rápida revista os fastos da heroicidade lusitana na fundação e defensão do Reino e das liberdades públicas, na sua epopeia marítima, na constituição do seu grande império colonial, para ufanosamente concluir que os portugueses, que na *grande guerra* tenham ido tomar parte, eram

os portugueses de sempre, de Viriato a Mousinho, e que a homenagem que simbólicamente se lhes prestava sôbre o anónimo despojo de um soldado, filho humilde do povo português, caindo morto no campo da batalha, era o mais expressivo e tocante preito da admiração da Nação e do seu maior reconhecimento.

¿Quem era êsse soldado? perguntava agora. ¿Ignorava-se? ¿Era realmente desconhecido?

Não. ¡Esse soldado tinha um nome — chamava-se a Pátria!

A pátria não é necessáriamente a totalidade do solo e dos cidadãos que o habitam. Posta em causa a honra nacional, o mínimo cidadão, o mais miserável e abandonado rochedo — é a Pátria!

No despojo do soldado desconhecido havia substância do solo português, da embalsamada atmosfera das suas montanhas, dos seus vales e das suas costas, da água dos rios e fontes de Portugal, do ardente sangue lusitano, tràgicamente amassado com a fremente argila do campo da batalha. ¡Era a Pátria!

. . . .

E agora a sua voz abrandára. Voltado para o ataúde, cariciosamente lhe estendia os braços, como para um berço em que uma amorosa criança repousasse seu infantil sono e a doçura da sua voz atingia uma imensa ternura.

Êle, cujo despojo ali estava, era talvez um

pobre ingénuo filho do povo. Um dia haviam vindo buscá-lo à pequena fazenda de seus pais, onde afanoso trabalhava de sol a sol. Era necessário marchar para a guerra . . .

¿Porquê? ¿Para quê? perguntara.

Não lhe responderam. Puzeram-lhe uma mochila às costas, embarcaram-no no mar, que êle nunca vira, desembarcaram-no em terra de incompreendida linguagem, e para as infernais trincheiras da Flandres o haviam remetido às intempéries, ás infecções de toda a ordem, à febre, aos vermes e ao incessante pavor do horrendo troar dos canhões e do estampido dos obuzes, rebentando por todos os lados. ¡Pobre criança!

¿Porquê? ¿Para quê?

Não compreendia.

Mas um dia vieram dizer-lhe: ¡é ámanhã!

¿Ámanhã o quê? — interrogou.

Ámanhã o ataque do inimigo.

¿Então o quê? ¿Vamo-nos embora, não é assim?

Não. Temos de defender a Pátria.

¿A Pátria? ¡Mas a minha Pátria não é aqui, chama-se Portugal! E a minha aldeia, é o altar e a torre da nossa Igreja, são os meus pais, é a terra que amanhamos e que nos dá o nosso pão, é o meu Céo azul, é o sorriso da minha namorada . . .

¡Sim, lhe responderam, mas neste momento tudo isso! . . . ¡está ali! ¡Ali naquela bandeira,

que de Portugal trouxemos, e que pela honra de Portugal temos de defender, e havemos de defender, com a nossa vida e com o nosso sangue!

O soldado não compreendera talvez o raciocínio, mas por heroísmo atávico o sentiu. Curvou a cabeça e nada mais disse.

No dia seguinte o inimigo com fúria indómita atacava, e, ferido na refrega, o pobre legionário para junto da bandeira certamente se arrastou, procurando nela vislumbrar a imagem da sua aldeia, o seu milho já crescido, a sua latada de vinha em flor, a última benção dos seus velhos, o ceu azul de Portugal e o derradeiro sorriso da sua namorada, para à sombra dessa bandeira, resignado e consolado, numa última íntima prece a Deus, ali expirar da nobre morte do soldado no campo do dever e da honra!

Há lágrimas e soluços no auditório, e o orador, passando então da doçura enternecida à implacável veemência, em tremenda peroração exproba aos imperantes e mandantes de povos o desatino das suas ambições, das suas vaidades, dos seus egoismos, das suas hipocrisias e a incompreensão da sua missão na terra. Deles vinha toda a miséria e toda a revolta, pois não é pela Espada que se fomenta a paz e a felicidade entre os homens (está-se vendo), mas antes pelo perseverante influxo da Cruz, isto é, da fé, da moral, da justiça e da liberdade, fautores de toda a ordem social.

Nisto, porém, todos teriam culpas, que era

dever expiar perante aquela vítima simbólica. ¡Era o momento!

¡De joelhos perante ela! Com o gesto o impõe, e a massa imensa como um só homem ajoelha. ¡De joelhos perante o despojo sagrado do Soldado Desconhecido! Mas de joelhos também perante Aquele outro mártir que o seu sangue deu igulmente por bem da humanidade sofredora e cuja imagem sôbre aquele altar agoniza na sua Cruz de humana redenção!

De joelhos, que é no «Caminho da Cruz», da Cruz, amparo das tribulações da vida e indefectivel companheira da morte, que está a lição e salvação dos povos, a das consciências e das almas e o penhor da paz efectiva — a de Deus!

. . . .

O silêncio estabelecera-se profundo e imponente, apenas entrecortado pelos fundos suspiros, que às lágrimas se misturavam.

O padre fizera o sinal da cruz, benzera-se e envolto na negra velha capa sacerdotal, agora ressuscitada de passados tempos, na imensidade da gótica nave, convulso também, se esvaira, sem que ninguém mais o visse ... E para o seu descanço definitivo na Sala do Capítulo, sob a sua lendária abóbada, o Soldado Desconhecido, silenciosa e religiosamente seguiu, entre o chôro contido de homens e mulheres ...

. . . .

Ao cair da tarde, o histórico mosteiro voltara

a estar como que deserto, e no seu interior, já quási em treva, só se ouviam, aqui e além, ténues ignotos ruídos.

¿Era o vento penetrando docemente pelas frinchas dos vitrais? ¿Eram tímidas aves esvoaçantes sob a secular arcaria, qüe ali se recolhiam? ¿Eram ocultos insectos, que nos esculturais recôncavos do templo remorejavam? ¿Ou seriam os manes dos Reis de Avis e dos Altos Infantes de visita ao recem-chegado Soldado Desconhecido, patriota como êles embora, obscuro, e cogitando sôbre os destinos da Pátria Amada? Dessa Pátria amorosamente cantada pelo divino Camões, e de cuja História o génio de Herculano, em bronze, havia de lançar os primeiros fundamentos...

. . . .

No entretanto, fora, a noite fizera-se. Entre nuvens, um raio de luar iluminava, como numa balada medieval, o velho mosteiro da Batalha envolto no seu heroico manto de grandeza e de transcendente saudade...

. . . .

. . . .

Isto, Senhores, visão, sonho, ou o que quer que seja, foi o que, imprevistamente, súbito por mim passou, e ao recordar agora a meio dêste como que jubiléo, que em tantos também funda saudade acorda, reparo que é tempo de terminar

— como aliás deveria eu ter principiado — isto é, pelo recolhimento e pelo silêncio.

A ambos convictamente me remeto com mais duas palavras apenas.

Disse, meus senhores, e até onde a minha larga incompetência e a minha incipiente senectude o permitia, o que podia e sabia dizer, e, se mais longo fui do que desejava, é porque, para me reduzir, o tempo me escasseou. Relevem-mo todos.

António Cândido foi e persiste, desde a sua primeira tribuna, através de todas em que brilhou, e para além daquela em que me permiti visioná-lo como virtual e indispensávelmente figurante na memoração do Soldado Desconhecido, que para êle seria tema de supremos e grandíloquos conceitos, foi e persiste, repito, um grande, imenso orador.

Sôbre a sua cabeça paira neste acto de consagração como que uma auréola gloriosa, irradiada da admiração de quantos aqui vieram aclamá-lo.

A todos do coração me uno como amigo dos mais antigos, mas o seu coroamente académico não me cabe a mim fazê-lo.

Ao presidente da sua classe, a Júlio Dantas, compete essa honra, à qual, como moço e mestre, saberá elevar-se naquela linguagem brilhante e florida que é seu apanágio.

Nas suas académicas mãos o deixo.

Disse.

EDUARDO BURNAY

V

Senhor Presidente da República;
Minhas Senhoras;
Meus Senhores:

Levantaram-se nesta sala as vozes mais autorizadas, para nos falar da glória de António Cândido. Tudo está dito. Se subi à tribuna, não é porque as minhas palavras possam acrescentar alguma coisa a essa glória radiosa, orgulho da Academia, da nação, de nós todos. Ao contrário do que, com afectuosa benevolência, disse Eduardo Burnay, eu não venho coroar o Mestre; porque a minha mão, erguendo a corôa de ouro, nunca poderia alcançar aquela fronte egrégia, que está tão alto. Se aqui me encontro, é porque as funções de presidência, que exerço nesta casa, e precisamente na classe a que pertence o grande orador, me impõem o dever de saudar — ¡ e com que desvanecimento o faço! — aquele que é o maior de todos nós, mestre por excelência da oratória académica, cuja eloquência tem, ao mesmo tempo, a sóbria harmonia dum friso grego do Parthenon, e a opulência, a sumptuosidade, a lenta magestade dos velhos côches de D. João V.

Que os meus confrades me perdoem, se as minhas palavras forem descoloridas e pobres: a grandeza do assunto as engrandecerá. Todos nós vivemos, nesta hora inolvidável, da luz que sôbre nós projecta a glória de António Cândido. Nunca foram mais verdadeiras as palavras de Michelet: «*Quand on est grand, on grandit tout ce qui est autour de soi*».

Para falar de António Cândido, seria preciso outro António Cândido. Mas se, porventura, eu pretendesse descrever a figura e a oratória do grande Artista, que foi em Portugal no fim do século XIX, e é hoje ainda, não apenas o verbo da Beleza, mas a voz da Pátria, eu não encontraria para êle termo de comparação entre os vivos. Nenhuma outra palavra, como a de António Cândido, possue hoje na tribuna portuguesa a doçura angélica; a grandeza majestosa; a erudição profunda; o esplendor verbal; a fôrça dominadora; o poder de convicção; a maravilhosa elegância. Para o poder comparar, eu teria, não de lembrar os vivos — ¡que ninguém o eguala! — mas de evocar, de acordar, de trazer palpitante para esta sala, para o meio de nós, para junto de nós, a memória sagrada dos mortos. Só aproximando-o das grandes figuras dos oradores do passado, que, em sete séculos de história, foram como êle momentos da raça, vozes augustas da Pátria, nós podemos medir bem a estatura de António Cândido; compreender a sua grandeza;

distinguir sôbre a sua fronte, onde há traços de Beethoven e de Mirabeau, a auréola resplandecente da imortalidade. Se eu podesse fazê-los viver por um instante, os mestres mortos da cátedra, do púlpito, da tribuna portuguesa, — os seus antepassados espirituais, António Cândido! Se a minha apagada voz conseguisse chamá-los, acordá-los do túmulo, trazê-los aqui, no tropel luminoso das suas murças vermelhas, dos seus hábitos humildes, das suas mitras refulgentes, das suas vestes doutorais, das suas casacas de briche dentro de cujo peito palpitou o coração puro da Liberdade! ¿E quem nos diz a nós que êles não virão? ¿que, num momento, a sua alma não estará comnosco, a assistir à coroação do filho dilecto? Para os receber em espírito, na hora religiosa que passa, eu já vejo esta sala transfigurada, pela sugestão das minhas palavras, naquele templo da eloqüência que o grande Rafael, ao evocar a escola de Atenas, pintou a fresco nos muros do Vaticano. Em vez dos filósofos, dos poetas, dos oradores, dos sofistas gregos, que agitam, na penumbra doirada do pórtico, o seu pálio branco, — são figuras nossas conhecidas, são figuras portuguesas que surgem, que assomam, subindo de vagar a larga escadaria de mármore. Ei-los que chegam. O nosso coração já os sente; os nossos olhos, turvos de lágrimas, já os vêem...

¡Os oradores do passado!

Á frente de todos, vem um frade moço, pálido, em êxtase, o manto arrastando, os pés descalços, a doçura de S. Francisco de Assis no olhar. Dir-se hia descido duma pintura de Giotto ou de Fra Angélico. É o arqui-avô, é o patriarca da eloquência portuguesa, — é Santo António de Lisboa. Atravessou a Europa do século XIII entre guerras e incêndios, epidemias e carnagens; iluminou com o clarão da sua palavra Florença, Padua, Bolonha.

António Cândido tem dele a doçura angélica.

Ségue-o um velho de fisionomia dura, que avança embrulhado na murça vermelha de doutor, tilintando as esporas doiradas de cavaleiro. Á sua passagem, parece sentir-se, longínquo, o clangor das trombetas de prata d'Aljubarrota. ¡Ah, conhecem-n'o bem! É o orador formidável das côrtes de Coimbra, é o homem que pela fôrça da sua palavra fez rei o mestre de Aviz, — é João das Regras. Veem com êle os dois embaixadores ao concílio de Basiléa: Afonso Mangaancha, que deslumbrou bispos, doutores, cardeais, orando em Bolonha na basílica de S. Petrónio; Frei João de S. Tomé, o «segundo Agostinho», cuja eloquência maravilhosa o papa Martinho V julgou um milagre de Deus. Caminha com êstes três homens todo o esplendor da oratória portuguesa do século XV.

António Cândido tem deles a grandeza magestosa.

E aquêle, quem é, banhado já do clarão da Renascença, envolto nas vestes doutorais da Universidade de Paris, a cruz de Cristo ao pescoço, avançando o seu forte perfil semita coroado de louros? ¡Depressa nos esquecemos dêle! É António de Gouveia, o maior da dinastia ilustre dos Gouveias, pedagogos, oradores, humanistas portugueses que encheram as universidades da Europa, que foram mestres de Montaigne e de Rabelais, e que, quando a França ensinava a pensar o mundo, ensinavam êles a pensar a França! Caminha de braços cruzados, de cabeça erguida, orgulhoso e magnífico, como na hora em que, diante de Francisco I, diante de toda a côrte, em claustro pleno da Universidade de Paris, vencia, aniquilava pelo fulgôr da sua palavra Pedro Ramo, um dos primeiros sábios da Europa!

António Cândido tem dêle — a erudição profunda.

¿E aqueles outros? ¡Silêncio! São os maiores oradores portugueses de todos os tempos que surgem agora. São os mestres da concionatória do século XVII, cuja palavra arrastava as multidões, cujos sermões se diriam formidáveis baixos relevos de bronze. É o padre António Vieira que avança, na sua loba negra de jesuita, a barba revôlta, os olhos faiscando; é Frei António das Chagas, o espadachim feito frade do Varatojo, o amoroso feito missionário de Deus, que chora, silenciosamente, abraçado à sua espada.

António Cândido tem deles — o esplendor verbal e a fôrça dominadora.

¡Ah! Os que chegam agora são bem nossos conhecidos. Viveram quási no nosso tempo. São os homens da liberdade, são os tribunos do povo; é o revolucionário Fernandes Tomás, o coração pulsando sob a casaca de saragoça, a alma romana de Catão e de Bruto a resplandecer-lhe no olhar; é Passos Manuel, o heroi romântico da *Belemzada*, trovejante como uma tempestade, ingénuo como uma creança; é José Estêvão; e por fim — os meus joelhos dobram-se ao vê-lo — é Garrett que vem para nós, sereno, elegante, espartilhado, levemente desdenhoso, uma casaca verde-bronze com botões de prata, uma cabeleira postiça, umas mãos pálidas e cheias de anéis, — o «divino», o «principe», que fulminava adversários no Parlamento com o mesmo sorriso com que entrava num baile...

António Cândido é, como Garrett, o orador da graça e da beleza.

A sua eloqüência foi feita duma scentelha de todos êstes clarões. Na sua voz escuta-se o éco longínquo de todas estas vozes. Todos êles se acercam, todos êles rodeiam, risonhos, carinhosos, o herdeiro do seu génio, o seu Infante mais novo, o seu neto de cabelos brancos. São a alma da Pátria que o envolve, palpitando, resplandecendo. Trazem-lhe a benção patriarcal de sete séculos de história. Colocam-lhe na cabeça a

corôa do triunfo. Levantam-no. Amparam-no. São êles que o trazem à tribuna; são êles, os grandes mortos, que pela voz de António Cândido veem falar-nos pela última vez. ¡Que os nossos corações se elevem! ¡Que as nossas almas comunguem na mesma emoção! António Cândido vai falar. Nós vamos ouvir, em êxtase, a voz da imortalidade! ¡Nós vamos escutar, de joelhos, a alma da Pátria!

JÚLIO DANTAS

VI

SENHOR PRESIDENTE DA REPUBLICA,
SENHOR PRESIDENTE DA ACADEMIA,
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Agradeço à Academia a grande honra desta sessão magnífica, que me deslumbra, me enternece e me confunde.

A V. Ex.ª, Sr. Presidente da Academia, que, com a sua palavra diserta, eloqüente e singularmente autorizada, primeiro ergueu o meu nome e desvelou a minha figura literária e moral perante esta assembleia luzentíssima, apresento as homenagens do meu respeito e os protestos do meu reconhecimento. — Aos insignissimos académicos, que esboçaram o meu perfil com voz mais amiga que justa, e procuraram embalsamar e compor a minha figura para uma posteridade que o meu nome não atingirá, ou só alcançará na reverberação da profusa glória que inundou esta sala, e que é deles e não minha: aos brilhantes oradores desta noite que nos falaram a mais formosa linguagem, que se pode ouvir em Portugal — do fundo da alma dirijo a expressão dum imortal agradecimento.

E ao poderoso jornalista de pena de diamante, raro na luz, na graça, e na fôrça, também orador académico aclamado nas tribunas do país e de fora dêle, que exumou a minha pálida memória do túmulo de sombras em que ela mergulhava, expondo-a à atenção pública, não como ela era, mas engrandecida e transfigurada por um milagre de talento, de bondade, de piedade, — toda a ternura gratíssima de que o meu coração é capaz!

Abraço todos os meus confrades na Academia: e, destacando um para seu representante, fixo um antígo mestre meu, em tudo mestre admirável, que com a sua clara lição e o seu alto exemplo acendeu no meu espírito as luzes a que êle viu melhor o escopo e o ideal da prestante, persuasiva e elegantíssima eloqüência.

Meus senhores.

Eu não mereço estas homenagens. Digo-o sinceramente: com a alma aberta, que podeis ver até ao fundo. Na minha curta bibliografia não refulgem os títulos duma obra insigne; na minha modesta vida pública não colherá a história um acto digno de que o futuro o memore e celébre; da minha passagem pelas tribunas do país, que foram a paixão maior da minha vida, e são hoje uma pungente saüdade na minha invalidez e decadência final, não advieram resultados positivos ao meu país.

Não mereço estas homenagens; nem as sonhei.

Contive e moderei sempre a minha vaidade, que nunca encontrou na minha consciência alentos que a sustentassem: mas se alguma vez a minha vaidade delirou, nem nas suas mais febris alucinações julguei possível que esta fulgida coroa viesse a mim! E só acalma o meu ânimo surprendido e inquieto a esperança de que esta saüdação soleníssima seja a inicial duma série, em que os maiores valores da nossa pátria sejam reconhecidos e premiados; e, se o não fôr, ficar-me hei considerando possuidor, descontente e constrangido, de excepcionais honrarias que não procurei, nem desejei; e não declinei, embora ìntimamente quisesse decliná-las, porque a recusa pareceria rude ingratidão ou feio desprimor de alma.

Tanto divino poeta floresce nesta terra abençoada de Deus, a louvá-la, a glorificá-la no passado esfôrço heroico das suas épicas façanhas, ou revelando ao mundo, por mil formas de sentimento e arte, a sua adorável feição lírica, que é o soberano encanto, único em todas as literaturas, do nosso génio e da nossa raça! E principiou-se por mim...

Meus senhores: a grande felicidade faz-me mêdo! Fez-mo sempre.

Nunca andam dissociadas, e muito distantes, a alegria e a dor humana; e, na minha vida alternam de tal modo, num ritmo psicológico constante, a luz e a sombra, o entusiasmo e o desa-

lento, o prazer raro com a melancolia freqüente, que, se a fortuna me sorri, logo a minha fantasia vai descortinar o ponto negro que, alastrando... fará a noite no meu espírito por mais ou menos tempo!

É verdadeiramente a única superstição que eu tenho.

Hoje essa superstição não terá poder sôbre mim. Não ousarei dizer a esta hora: *pára, que és perfeita*, como Goëthe intimou a uma hora semelhante; mas atravessá-la hei sem que uma nuvem de receio me entolde o ar e o céu. Soado o momento supremo, o momento de Deus... acabar na graça, na ternura e na piedade duma pátria que se adora é o melhor destino sôbre a terra!

Meus senhores:

A minha frouxa sensibilidade, enfraquecida pela idade e pela doença, e desvairada por tantas comoções sucessivas, não me permite falar longamente: e terei de levar, para a sombra de que me tiraram e a que logo volto, o coracão regorgitante de sensações, que não logram hoje, não podem lograr, o seu desafôgo possível e preciso. Mas tomarei a vossa atenção ainda por alguns minutos.

No epílogo da famosa *Oração da Corôa*, Demosthenes — (e trago aqui o seu nome de propósito para que, erguida na vossa imaginação a figura colossal do maior orador da antiguidade e

de todos os tempos, vão para ela todas as homenagens rendidas à palavra humana, personificada na sua energia omnipotente e no seu resplendor inegualável); nessa famosa oração, que Latino Coelho, brazão inescurecível desta tribuna, trasladou a português no ouro massiço, floreado e reluzente da sua prosa admirável — o quási divino orador, rematando-a, e tomando para si o título de honesto cidadão, por ser o que menos ofenderia a inveja de ninguém, e enumerando as primaciais qualidades que o deviam exornar, avultou a de que, em todas as ocasiões e em todos os actos, êle guardasse *lealdade e amor à pátria*.

Esta qualidade tenho, meus senhores; por ela não sou indigno da vossa consideração e da vossa simpatia: e na efusão do alto sentimento que esta qualidade representa, mais do que ao conspecto de qualquer fictício ou exagerado merecimento, posso receber o vosso abraço espiritual, que fecha as datas culminantes da minha vida, quási no fim.

Amei-a sempre, a nossa adorada pátria: e amei-a com amôr místico e pagão, na beleza inexcedível do seu torrão bendito, na excelsa grandeza do seu génio histórico, na profunda e veneranda tradição em que filham as raízes da nossa alma colectiva, na ansiada e indefinida aspiração a um futuro melhor e maior, sem limite de extensão e de tempo.

Vivi e revivi muitas vezes a sua maravilhosa

história, minha lição gostosa em todo o tempo, e meu preferido encanto nos últimos anos de silêncio e de paz; subi alvoroçado ás cumiadas iluminadas da sua ingente glória, e desci compungido aos vales sombrios que a fatalidade rasgou ao seu percurso desigual através dos séculos; e das minhas repetidas peregrinações voltei sempre reconfortado na crença do seu imortal destino: não esfriando o meu culto à sua grande alma, nem quando ela esmorecia, e a lugente toada dum pessimismo dolorido lhe soluçava os trenos da perdição e da desgraça!

Sentia-a sempre estruturalmente forte pela sua heroicidade inata, resistente como o bronze na sua indomável fôrça moral, que os infortúnios não quebram e, se a abatem momentâneamente, não a vencem, não a prostram. E hoje, à sombra devastadora e sinistra da maior calamidade humana, que ensanguentou a terra e escurecerá a história, Portugal, parte integrante e essencial da Europa, e um dos máximos fautores da sua civilização preeminente, póde ser ainda uma expressão adorável do direito sem a enorme fôrça, que tantas vezes o desvirtua e deprime, da dignidade sem esplendidos e fictícios aparatos, da honra sem máculas visíveis, do ideal que êle desde a Renascença levanta e ostenta entre todas as nações do mundo. Pode ser e será.

Tenhamos fé; mas não esqueçamos de que a

fé sem obras não salva, e que as acções dignas e úteis só de bons sentimentos nascem!

Meus senhores:

Citei-vos há pouco um dos mais gloriosos nomes de Atenas, do tempo de Sophocles, de Platão, de Pericles e de Phidias: igual, se não maior que qualquer dêstes; e foi-me dôce, numa noite de tanta espiritualidade, levar-vos a imaginação a essa Hélade paradisíaca, em que as letras, as artes, as sciências e os costumes cívicos tiveram a sua aurora encantadora, e um meio-dia pleno de claridade, de razão, de graça, de ordem moral, de perfeição poética, de completa harmonia, de beleza absoluta e eterna! E vou agora pedir a última citação à Grécia antiga, remota e obscura, em que se adivinha a venerável velhice de Homero, e se enxerga a mais luz o vulto portentoso de Eschylo; e farei esta citação, não para a aplaudir e lhe apropriar o conceito, mas para a combater com a minha convicção e o meu protesto.

Hésiodo, que foi pastor no Hélicon, e cantou os seus poemas nessa idade fabulosa, execrando e maldizendo o seu tempo, não se sabe porquê, foi o primeiro que exclamou:

¡Oh! que bom fôra que eu tivesse acabado mais cêdo, ou viesse ao mundo mais tarde... E esta exclamação repete-se mil vezes nas épocas de transição em que homens de pouca fé desvairam

e fàcilmente sucumbem; mas não é razoàvel, nem justo. Á luz da fé divina e humana todo o tempo é bom e fecundo. Crêr no futuro, pressenti-lo através das brumas mais ou menos cerradas da hora presente, é de alta filosofia: em todas as idades, e ainda na aparência as mais desoladas e estéreis, germina misteriosamente, em evolução interminável e com a sua virtualidade nunca exausta, o génio da nossa imortal espécie, incessante, progressivo, aspirador do melhor.

Esperemos sempre. Melhores dias do que êstes, que são pálidos e tristes em todo o mundo, virão à terra ensangüentada e obscurecida.

A humanidade passa sempre pelo Calvário dos grandes martírios para alcançar o Thabor das magníficas transfigurações! ¡Esperemos!

E agora, meus senhores, as minhas últimas, solenes palavras.

Porei nelas a minha alma toda.

A fé religiosa que ilumina a minha consciência desde a infância, que é o nosso natural e primeiro estado de graça, não me fez santo; o amor à minha pátria, terra sagrada, como no velho conceito da Grécia e de Roma, não se desentranhou em benemerências de geral e prática utilidade; a minha identificação com o meu tempo, à míngua de faculdades próprias, não logrou que eu, de alguma forma, o embelecesse, exornasse e servisse com toda a medida dos meus desejos, e nem ainda na possibilidade das minhas fôrças.

Mas dêstes sentimentos o ideal existiu sempre no meu espírito; e hoje parece-me que êle era visível e foi notado.

Foi a êsse ideal tão vosso como meu, e mais traslado formosíssimo das vossas almas do que síntese positiva dos meus méritos, que vós decretastes palmas e oferecestes flôres: e que ao fulgor dele formastes a lenda poética do meu nome, que esta hora levará consigo à torrente dos inevitáveis esquecimentos, e urdistes com fios de ouro a insubsistente ficção da minha glória, que passará como o fumo.

Mas tudo isto, a lenda e a ficção, deponho, ajoelhando, no altar sacrossanto da Pátria!

ANTÓNIO CANDIDO.

HOMENAGEM

DOS

SÓCIOS DA ACADEMIA E DA IMPRENSA

HOMENAGEM ACADÉMICA

A

ANTÓNIO CANDIDO

Na assembleia geral das duas classes da Academia das Sciências de Lisboa, que se realizou em 2 de Março de 1922, sob a presidência do sr. general Almeida Lima, o sr. conselheiro Júlio de Vilhena referiu-se, nos mais elogiosos termos, ao artigo sôbre António Cândido publicado pelo director do *Diário de Notícias*, nosso ilustre consócio, e à homenagem ao grande tribuno alvitrada por êste jornal. Definiu a glória de António Cândido no seguinte período:

« Desde o século XIV até hoje, desde João das Regras até Alexandre Braga, muitos oradores eminentes têm enobrecido a tribuna portuguesa; mas nenhum deles esculturou com mais arte a palavra, nenhum a declamou melhor no seu ritmo natural de sonoridade e harmonia, nenhum a gesticulou em mais formosas atitudes. »

E terminou, apresentando a seguinte proposta:

« Proponho que seja nomeada uma comissão, representando as duas classes da Academia, a qual deverá no dia 31 dêste mês cumprimentar, prestando-lhe a sua homenagem, o sócio emérito Dr. António Cândido. Igualmente proponho que a Academia redija uma memória, semelhante à que foi há poucos dias entregue

ao eminente historiador sr. Gama Barros, a qual memória, celebrando os talentos e mais qualidades do sr. António Cândido, lhe será entregue, depois de impressa, em sua casa ou numa sessão especial desta Academia.»

Usou em seguida da palavra o sr. dr. Júlio Dantas, que, referindo-se ao artista máximo da Palavra que é António Cândido, propoz que a Academia acompanhasse a celebração, de que o *Diário de Notícias* tomara a iniciativa, realizando, além das homenagens contidas na proposta do sr. conselheiro Júlio de Vilhena, uma sessão soléne comemorativa do Príncipe dos Oradores Portugueses.

O sr. dr. Augusto de Castro agradeceu aos dois oradores, seus consócios, as referências amáveis que lhe dirigiram e ao *Diário de Notícias*, concordando na necessidade de a Academia confirmar, pela consagração do génio oratório de António Cândido, o carácter eminentemente académico da sua dominadora eloqüência.

Usaram ainda da palavra, celebrando António Cândido e a justiça da homenagem proposta, os srs. presidente dr. Almeida Lima e Almeida de Eça, sendo votadas por unanimidade as propostas, que se completam, dos académicos srs. Júlio de Vilhena e Júlio Dantas.

Ficou encarregada a mesa da 2.ª classe de organizar o programa da sessão solene, que deve realizar-se na próxima noite de 30 ou 31 de Março.

Na sessão da 2.ª Classe desta Academia, que se realizou no dia 9 de Março, o Sr. Dr. Júlio Dantas, presidente da classe, deu conta do encargo que, em assembleia geral, a mesa recebera de organizar a sessão solene em honra do glorioso orador António Cândido.

O Sr. Conselheiro Júlio de Vilhena observou que dois nomes de sócios efectivos lhe pareciam indicados, além de outros, para usarem da palavra nessa sessão: os Srs. Dr. Júlio Dantas, como presidente da classe, e Dr. Augusto de Castro, como iniciador da homenagem nacional a António Cândido.

O Sr. Dr. Júlio Dantas deu explicações sôbre a organização da sessão e *demarches* que já fizera, e continuaria fazendo nesse sentido, junto de alguns sócios.

Para completarmos a homenagem prestada ao nosso eminente consócio Doutor António Cândido, além dos brilhantes discursos na sessão solemne, que atraz ficam reproduzidos, reproduziremos também aqui, além da contribuïção directa dos nossos consócios, o que a respeito do grande orador foi publicado por alguns deles no *Diário de Notícias* e no *Jornal da Europa*.

ANTÓNIO CANDIDO (1)

Mão delicada e amiga escreve-nos lembrando que, no próximo dia 30 de Março, completa 70 anos o grande orador que se chama António Cândido.

O espírito de um dos mais altos e peregrinos cultores da Beleza e da Eloqüência, que jámais fulgiram em Portugal, exilou-se voluntàriamente do seu tempo. O maravilhoso escultor da Palavra vive aqui a dois passos, num modesto rés-do-chão da rua da Emenda,

(1) A êste artigo alude a proposta do Sr. Conselheiro Júlio de Vilhena, a que se refere a acta da Academia atraz publicada. Seguem-se as homenagens tributadas pelos sócios desta Academia.

acompanhado apenas pelas suas recordações e pelos seus livros.

Ainda há pouco tempo, nestas mesmas colunas, o excelso tribuno dava ao *Diário de Notícias* a honra de um admirável trecho inédito, a que pôs o título melancólico de «Écos de uma voz quási extinta». Mas se, no silêncio do seu quási monástico retiro, o homem ilustre deixa extinguir, longe de nós, essa harmonia sem igual que foi a sua palavra, calma e perfeita como um mármore, radiosa fôrça da natureza fulgindo num verbo humano — cumpre-nos a nós mostrar que ainda não esquecemos, nem esqueceremos, o sôpro de imortal poesia com que êle, em mais de trinta anos de explêndida glória, animou a língua portuguesa.

António Cândido nunca deixou de fugir às homenagens ruidosas e é duvidoso até que ponto nós teremos o direito de perturbar o austéro recolhimento a que êle se votou. Êsse orador privilegiado detestou sempre, como um artista, a popularidade, e soube, em toda a sua existência, criar em torno de si essa atmosfera de elevação e de distância em que se compraz o génio dos delicados e dos sinceros, que vivem mais do respeito de si próprios do que de enganador tumulto dos aplausos alheios. A solidão é a glória dos fortes. Mas se não temos talvez o direito de devassar essa doce e triste paz humana, que é o orgulho da sua modéstia, nada nos impede a nós, que o admiramos, de escolher o dia da sua festa para tapetar de flores a sua casa — e para lhe mostrar que, se êle tem o direito de não nos lembrar, nós é que não temos o direito de o esquecer.

António Cândido oferece nesta terra, tão varrida de excessos e paixões, o exemplo surpreendente dalguem que nunca disse na vida senão o que devia dizer e que o disse sempre na fórma mais pura, clara e calma. A

sua palavra maravilhosa foi sempre esculpida na graça ateniense e luminosa da sobriedade. O génio dotou a sua oratória, não das simples roupagens verbais, vistosas e frívolas, que são a banalidade e a caricatura da eloqüência; mas dessa austeridade dominadora de pensamento e de sentimento, que transforma a palavra humana num divino instrumento criador de beleza.

Só duas vezes foi dado, a quem estas linhas escreve, escutar o prestígio dessa voz, que tinha em si própria segredos de recôndita harmonia. Só duas vezes nos foi dado assistir à empolgante transfiguração dessa soberba cabeça de tribuno romano, iluminada pela scentelha do verbo inspirador e assistir ao milagre dessa espiritual criação, viva, colorida, fácil e perfeita, que era, como uma torrente de luz, um discurso seu. Conservamos dessas distantes horas uma recordação que não se apaga — e dezenas de vezes temos animado essa recordação lendo e relendo alguns dêsses trechos lapidares que são os seus elogios fúnebres, as suas conferências, os seus debates no Parlamento e, sobretudo, essa joia, de inigualavel e scintilante transparência, que é a sua invocação admirável do Infante D. Henrique.

Nos lábios de outros oradores, como José Estêvão ou como Garrett, a palavra portuguesa foi talvez mais trasbordante ou mais subtil; em nenhuns lábios ela foi mais límpida e mais nobre. Nenhum orador, mais do que êste tribuno da raça, amou a claridade, o lirismo e a graça da nossa língua; nenhum a soube elevar a uma mais vasta, mais sonora, mais resplandecente solenidade. A eloquência de António Cândido evoca a ampla, religiosa, votiva beleza de uma catedral. E dessa eloqüência, que só a Arte, a Gratidão, a Pátria ou a História animaram, desprende-se uma tão ofuscante lição de ideal e de grandeza, que o nome dêste

admirável exilado da Tribuna ainda hoje é um dos mais belos exemplos de culto artístico e de dignidade mental que se possam encontrar, entre os vivos, para honra da inteligência e do sentimento literários em Portugal.

O nome glorioso de António Cândido não se liga apenas a uma desaparecida geração de grandes homens, grandes na eloqüência como Pinheiro Chagas ou Tomás Ribeiro, grandes na literatura como Ramalho ou Eça, grandes como Oliveira Martins, como João de Deus, como Junqueiro, grandes como tantos outros no pensamento, na política ou na acção. O nome de António Cândido marca um ciclo na vida do espírito em Portugal, a que estão ligadas tradições de suntuosidade intelectual, de elegância tribunícia, de cultura e de estilo moral, a que nenhum homem de bom gôsto, sejam quais forem as suas ideas, pode deixar de prestar justiça.

A beleza no pensamento, a sobriedade na palavra são, na ordem moral dos povos, tanto como as virtudes cívicas, atributos indispensáveis, pela sua alta função educadora, para a solidez de todas essas relações de respeito e de convivência humana, sem as quais não há ordem social possível. António Cândido foi, nos domínios da eloqüência e no culto da linguagem, dentro dêsses sugestivos sentimentos de harmonia e proporção, que dignificam a cultura de uma sociedade, um nobre Estatuário da Beleza. Criou e espalhou em tôrno de si essa resplandecente emoção do verbo e da imagem, com um dos mais notáveis génios da expressão que jámais brilharam em Portugal.

É-nos grato lembrá-lo neste momento, em que o bulício das cóleras e das paixões apaga a harmonia da voz humana; é-nos doce e consolador lembrá-lo — rútila hora de sol que a sua palavra foi na terra portuguesa!

— nesta hora em que as sombras do crepúsculo sobem no ceu tinto de sangue.

E aqueles que, no próximo dia 30 de Março, quiserem ir levar à casa do grande Orador de hontem e do grande Silencioso de hoje a homenagem do seu respeito praticarão um acto de ternura e cumprirão um dever. Juntar-nos hemos todos, se quiserem. O desinteressado culto de um grande homem, exilado de honras e poderes, ainda pode reunir em Portugal algumas dezenas de devotos. Permitam-nos que, entre êsses devotos, sejamos o último.

Augusto de Castro (1).

AO ANTIGO COLEGA, CONFRADE
E PRESADO AMIGO

Dr. ANTÓNIO CANDIDO RIBEIRO DA COSTA

Ao reflectir que, no caminho da vida, me encontro bem mais perto do que António Candido daquela méta, que não é dado à natureza humana transpor, e ao ver-me, símultaneamente, encorporado voluntária e jubilosamente no magestoso cortejo, destinado a exaltar os méritos do Príncipe dos oradores contemporâneos, nenhuma saudação, para lhe dirigir, me surge no espírito, mais representativa desta dualidade do meu sentir, do que o brado erguido pelos gladiadores romanos

(1) *Diário de Notícias* de 24 de Fevereiro de 1922.

ao desfilarem, quási com a morte deante dos olhos, pela frente do seu imperador, repleto de glória e honras: *¡Ave, Caesar, morituri te salutant!*

Lisboa, 30 de Março de 1922.

José Estêvão de Morais Sarmento.

O PATRIOTA

Para que o orador seja verdadeiramente grande, é preciso que não se interponha um septo divisório entre a sua alma e a sua palavra.

A palavra deve ser espelho cristalino em que a alma se reflicta, sem aberrações, nem máculas.

¿Porque ficou na História a eloqüência de Bossuet? Porque, importando-se pouco com a glória, tinha especialmente em vista a instrução das almas.

A característica da eloqüência de António Cândido é precisamente essa: é o espírito de convicção que a sua palavra traduz.

Ouvi-o no Ateneu Comercial do Pôrto, dissertando sôbre a «Moral na Política»; ouvi-o no Teatro de S. João do Pôrto, celebrando o centenário do Descobrimento do Brasil; ouvi-o na inauguração do Asilo «António Cândido», de Amarante, sublimando a bondade humana; e, sempre, sempre a sua palavra arrebatodora reflectia uma grande sinceridade e uma superior justeza de pontos de vista.

Percebia-se bem que não falaria assim quem não tivesse a palavra por um nobre, puro e sincero ideal.

Quer filosofando no discurso sôbre a «Moral na

Política», quer entoando hinos em homenagem ao Brasil, quer formulando lamentos sôbre as dores da natureza humana — António Cândido foi sempre um orador máximo, porque foi sempre um orador disposto a modelar a sua palavra no macio barro da sua alma.

Quem fôr pesquizar nas suas orações as inestimáveis joias que elas encerram há de encontrar sempre na luz por elas reflectidas a expressão dos grandes pensamentos e das grandes ideas que as dominam.

Poderá vir, passado muito tempo, quem fale melhor a língua portuguesa; não aparecerá tão cedo quem na língua portuguesa saiba expressar tão altos pensamentos, como os sabe expressar António Cândido.

Moralista, político, filósofo — tudo isso êle sabe ser, eminente e insinuante nas suas orações.

Para o reconhecer, basta ouvi-lo, ou lê-lo.

Em qualquer dessas modalidades da sua individualidade superior, há, porém, um aspecto que êle soube manter sempre, puro e inconfundível: — o de patriota.

Ninguêm soube ainda amar tão terna e dedicadamente a sua Pátria.

¿E porquê? Porque o amor à Pátria é um sentimento inato na sua alma, um pensamento dominante no seu cérebro.

Êle próprio o disse.

Numa sessão memorável da Câmara dos Deputados, investido nas responsabilidades do poder, estando a responder a Latino Coelho — orador *com sabor antigo e impecável* — António Cândido pronunciou estas memoráveis palavras, que são, por assim dizer, a razão de ser e o lustre da sua eloqüência:

— *Sou daqueles que não interpõem nunca entre a sua alma e a alma da Pátria nem sentimentos que lhe desviem o coração, nem ambições partidárias que lhe desnorteiem o entendimento.*

¡Disse tudo!

¡Falou o patriota!

Cícero não disse melhor na «De Republica».

Conceito verdadeiramente lapidar é êsse, que por si só basta para definir o mais lídimo patriota.

Essa identificação entre as duas almas — a própria alma e a alma da Pátria — constitui o mais puro *substractum* do patriotismo.

Mas não é só aí que fala a alma do patriota.

¿E o memorável *credo* do seu monumental discurso sôbre o centenário da descoberta do Brasil?

¡Como é belo o trecho da exaltação da Pátria!

— *Creio, finalmente, que a terra onde nasci, esta adorada Pátria nossa, que tão grandes coisas fez, êste Portugal a que a humana civilização é devedora do que a raras nações do mundo deve, se a alguma deve tanto... tem ainda amplos estadios a percorrer, a lustrar, com honra, cuja duração, que pode ser dilatadíssima, só da nossa vontade depende.*

Lidas e meditadas estas palavras, reconhecer-se há que, por justificada que seja a homenagem prestada agora ao maior dos oradores portugueses, vai nessa homenagem também o preito devido por todos nós quantos nos desvanecemos de ser portugueses, ao patriota insigne que à sua Pátria consagrou uma grande parte do seu talento, uma dóse preciosa da sua rara emotividade, um quinhão valiosíssimo da sua actividade inteligente.

Incontestàvelmente, António Cândido, patriota, não vale menos que António Cândido, orador.

Êle próprio o disse: — *Entre a sua alma e a alma da Pátria nem sentimentos que lhe desviem o coração, nem ambições partidárias que lhe desnorteiem o entendimento.*

Março, 1922. BENTO CARQUEJA.

Meu presado amigo e ilustre colega.

Velho amigo e admirador convicto do Dr. António Cândido, venho significar-lhe quanto me foi grato ver evocar, exibindo-o às novas gerações, um nome tão glorioso para as letras portuguesas.

Eu disse uma vez, em público, numa assembleia realizada no Pôrto, com o concurso da oratória empolgante de António Cândido, que qualquer assunto não podia considerar-se esgotado, enquanto sôbre êle não falasse o grande orador.

Hoje, passados bastantes anos, só tenho razões para crer que afirmei uma grande verdade.

Pelo *Comércio do Pôrto*, e por mim, asseguro-lhe o nosso concurso nessa mais que justificada homenagem.

Com as minhas mais afectuosas saudações, creia-me, colega admirador e amigo,

Bento Carqueja (1).

ANTONIO CANDIDO

As nações civilizadas contam por dezenas os seus escritores; mas os grandes oradores são raros, quási fenomenais, posto sejam tão necessários como as benéficas ventanias, que purificam a atmosfera, saneando as povoações.

Entre todos os factores de uma nacionalidade é a língua talvez o primordial; mas, no decurso do tempo, a língua, organismo vivo, corrompe-se, decompõe-se por sucessivas deturpações.

(1) Do *Diario de Noticias* de 14 de Março de 1922.

Cada plumitivo escreve-a como quere. Sucede que um ou outro faz gala de lhe macular a pureza baralhando-a com violentos estranjeirismos. Êste não cura de escolher os vocábulos mais próprios, nem as expressões mais claras. Aquele desarticula-lhe a elegância ou desafina-lhe o ritmo. E, assim, dia a dia, vai crescendo a Torre de Babel.

Os oradores vulgares concorrem para o desprestígio da língua, porque não pensam senão em dar o seu recado seja como for, sem olharem à correcção, muito menos ao brilho, da linguagem.

Mas os grandes oradores, como António Cândido, são criaturas privilegiadas por um destino brilhante, que as incumbe de guardarem o tesouro de belezas da língua, falando-a com relevante primor, produzindo nos seus compatriotas uma sensação de surpresa e encanto, como se escutassem uma nova língua, que êles até então desconheciam.

Tais homens são necessários e beneméritos, porque fortalecem a própria nacionalidade num dos seus elementos vitais.

São os grandes oradores, como António Cândido, raros mas consumados artistas da palavra, que não só glorificam a sua Pátria, mas também o Supremo Criador de todas as maravilhas que nobilitam a condição humana.

São êles que, semelhantes aos vendavais purificadores, restituem à língua uma sanidade que a aviventa; são êles que, modulando-a, a perfumam com o hálito da sua boca inspirada.

A eloqüência é um dom prodigioso, conferido pela natureza, que impressiona aqueles mesmos que também o possuem.

Conta-se que José Estêvão, ouvindo orar o padre Malhão na festividade da Nazaré, lhe dera palmas

dentro do templo, como se estivesse em S. Carlos aplaudindo entusiasmado.

Durante mais de meio século, António Cândido tem feito da eloqüência uma obra prima de arte, que engrandece a língua portuguesa, cuja integridade, cadência e donaire êle nos demonstra pràticamente, com altíssima perfeição e inquebrantável modêstia.

Trafaria — Março de 1922.

ALBERTO PIMENTEL.

ANTÓNIO CANDIDO

Notas bibliográficas

Com a apresentação destas notas bibliográficas, nas quais, desde 1874 (1) até ao presente, se vê documentada a sua actividade literária e política, como orador, como parlamentar e como académico, contribuímos, muito modestamente, para a justa consagração que vai ser tributada ao eminente orador e brilhante estilista, o Sr. Dr. António Cândido.

Infelizmente, não nos foi dado, até agora, ouvir a palavra calorosa, vibrante e eloqüente do Sr. Dr. António Cândido. Como Sua Ex.ª, no seu discurso em honra de José Estêvão, podiamos exclamar com toda a nossa alma: « *Eu choro no meu coração porque o não ouvi* ».

Mas Sua Ex.ª dizia aquelas sentidas palavras, quando o grande orador deixara de pertencer a êste mundo,

(1) É dêste ano o *Discurso do enterro*, publicado em 1880 nas *Orações funebres*.

quando a sua voz se extinguira para sempre e portanto sem esperança alguma de o poder ouvir. Porém nós, como toda a gente que tem no mais subido apreço os altíssimos dotes oratórios de Sua Ex.ª, esperamos ter o goso espiritual de ouvir a sua voz em toda a sua pujança, e não como um *éco de uma voz quási extincta*, não só no dia da realização desta explendida homenagem e naquele em que o Sr. Dr. António Cândido pronunciar nesta Academia, o elogio histórico do Conselheiro José Luciano de Castro, há tantos anos prometido, mas em muitas outras ocasiões ainda; pois confiamos que, para glória das letras portuguesas, Deus prolongará, por muitos anos, a sua preciosa existência.

A estas singelas palavras segue-se a lista bibliográfica, por ordem cronológica da sua publicação, dos diversos trabalhos do Sr. Dr. António Cândido, que vieram ao nosso conhecimento, trabalhos que mereceram a José Maria de Alpoim o seguinte juizo (1): «Do que António Cândido é, como coração e como carácter, pode ajuizar, quem pessoalmente o não conheça, pela sua obra literária tão sincera, tão sugestiva, tão radiosa pelas causas que defende.»

1) — 1875 — *Oração funebre que nas exequias do senhor duque de Loulé mandadas celebrar pelo centro historico de Coimbra recitou na Sé cathedral da mesma cidade no dia 13 de Julho de 1875 Antonio Candido Ribeiro da Costa.* — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1875. Folh. in-8.º gr. de 10 s. n. 40 pág.

---

(1) Biografia do Dr. António Cândido, nos *Perfis Contemporâneos*, n.º 19 de 16 de Março de 1896.

2) — 1877 — *Oração funebre que nas exequias de Alexandre Herculano mandadas celebrar pelo corpo commercial do Porto recitou na egreja da Lapa da mesma cidade no dia 13 de novembro de 1877 Antonio Candido Ribeiro da Costa.* — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1877. Folh. in-8.º de 43 pág.

A esta oração fúnebre, de que traz vários excertos, se refere o vol. 2.º do livro de Brito Aranha *Factos e homens do meu tempo*, Lisboa, 1908, pág. 28 a 36. Vem um excerto a pág. 667-669 do vol. 35 do *Instituto*, de Coimbra.

3) — 1878 — *Theses selectas de direito as quaes presidindo o illustrissimo e excellentissimo senhor doutor Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco dignissimo lente de vespera da faculdade de direito, servindo de decano e director, do conselho de sua magestade, etc., etc., etc., na Universidade de Coimbra se propõe defender para obter grau de doutor no dia do mez de julho Antonio Candido Ribeiro da Costa.* — Vol. in-8.º gr. de 21-3 s. n. — s. l. n. d. (na capa traz a data *1878 — Coimbra Imprensa da Universidade* e o título: *Theses ex universo jure quas in Conimbricensi Academia anno MDCCCLXXVIII propugnabat Antonius Candidus Ribeiro da Costa*).

4) — 1878 — *Principios e questões de philosophia politica por Antonio Candido Ribeiro da Costa licenceado em direito pela Universidade de Coimbra e socio effectivo*

do Instituto da mesma cidade. — I. Condições scientificas do direito do suffragio. — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1878. Vol. in-8.º gr. de 10 s. n. — 190-2 s. n. pág.

É a dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas na faculdade de direito da Universidade de Coimbra.

5) — 1878 — *Antonio Candido — Discurso politico recitado no Porto no dia 7 de janeiro de 1877.* — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1878. Folh. in-8.º de 16 pág.

6) — 1879 — *Oração funebre que nas exequias da excellentissima senhora D. Maria da Conceição Pereira da Silva Forjaz e Menezes mandadas celebrar por seus filhos D. Maria do Carmo Osorio Cabral Pereira de Menezes e Miguel Osorio Cabral de Castro recitou na Sé Cathedral de Coimbra no dia 27 de Maio de 1879 Antonio Candido Ribeiro da Costa.* — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1879. 1 folh. in-8.º gr. de 29 pág.

Acêrca desta *Oração*, vid. *Bibliographia da Imprensa da Universidade de Coimbra*, 1878–79, pág. 27; o *Portugal pittoresco*, 1879, n.º 9, pág. 143 e 144 e o jornal *Ordem*, da mesma época.

7) — 1880 — *Discurso proferido na camara dos senhores deputados nas sessões de 17 e 18 de fevereiro de 1880 por Antonio Candido Ribeiro da Costa deputado pelo circulo de Amarante.* — Lisboa, Imprensa Nacional, 1880. Folh. in-8.º de 37 pág.

Há outra edição com o título: *Discurso do deputado progres-*

sista Antonio Candido pronunciado nas sessões dos dias 17 e 18 de Fevereiro de 1880 na camara dos senhores deputados da Nação portugueza. S. l. n. d. Folh. in-8.º pág. de 40 pág.

8) — 1880 — *Discurso proferido na camara dos senhores deputados na sessão nocturna de 11 de maio de 1880 por Antonio Candido Ribeiro da Costa deputado pelo circulo de Amarante.* — Lisboa, Imprensa Nacional, 1880. Folh. in-8.º de 34 pág.

9) — 1880 — *Antonio Candido — Orações funebres.* — Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, Editores, 12 Largo dos Loyos 14, 1880. 1 vol. in-8.º de 172-2 s. n. (1 br.) pág.

Êste vol. contém: *Discurso do enterro recitado na egreja dos Congregados da cidade do Porto no dia 3 de Abril de 1874*, pág. 6 a 35; *Oração recitada nas exequias do senhor duque de Loulé mandadas celebrar pelo centro historico de Coimbra na Sé cathedral da mesma cidade no dia 13 de julho de 1875*, pág. 37 a 91; *Oração recitada nas exequias de Alexandre Herculano mandadas celebrar pelo corpo commercial do Porto na egreja da Lapa da mesma cidade no dia 13 de novembro de 1877*, pág. 93 a 135; *Oração recitada nas exequias da ex.ma sr.a D. Maria da Conceição P. da Silva Forjaz e Menezes mandadas celebrar por seus filhos D. Maria do Carmo Osorio Cabral Pereira de Menezes e Miguel Osorio Cabral de Castro na Sé cathedral de Coimbra no dia 27 de maio de 1879*, pág. 137 a 172.

10) — 1881 — *Discurso na camara dos deputados na discussão da resposta ao discurso da coroa em 19 de janeiro de 1881.* Nos *Diários* daquela câmara e no n.º 6 do *Jornal das Cortes de Portugal — Discursos mais notaveis nas duas camaras na sessão legislativa de 1881 — Discussão da res-*

posta ao discurso da coroa — Sessão de 19 de janeiro — Discurso do Sr. padre Antonio Candido Ribeiro da Costa deputado por Amarante. Folh. in-8.º de 26-2 br. pág. Editor A. L. Risso. Lisboa.

11) — 1881 — *Principios e questões de philosophia politica por Antonio Candido Ribeiro da Costa. — II. Lista multipla e voto uninominal.* — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1881. Vol. in-8.º gr. de 8 s. n.-47 pág.

12) — 1882 — *Artigo acêrca do Marquês ne Pombal*, no n.º único *O centenario do Marquez de Pombal, jornal commemorativo publicado pela comissão dos estudantes de Coimbra.* — Imprensa da Universidade, 24 pág. com a capa.

Foi impresso, mas não distribuído, por não ter sido paga a despesa do papel. Vid. pág. 37–38 do livro *Algumas horas na minha livraria*, do nosso falecido amigo general Martins de Carvalho.

13) — 1884 — *Artigo a respeito do Visconde de Vila Maior, Julio Maximo de Oliveira Pimentel, reitor da Universidade de Coimbra*, a pág. III-VI, do *Annuario da Universidade de Coimbra, anno lectivo de 1884 a 1885.* — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1884. 1 vol. in-8.º peq. de VI-296 pág.

14) — 1884 — *Relações da politica com a industria — Conferencia feita pelo Dr. Antonio Can-*

dido Ribeiro da Costa na Exposição Districtal de Coimbra na noite de 1 de março de 1884 — Resumo pelo Dr. Raymundo Francisco da Gama. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1884. 1 folh. in-8.º de 15 pág.

Êste trabalho de António Cândido vem mal descrito no artigo que lhe é consagrado no vol. 20.º do *Diccionario bibliographico*, pág. 186-189.

15) — 1885 — *Discursos proferidos na camara dos senhores deputados nas sessões de 23 de março e 20 de junho de 1885 pelo deputado Antonio Candido Ribeiro da Costa.* — Lisboa, Imprensa Nacional, 1885. Folh. in-8.º de 21 pág.

16) — 1886 — *Artigo sem título* no número único: *O Triumpho — Homenagem aos expedicionarios d'Africa.* — Porto, 1886. Typographia Cunha & C.ª.

17) — 1887 — *Discurso proferido na camara dos senhores deputados na sessão de 14 de maio de 1887 pelo deputado Antonio Candido Ribeiro da Costa.* — Lisboa, Imprensa Nacional, 1887. Folh. in-8.º de 13 pág.

18) — 1887 — *Antonio Candido — Discurso proferido na camara dos senhores deputados na sessão de 15 de julho de 1887.* — Lisboa, Imprensa Nacional, 1887. Folh. in-8.º in-35 pág.

19) — 1889 — *Dr. Antonio Candido — O Infante D. Henrique — Discurso pronunciado no dia 3*

de abril de 1889.—Porto, Empreza litteraria e typographica Editora, 178 Rua de D. Pedro 184, 1889. Folh. in-8.º de 27-5 s. n. (4 br.) pág.

20)—1890—*Elogio historico de sua magestade el-rei o senhor D. Luiz presidente da Academia Real das Sciencias de Lisboa recitado na sessão publica de 8 de junho de 1890 pelo socio effectivo Antonio Candido Ribeiro da Costa.*—Lisboa, Typographia da Academia, 1890. Folh. in-4.º gr. de 15 pág.

21)—1890—*Discursos e conferencias por Antonio Candido.*—Porto, Empreza litteraria e typographica Editora. 178, Rua de D. Pedro, 184-s. d. (1890). Vol. in-8.º de XXXI-300-4 s. n., com ret.

Contêm êste vol. a seguinte matéria: *Introducção, Discurso proferido em 1881 na camara dos srs. deputados sustentando que deviam ser conferidas as honras do recinto parlamentar ao deputado brasileiro Joaquim Nabuco,* pág. 1 a 8; *Discurso proferido em 1881 na camara dos senhores deputados justificando um pedido de auctorisação para o governo gastar até á quantia de dez contos de reis com o monumento a Alexandre Herculano,* pág. 9 a 18; *Relações da politica com a industria. Conferencia realisada na exposição districtal de Coimbra na noite de 1 de março de 1884,* pág. 19 a 52; *Discurso pronunciado no asylo do Rato na noite de 9 de maio de 1885,* pág. 53 a 75; *Discurso proferido em 1885 na camara dos snrs. deputados justificando a proposta para que se lançasse na acta um voto de sentimento pela morte de Victor Hugo,* pág. 77 a 89; *Discurso pronunciado no Atheneu Commercial do Porto na noite de 15 de agosto de 1885 em honra de Victor Hugo,* pág. 91 a 115; *Discurso pronunciado no salão do centro progressista de Lisboa na noite de 19 de janeiro de 1887 em honra do conselheiro Anselmo José Braamcamp,* pág. 117 a 145; *Discurso*

pronunciado na camara dos snrs. deputados de 15 de abril de 1887 em honra do conselheiro Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, pág. 147 a 159; *Conferência recitada no Atheneu Commercial do Porto na noite de 29 de agosto de 1887 sobre a moral na politica*, pág. 161 a 189; *Discurso pronunciado em 1888 no salão do theatro de S. Carlos a favor das victimas do theatro Baquet do Porto*, pág. 191 a 227; *Discurso pronunciado no palacio de crystal do Porto na noite de 3 de abril de 1889 em honra do infante D. Henrique*, pág. 229 a 259; *Discurso em honra de José Estevão proferido na cidade de Aveiro na noite de 11 de agosto de 1889*, pág. 261 a 287; *Discurso proferido á beira do tumulo do procurador geral da coroa Antonio Cardoso Avelino no dia 7 de dezembro de 1889*, pág. 289 a 300.

Da conferência *Relações da politica com a industria*, saiu um *Resumo da conferencia feita pelo dr. Antonio Candido na Exposição districtal de Coimbra, na noite de 1 de março de 1884*, por Raymundo Francisco da Gama, de pág. 157 a 167 do volume: *Exposição districtal de Coimbra em 1884 — Revista — Conferencias — Premios* — Coimbra, 1884. Vol. in-8.º de xx-189-3 s. n. 27 pág.; e uma súmula no n.º 56 do *Primeiro de Janeiro*, de 1884.

Ao discurso e conferência realizados no *Atheneu Commercial do Porto* se refere o vol.: *O Ateneu Comercial do Porto no 50.º aniversario da sua fundação, 1869-1919*, Porto, 1919, que estampa o ret. de António Cândido.

22) — 1894 — *Antonio Candido — Discursos parlamentares — 1880-1885.* — Porto, Empreza litteraria e typographica Editora. 178, Rua de D. Pedro, 184 s. d. (1894). Vol. in-8.º gr. de 4 s. n.-306 pág., com ret.

Eis os discursos contidos neste vol.: *Discurso proferido na camara dos senhores deputados na sessão de 17 de fevereiro de 1880*, pág. 1 a 73; *Discurso proferido na sessão nocturna de 11 de maio de 1880*, pág. 75 a 141; *Discurso proferido na camara dos senhores deputados na sessão de 19 de janeiro de 1881*, pág. 143 a 182; *Discurso proferido na camara dos senhores deputados na sessão de 26 de março de 1881*, pág. 183 a 201; *Discurso proferido na camara dos senhores deputados na sessão de 21 de janeiro de 1885*, pág. 203 a 257; *Discurso proferido na camara dos senhores deputados na sessão de 20 de junho de 1885*, pág. 259 a 277; *Dis-*

curso proferido na camara dos senhores deputados na sessão de 23 de março de 1885, pág. 279 a 306.

23) — 1900 — *Antonio Candido — Discurso proferido no theatro de S. João da cidade do Porto na noite de 19 de maio de 1900 em que as Associações Commerciaes, Industriaes e Agricolas da mesma cidade festejaram solemnemente o 4.º Centenario do Descobrimento do Brasil.* — Porto, Typographia do «Commercio do Porto» — 108, Rua do «Commercio do Porto», 112 — 1900. Vol. in-4.º gr. de 12 s. n. 33 pág., com ret.

24) — 1901 — *Antonio Candido — Na Academia e no Parlamento.* — Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira (Livraria editora), Rua Augusta 50, 52, 54 — 1901. Vol. in-8.º de XII-272 pág.

Contém êste vol. o seguinte: *Introducção,* pág. I a X; *Elogio historico de Sua Magestade el-rei o senhor D. Luiz I,* pág. 1 a 32; *Discurso proferido na camara dos senhores deputados na sessão de 9 de março de 1891,* pág. 33 a 48; *Discurso proferido na camara dos senhores deputados na sessão de 11 de março de 1891, sobre a suspensão das garantias, em resposta ao sr. Manuel d'Arriaga,* pág. 49 a 70; *Discurso proferido na camara dos dignos pares na sessão de 26 de junho de 1891, em resposta ao digno par o sr. Bispo de Bethsaida,* pág. 71 a 105; *Discurso proferido na camara dos dignos pares, na sessão de 19 de janeiro de 1892,* pág. 107 a 117; *Discurso proferido na camara dos dignos pares na sessão de 17 de outubro de 1894, em resposta ao sr. presidente do conselho Hintze Ribeiro,* pág. 119 a 141; *Discurso proferido na camara dos dignos pares na sessão de 24 de novembro de 1894,* pág. 143 a 170; *Discurso proferido no funeral de João de Deus em nome da Academia Real das Sciencias, no dia 16 de janeiro de 1896,* pág. 171 a 181; *Discurso proferido, em nome da Acade-*

mia Real das Sciencias, na trasladação de Pinheiro Chagas, no dia 8 de abril de 1896, pág. 183 a 190; *Discurso proferido, em nome da Academia Real das Sciencias, no funeral do conde do Casal Ribeiro, no dia 18 de junho de 1896,* pág. 191 a 200; *Discurso proferido na camara dos dignos pares na sessão de 9 de julho de 1897,* pág. 201 a 223; *Discurso proferido na camara dos pares, na sessão de 9 de abril de 1897, commemorando a morte de Cánovas del Castillo,* pág. 225 a 233; *Discurso proferido na camara dos pares, na sessão de 18 de fevereiro de 1898, sobre o requerimento do sr. conde de Sabugosa para ser admittido a prestar juramento e tomar assento por direito hereditario,* pág. 235 a 241; *Discurso proferido na camara dos pares, na sessão de 24 de maio de 1898, commemorando a morte de Gladstone,* pág. 243 a 255; *Discurso proferido na camara dos pares, na sessão de 3 de janeiro de 1899, commemorando o passamento do sr. Henrique de Barros Gomes e d'outros pares fallecidos no intervallo parlamentar,* pág. 257 a 270.

No livro: *Henrique de Barros Gomes — Homenagem das Missões do Congo e de Angola,* Lisboa 1899, vêm umas notas acêrca do último discurso mencionado, pág. 45 a 49.

25) — 1904 — *Discurso do conselheiro Antonio Candido,* a pág. 67-85 do vol.: *A Eça de Queiroz na inauguração do seu monumento realisada em Lisboa a 9 de Novembro de 1903.* — Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, Editores, 1904. Vol. in-8.º pag. de 4 s. n.-90-2 s. n. pag.

26) — 1909 — *Antonio Candido — Em Amarante (Discursos).* — Lisboa, 1909. No verso do front.: Composto e impresso na Typ. da Parceria Antonio Maria Pereira, Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar, Lisboa. Vol. in-8.º de 8 s. n.-64 pag.

Contém êste volume: *Discurso proferido na inauguração solemne do Asylo Antonio Candido, da villa de Amarante, no dia 16 de agosto de 1908,* pág. 1 a 31; *Discurso proferido em Amarante*

no dia 4 de julho de 1909, commemorando a heroica defesa da sua ponte, no Centenario da Guerra Peninsular, pág. 33 a 64.

27) — 1911 — *Artigo sem título* no número único: *Homenagem da Anadia ao Ex.mo Sr. Conselheiro José Luciano de Castro no dia do seu aniversário natalicio — Preito de gratidão e reconhecimento.* Tipografia «A Liberdade».

28) — 1913 — *Academia das Sciencias de Lisboa — D. Pedro — Poema Dramatico em cinco jornadas por José de Sousa Monteiro — Introdução do dr. Antonio Candido.* — Imprensa Nacional de Lisboa, 1913. Vol. in-8.º de XXXIX-3 s. n.-147 pág.

A *Introdução do dr. Antonio Candido* vai de pág. V a XXXIX e dela se fez separata, que vai descrita no n.º seguinte.

29) — 1913 — *Academia das Sciencias de Lisboa — Antonio Candido — Introducção ao Drama «D. Pedro» de José de Sousa Monteiro.* — Imprensa Nacional de Lisboa, 1913. Folh. in-8.º de 37 pág.

Como esclarecimento a uns períodos contidos na pag. 29 desta primorosa *Introdução,* publicámos no *Diário de Notícias,* n.º 17.349 de 19 de fevereiro de 1914, um artigo intitulado: *Ignez de Castro — Drama em prosa de Almeida Garrett,* artigo reproduzido no *Boletim bibliografico da Academia das Sciencias de Lisboa,* vol. I, 1914 e na *Miscelanea bibliografica compilada por Alvaro Neves,* Coimbra, 1914.

Tendo enviado êste artigo ao sr. dr. Antonio Candido, respondeu-nos com a seguinte carta que, cuidadosamente, conservamos:

Ex.mo Sr. — Li com muito prazer o artigo de V. Ex.ª, publicado no *Diario de Noticias,* e recebi depois a carta, muito amavel

que me escreveu. Agradeço-lhe a bondade com que se refere ao meu despretencioso prefacio e a contribuição erudita que trouxe à elucidação do caso que versei com absoluta falta de elementos, e que V. Ex.ª inteiramente esclareceu.

Neste correio envio a V. Ex.ª um exemplar da separata. — De V. Ex.ª — M.to Att.to Ven.dor e Obg. — 27 de fevereiro. — *Antonio Candido.*

30) — 1913 — *D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.*

Artigo incluído de pág. 494 a 508 do vol. VI (1912) do *Boletim da segunda classe da Academia das Sciencias de Lisboa* — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913.

31) — 1914 — *Discurso proferido no funeral do conselheiro José Luciano de Castro*, na Anadia, no n.º especial da revista *O Direito* de maio de 1914, a pág. 11-13.

32) — 1915 — *Parecer do Sr. Dr. Antonio Candido acêrca da candidatura do sr. visconde de Carnaxide a socio correspondente.*

De pág. 34 a 36 do *Boletim da segunda classe da Academia das Sciencias de Lisboa*, vol. VIII (1913-1914). Coimbra, Imprensa da Universidade, 1915.

33) — 1917 — Artigo, sem título, em louvor da montanha. De pág. 209 a 216 do livro: *Album litterario e artistico — Folhas d'ouro — gentilmente collaborado por Escriptores e Artistas Portuguezes.* Lisboa, MCMXVII. Typ. dos Caminhos de Ferro do Estado. 1 vol. in-8.º gr. de XIX-355-3 s. n. pág.

34) — 1918 — Palavras sem título a pág. 20 e 21 do folheto: *A Lucinda Simões na festa do seu cinquentenario artistico.* Folh. in-8.º

de 32 pág. No capa final: Ofic. Ilustração Portugueza. Rua do Seculo, 43, Lisboa.

35)—1918—Artigo acêrca de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho nas suas bodas de ouro literárias no jornal *O Dia*, n.º 1.470 de 16 de março de 1918.

36)—1918—*O parlamentar Veiga Beirão.*

Artigo de pág. 21 a 23 da *Revista do Instituto Superior de Commercio*, n.º 1 de janeiro 1918.

37)—1918—*Carta* dirigida ao sr. Dr. Alberto Martins de Carvalho, a pág. 12 do seu livro *Alterações á Lei da Separação das Egrejas do Estado*. Coimbra, 1918.

Neste volume de pág. 31 a 89 decorre uma extensa biografia: *Antonio Candido estudante, professor e orador*, que o autor prometeu, depois, publicar em segunda edição aumentada. Nos *Embrechados*, do sr. Conde de Sabugosa, Lisboa 1908, vem de pág. 165 a 170 um artigo acêrca de António Cândido e o sr. Fidelino de Figueiredo dele trata a pág. 255-257 da sua *Historia da litteratura realista*, Lisboa 1914.

38)—1919—*Rapido esboço d'uma grande figura* (Dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque), no n.º 19.604 de 1 de junho de 1919 do *Jornal do Commercio e das Colonias*.

39)—1920—*Prefacio de Antonio Candido* e *Post-scriptum*, respectivamente a pág. v-xix e xix do livro do Visconde de Santo-Thyrso: *De rebus pluribus*, Lisboa 1920, vol. in-8.º de xxii-243-5 s. n. pág.

40)—1921—*Cartas* (2) dirigidas ao sr. Dr. Alberto Martins de Carvalho a pág. 169-171 do seu livro *Trabalhos jornalisticos*. Coimbra, 1921.

41)—1922—*Cartas* dirigidas ao mesmo sr. no seu livro *Questões d'aguas*. Coimbra, 1922, a pág. 98-100.

42)—1922—*Ecos de uma voz quasi extincta.*

Livro ainda no prelo, de que saiu o *Prefacio* no *Diario de Notícias*, n.º 20.101 de 1 de janeiro de 1922.

43)—1922—*Carta ao Sr. Dr. Augusto de Castro*, no *Diario de Noticias* de 26 de fevereiro.

44)—1922—*Discurso proferido em 30 de março de 1922, na sessão em que lhe foi prestada homenagem na Academia das Sciencias de Lisboa.*

Veio no *Diário de Notícias*, n.º 20.182 de 31 de março.

45)—1922—*Carta ao sr. dr. Augusto de Castro* «em que lhe pede transmita os seus agradecimentos a todos quantos, no seu dia aniversário, lhe levaram palavras de carinho.» Veio publicada no n.º 20.215 do *Diário de Notícias* de 28 de abril.

46)—1922—Reprodução zincográfica do artigo de António Cândido, escrito numa folha iluminada pelo professor Bergstrom, sôbre a viagem aérea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, para ser vendida em

leilão na Liga Naval, revertendo o produto para a subscrição do *Diário de Notícias* destinada aos padrões comemorativos. Publicado no *Diário de Notícias*, n.º 20.264 de 17 de junho.

47) — ? — *Carta prefácio* a pág. v a x do livro de António de Menezes: *Livro sem nome (versos) com uma carta do Conselheiro Antonio Candido.* Porto, Typographia de A. F. Vasconcellos, Sucessores. 51, Rua de Sá Noronha, 59, s. d. 1 vol. in-8.º de xvii-7 s. n.-205-3 br. pág.

A pág. xiii dêste vol. declara o seu autor: «... ter sido êle quem muito expontaneamente fez a minha apresentação n'um folhetim em que sahiram as primeiras poesias que publiquei na cidade de Braga ...». Não sabemos em que jornal teriam vindo estas palavras de António Cândido.

48) — ? — *Piedade*, trecho que possuimos em reprodução zincográfica, mas que ignoramos onde saiu.

Nestas *Notas* muita coisa deixou, naturalmente, de ser incluída. Assim, além dos trabalhos relacionados, sabemos da existência dos seguintes, ignorando porém aonde foram publicados: orações fúnebres de João Crisóstomo de Abreu e Sousa, do Dr. José Monteiro, do Dr. Miguel Martins e do Dr. Joaquim Leite de Carvalho; discurso no banquete em honra do ministro do Brasil, no teatro de S. Carlos, quando se reataram as relações de Portugal com aquela república, que, parece, saiu no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro; discurso na Universidade de Coimbra no centenário do Marquês de Pombal; artigo acêrca de Pinheiro Chagas

por ocasião da sua morte. Sirva-nos, porém, de desculpa a dificuldade que sempre se encontra em todos os trabalhos bibliográficos, na reunião dos vários elementos dispersos.

NOTA. — Os n.os 44, 45 e 46 foram aqui introduzidos depois da revisão das provas.

Lisboa, 18 de Março de 1922.

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA.

A justa homenagem prestada ao Dr. António Cândido não significa apenas a entusiástica admiração pela sua brilhante eloqüência, que o fez um orador de fama, pelo seu grande talento, que o fez um homem de mérito e pelo seu primoroso carácter, que o fez um homem de bem, representa também a expansiva manifestação do orgulho que sentimos por termos ainda no nosso querido Portugal um tão ínclito cultor da nossa formosa língua e um tão belo coração, preciosidade rara que convictos veneramos no altar das nossas mais puras e íntimas afeições.

Em 20 de Março de 1922.

ALFREDO LUÍS LOPES.

ANTÓNIO CANDIDO

Nada há, certamente, mais difícil e, ao mesmo tempo, nada há tão sugestivo, como a verdadeira oratória.

É preciso que o orador tenha os dotes físicos de que já falava o velho Quintiliano, e que o nosso Cardoso Borges de Figueiredo repetiu no seu compêndio de Retórica: voz sonóra, peito forte e figura não desagradável.

É preciso que a sua palavra seja sempre fluente, pronta na réplica, vibrante no ataque, substanciosa na defêsa, e didàticamente erudita no assunto.

É preciso que seja imediatamente sugestiva, e que desça, numa escala natural, a todas as notas do sentimento humano, a todos os acidentes do assunto, e a todas as alternativas da contenda. Finalmente, é preciso até que o carácter moral do orador faça reflectir, como no espelho espiritual da sua vida, a autoridade da sua palavra.

Por isso mesmo, os verdadeiros oradores são muito raros; e a sugestão da sua oratória perde o efeito, quando os acidentes da sua vida moral contradizem as afirmações dos seus discursos.

Demosthenes foi sempre o verbo sugestivo, impetuoso e arrebatador da Grécia; porque se inspirou pollticamente na liberdade da sua pátria, e porque o seu procedimento moral foi sempre o de um verdadeiro patriota. Cícero, que arrastou após si todo o senado e todo o povo de Roma, nos tempos aureos em que pugnava pelo bem público, começou a perder o efeito com as suas voltas e contravoltas políticas. Mirabeau, deante de quem a Assembleia Nacional tantas vezes se ergueu arrebatada, na torrente das suas orações e na originalidade do seu engenho, já começava também a perder a inflüência, quando o seu procedimento patriótico principiou a ser duvidoso. E o nosso José Estêvão colheu sempre os louros do seu enorme talento oratório e empolgou sempre o parlamento, porque foi sempre um liberal, um bom, um simples e um sincero.

António Cândido, o ilustre sucessor de José Estêvão, possui todos êsses dotes, que podem constituír o símbolo mais completo da grandeza oratória.

Figura insinuante, onde transparece a bondade congénita da sua alma, que reluz até como o rádio na própria face; olhar vivo e caricioso, reflectindo ao mesmo tempo a doçura do coração, e que lhe torna a figura ainda mais insinuante; voz naturalmente harmoniosa, suave e terna como a harmonia de um cântico, mas que vibra, quando é preciso, como a toada de um clarim; gesto pautado e elegante, funcionando livremente à vontade da acção, sem a rigidez que torna os movimentos ásperos, nem a ligeireza que os torna precipitados, antes moldando-se numa perfeita simetria com a palavra; expressão significativa em cada contracção do rosto e em cada oscilação do busto: António Cândido foi predistinado pela natureza para representar o retrato mais completo de um orador sublime.

Para corresponder a tudo isso, ela só lhe pedia a boa expressão da palavra: e essa foi também completa.

Num estilo substancioso, como um fundo repleto de ideas; cadencioso como as notas de uma música ideal; arrebatador como o encanto de uma sugestão misteriosa; revolvendo os mais formosos e recônditos abismos da linguagem; subindo aos mais altos espaços do sublime; torneando-se nas graduações naturais do assunto; facetando-se nas belezas, como as preciosidades dos diamantes; finalmente, num português cheio de brilho, de naturalidade e, ao mesmo tempo, de lustre e grandeza: António Cândido atingiu o mais perfeito ideal da eloqüência moderna. Por isso mesmo, a sugestão da sua palavra é maravilhosa.

Ouve-se, e o som da voz entra no coração, como se fôsse a realidade de uma outra harpa eólia. Vê-se, e a fantasia figura um semideus da palavra, destinado a

arrebatar as multidões. Recorda-se, e aos nossos ouvidos fica vibrando sempre o tom dessa música celeste. Depois, em volta dele, reluz uma vida inteira de honradez, educação e delicadeza, como satélites da sua respeitabilidade, e como clarões de altar, iluminando e realçando a torrente da sua eloqüência e o resplendor do seu engenho.

Este homem de tanta grandeza literária, oratória e moral, só por si, dignifica o país, e Portugal dignifica-se também, congratulando-se com êle, no aniversário dos seus anos.

Adriano Antéro.

Considero da mais pura justiça a consagração nacional do prodigioso orador, só comparável nos nossos dias a Castelar, que exerceu um talento privilegiado, sempre com extraordinário brilho, em toda a gama dos assuntos que a palavra humana pode iluminar, esmaltando-os de encantos, esclarecendo ou profundando sistemas, concitando admirações ou agitando sentimentos emotivos.

Na minha longa vida de octogenário tive a rara fortuna de ouvir, talvez só com excepção de Garrett e José Estêvão, todos os grandes mestres da eloqüência, que floresceram em Portugal na segunda metade do último século. Com alguns mantive trato pessoal, de que conservo gratíssima recordação.

Muitos foram de excepcional envergadura: uns no púlpito; outros no foro, na cátedra ou no parlamento. Só o génio omnímodo de António Cândido cultivou todos os géneros, burilou todos os estilos, engrandeceu todas as tribunas.

No panegírico soergueu-se às culminâncias em que

se librou Malhão no elogio fúnebre do conde de Barbacena, ou Rodrigues de Azevedo no de El Rei D. Pedro V.

Nas lutas parlamentares defrontou-se com Fontes e equiparou-se a Casal Ribeiro e Rebelo da Silva.

Mas foi na conferência que o seu verbo apaixonado conquistou os maiores triunfos. Ainda hoje, e são já passados longos anos, me sinto vibrar de entusiasmo e assombro ao relembrar uma, proferida no salão nobre do paço municipal de Coimbra. Durante perto de duas horas, a abundância e riqueza de imagens fulgurantes, a torrente dos conceitos profundos, o explendor e grandeza de sínteses geniais tiveram suspenso e enlevado o auditório numeroso, que não era dos menos exigentes.

Associo-me, pois, calorosa e comovidamente a esta homenagem, à qual junto o preito, sem valor, de uma velha amisade sempre estremecida e de uma antiga camaradagem nunca esquecida.

Coimbra, 19 de Março de 1922.

J. D. Souto Rodrigues.

SILENCIO QUE FALA

Miguel Angelo, diante do milagre de génio do seu Moisés, lançou ao chão o escopro e clamou:

— Fala!

Os discursos impressos de António Cândido, os únicos que conheço, milagres do mesmo génio, falam sem que lho ordenemos. Embora prisioneiros do papel e tinta, embora longe da crepitação e do arrepio emocional da

tribuna, são vozes que nunca emudecem, chamas que se não extinguem nunca.

Lembram estatuas vivas, seres de mistério, conservando dentro de si, ao calor do seu seio, a voz de oiro, a eterna voz de mocidade e de prestígio que lhes foi berço e embalo, rajada e vibração.

Lisboa — Março — 1922.

Sousa Costa

Meu caro Augusto de Castro.

Ainda bem. Não me limito a aplaudir, afirmo-lhe o meu grande regosijo pela idea gentilíssima da homenagem a António Cândido.

Nunca, como hoje, essa idea deve ser acolhida com entusiasmo. Porque, se é certo que António Cândido — o tribuno que entre nós melhor vestiu à majestade da palavra falada a púrpura régia da eloqüência — não merecia menos essa homenagem aos 30 do que a merece aos 70 anos, certo é igualmente que ela tem hoje uma oportunidade ainda não igualada. Anda de todo esquecida a verdade dos Evangelhos. Já não sabemos o que é amarmo-nos uns aos outros. O verbo amar tornou-se um anacronismo gramatical, estranho ao sentido do coração e à curiosidade da inteligência. Demolir, arrazar, odiar — é o tema contemporâneo de todo o esforço, de todo o movimento, de toda a acção. Por isso, a homenagem a António Cândido, sendo fôro devido ao génio que tão nobremente exaltou a tribuna portuguesa, é ao mesmo tempo uma sugestiva, e forte, e encantadora lição de amor. Amemo-nos uns aos outros — amemo-nos pelo menos naqueles que soube-

ram erguer, à altura do sol, o divino fulgor da humanidade.

Bem haja pela sua idea, Augusto de Castro. E eu só lhe não peço para ser dos últimos na comovida romagem à rua da Emenda, porque êsses devem ser, conforme a lei de Deus, hierarqùicamente os primeiros. Mas acudirei ao chamado, no dia 3o de Março, enfileirando a qualquer altura do cortejo, com toda a minha devoção.

Abraça-o o seu amigo e admirador gratíssimo,

Sousa Costa. (1)

Lisboa, Fevereiro 24 — 1922.

Senhor Presidente:
Minhas Senhoras:
Meus Senhores:

Quando Augusto de Castro, do alto das duas primeiras colunas do *Diario de Notícias,* na sua prosa varonil, elástica e forte, combativa e amorosa, lançou aos quatro cantos de Portugal a idea gentilíssima da homenagem ao senhor conselheiro Dr. António Cândido, no dia do seu 72.º aniversário, alguêm me disse:

— ¿ Porque não vai Você saudá-lo, nesse dia, como visinho? Visinho, sim. O grande orador é do Marão, das vertentes minhotas do Marão. Você, igualmente do Marão, nasceu nos seus contrafortes trasmontanos. São pois visinhos que têm a separá-los, entre si, a cortina alterosa da serra que os viu nascer. É natural que Você, admirador do artista eminente da palavra

(1) Do *Diário de Noticias,* de 25 de Fevereiro de 1922.

falada, espreite por cima da cortina e lhe diga, em seu nome, em nome mesmo dos demais visinhos de Trás-os-Montes: «¡Bemdito e louvado seja o dia do teu nascimento, filho morgado da nossa serra!»

Devo declarar, antes de mais nada, que naquele instante a idea me deslumbrou. É certo. Eu não vi nela, ao ouvi-la cantar a sua melopeia sugestiva, senão um aspecto — o que correspondia ao sentimento da minha admiração pelo orador. Por isso a acolhi com entusiasmo, por isso me comprometi a efectivá-la.

Mas, pouco depois, em casa já, reconsidero. Vejo-a melhor. E tremo de pavor, no verdadeiro pavor da derrota certa — o que deve sentir aquele que cerra os olhos ao investir para campo de luta braço a braço, e, em vez de homem da sua medida, encontra pela frente um gigante.

Não há dúvida. ¿Quem me deu credenciais para falar em nome dos visinhos trasmontanos do sr. António Cândido? ¿Um só? Não basta. Nem os meus ombros aguentam o pêso dessas credenciais. Isto em primeiro lugar. Depois, ¿o que é, quem é António Cândido? É o mago do verbo perfeito, que na sua boca, lira de mil cordas, paleta de mil tons, escopro de mil gumes, se transforma em música, em pintura, em escultura. É o intérprete augural da alma colectiva, que da sua bôca fremente se debruça para ver a luz do sol, ela própria sol dos sentimentos que ilumina, das ideas que cristaliza, das formas que perpetua.

De maneira que, para saudar pela palavra falada o oráculo que entre nós melhor lhe sondou os divinos mistérios, só um orador da sua costela de oiro. E eu, meus senhores, bem ao contrário disso, embora um dos fieis que mais religiosamente a admiram, sou um dos devotos de quem ela mais intransigentemente se esquiva.

A palavra dá-se-me, por vezes, por vezes entrega-se me nos braços, entremostra-me os tesouros magníficos das suas graças e das suas virtudes.

Mas se o faz, em raros e fugidios momentos de revelação, é no segredo, no isolamento, no silêncio íntimo do meu gabinete de homem de letras. Quando a chamo a mim em público, às claras, para que me guie e me exalte, esconde-se, nega-se-me, deixando-me na mais lamentável e escura cegueira.

Reconhecendo-o, verificando-o com mágua e desalento, decidi procurar o alguêm que involuntáriamente me lançára às feras dêsse conflito moral, e desprender-me do compromisso tomado. Nesse instante, porêm, a idea primitiva desdobrou-se, mostrou-me um meio de cumprir o compromisso sem desprimor para o Sr. Dr. António Cândido, sem ofensa para os meus visinhos.

Eu saudá-lo ia em meu nome, apenas, na minha qualidade de filho último do Marão, singelamente, sem larguesas ou pretenções de palavra. Porque o invocar a qualidade de filho do Marão, por si só, corresponderá por certo, para o coração do egrégio serrano, a deslumbrá-lo com a visão sugestiva da mãe comum. Porisso aqui estou, porisso o venho saudar de facto, neste dia, nesta hora, em meu nome singular.

*
* *

Minhas Senhoras:
Meus Senhores:

Não leio um discurso do sr. António Cândido, não fixo a figura estatuária do sr. António Cândido, que não acentue a minha convicção de que êle, assim como é, não podia deixar de ser da serra.

O vôo altivo da sua eloqüência rompe quási sempre de uma linha severa de forma, em que por vezes se encontra a austeridade dos perfis da montanha.

Não é a eloqüência arrancada ao prestígio sonoro das imagens, que tanto dá a ventania, emudecida logo, como o fogo, logo apagado, como o fumo, logo dissolvido. É a eloqüência desentranhada do seio vivo das ideas e dos sentimentos, latejando sôbre o rijo arcaboiço, sôbre a forte musculatura de uma sólida preparação filosófica — e a que a palavra, grave ou doce, invariàvelmente sóbria, serve de carnação e de vestuário. Tal qual a serrania. Por fóra a esteva e a urze, hoje em vistosa florescência, no altar de Abril ou Maio, amanhã na dalmática penitente do monástico inverno. Por dentro, a dar vulto às eminências, a ossatura dos minérios primitivos; a dar vida aos vales, o sangue dos mananciais fecundantes.

Tomemos um dos seus discursos, ao acaso. O do Centenário da descoberta do Brasil, por exemplo — psaltério magnífico em louvor da epopeia marítima lusitana, soberba evocação do grande povo nascido do abraço amoroso dêste povo minúsculo com a terra virgem da América, ao sol pródigo dos trópicos. Por exemplo, o das homenagens fúnebres a Vítor Hugo, — fulgurante peça de oiro em que se venera o milagre da ressurreição do poeta da Legenda dos Séculos, do Gehovah do mundo literário do século XIX.

Num e noutro, nestes como em todos, as características dominantes são a precisão e solenidade, a linha hierática e a magestade natural. Claro: aqui, além, por entre os impulsos arrojados da evocação ou do panegírico, correm veios límpidos de lirismo, de murmurante ternura, no desenho do que é simples, e comove, na tessitura do que é suave, e acaricia. Lá está ainda a serra, com a arrogante imponência das

ravinas e dos curutos, e toda aberta em regaços de inefável maternidade — êsses regaços onde brinca a infância da água, onde nasce, engorda, e floresce o junquilho e o serpão, a giesta e a norsa.

Mas sóbrios sempre, sempre magestosos, os seus discursos distinguem-se pelo mais notável poder expressivo, a par da mais luminosa transparência. São tão expressivos e tão límpidos, que nos sugerem a convicção de que êsse orador de prodígio, artista e sábio, filósofo e psicólogo, antes de subir à tribuna, antes de levantar vôo, desce ao fundo das ideas, se recolhe no íntimo dos sentimentos, e pacientemente, e beneditinamente, pescador de gemas e seu requintado lapidário, afina por aquelas e estes os vocábulos de maior vibratilidade, lhes ajusta as imagens de mais pura água, de modo a tornar êsses sentimentos e essas ideas sonoras cristalizações do verbo criador.

Não conheço, nos tempos modernos, em qualquer língua, orador que, dispondo da sua eloqüência quente, por vezes clamorosa e arrebatada, disponha simultaneamente do seu sentido admirável das proporções — que imponha à oração, levando-a ao rubro, uma tão nobre disciplina.

Temos de recuar à idade patrícia de Cícero — idade em que a oração era mármore de Carrara, cinzelado por mão de mestre, sem deixar de ser calor de labareda e crepitar de fogueira — para lhe encontrarmos a linha masculina da ascendência genealógica. Porque, se o colocamos em frente de Bossuet, a *Águia de Meaux*, como lhe chamaram no seu tempo, encontramos-lhe de facto o mesmo conceito clássico dos valores, a mesma penetração das subjectividades filosóficas. Mas onde António Cândido vibra de comoção, convertendo-nos no cisco meudo da sua cólera ou do seu entusiasmo, Bossuet mantêm a calma hierática do dis-

sertador das *Meditações sôbre o Evangelho,* como nas *Orações Fúnebres.*

O' Connell, o agitador da Irlanda, o orador aguerrido dos Comuns, altivo atleta nos pugilatos católicos contra a hegemonia do protestantismo, ao contrário de Bossuet, vomita sôbre as almas tempestades de faúlas ardentes. Nos seus discursos as chicotadas de sarcasmo alternam, fulgindo, deslumbrando, com ouropeis de colorido perturbantemente meridional. O' Connell era, porém, excessivo nas roupagens que vestia às ideas. ¿E Castelar? ¿Onde escutaram, ouvidos de homem, voz maior do que a de Emilio Castelar? A torrente, o rugido, o trovão não encontraram nunca maior pregoeiro, e a sua expressão mais soberana violência. Mesmo lendo-o nos iludimos. Há momentos nos seus discursos em que se julga ouvir o rolar de um Niagára, em que se cuida ver a espuma das águas em turbilhão, em que se supõe estar na presença do espectro solar, pulverizado sôbre o bafo e o clamor das águas mártires, ao tombarem das alturas. Mas a eloqüência de Castelar chega a fazer-nos perder na floresta virgem dos raptos e das divagações.

Ao passo que a de António Cândido, nem ao elevar-se às estrelas, nem então, se esquece de nos deixar, para a seguirmos, a estrada de Santiago da sua feerica singelesa.

Almeida Garret solfejava com mais apurado timbre, talvez, a música profana do lirismo. Ou êle não fôsse do Pôrto — não tivesse nascido entre a vegetação festiva da Maia e do Candal! Ou êle não fôsse da beira mar — a escola superior, o conservatório do instinto lírico, o que ensina ora o canto gregoriano, ora o coral camoneano das ondas, na hora das suas épicas batalhas, tendo todos os meses, todas as semanas, quási todos os dias, para os brandos e contemplativos, a lição suave

do espreguiçar da vaga, do sorrir da espuma, do segredar da ressaca. O que a palavra de Garret nunca decifrou, nem nas lutas do parlamento, nem nos jogos florais da Academia, foi o segredo do vigor hercúleo da de António Cândido. Grande orador, já no tempo em que António Cândido ocupava de facto e de direito o sólio de primeiro entre os primeiros, foi Alves Mendes. Alves Mendes, no entanto, embora predicasse no púlpito católico, era mais pagão do que Vergílio. O paganismo transbordava da côr opulenta, do sensualismo sanguíneo das suas orações. E se as de António Cândido primam pela sobriedade, as de Alves Mendes pecam pela exuberância.

E já agora, e ainda a propósito, acentuarei outra característica da palavra dêste estatuário insigne do pensamento: — a oratória de António Cândido, religiosa ou profana, veste impecàvelmente à moda clássica. Lembra sempre, no parlamento ou no púlpito, a belesa rítmica dos gregos no *Agora*, a exactidão linear dos romanos no *Forum*, na era em que Zeus pecava entre os mirtos olímpicos, na quadra em que Venus saturava os bosques sagrados do olôr capitoso, Chipre divino, da eterna mocidade da sua carne.

Apezar disso, a eloqüência de António Cândido é casta como a chama do fogo. A eloqüência de António Cândido é cristã como a parábola do justo. Vem de Atenas. Vem de Roma. Mas, dentre os deuses e as suas orgias lúbricas, não trás senão a clamide augural, a toga dos sacrifícios. Porque no caminho, amargurada pelos excessos do Olimpo, esquece-se na simplicidade purificadora do Tabôr. E é ao Tabôr que passa a subir, dia a dia, nas horas de comunhão. É lá que o orador se transfigura, abrindo os braços, alçando a estatura, erguendo sôbre a harmonia da sua voz o sêlo apostólico da cruz de Cristo.

E aqui temos mais um aspecto do parentesco do seu génio oratório com a serra do seu nascimento. Ela também, meus senhores, também a serra extrema o paganismo loução do Minho da rigidez cristã de Trás-os-Montes.

António Cândido nasceu do lado do pôr do sol, vendo para a direita a festa voluptuosa dos arvoredos cheios de seiva, olhando para a esquerda o calvário aspérrimo dos cerros recolhidos em extase. E, mais próximo do calvário, foi para o calvário que se voltou.

Sim, meus senhores, os seus discursos são feitos à imagem e semelhança da serra maternal. É lê-lo desde os primeiros. É lê-lo, até aos últimos — como o de Amarante, em comemoração da defêsa da ponte do Tâmega contra as investidas de Loison, formidável baixo relêvo, que nos obriga a recuar no tempo e no espaço, que nos faz viver êsse lance de epopeia, vestindo-nos a farda de soldados, exaltando-nos a fé de portugueses, para a defesa do nosso lar, da nossa família, da nossa terra, da nossa pátria. É lê-lo em todos êles. E lendo-o, e escutando-lhe a voz e admirando-lhe a estatura, temos de concluir que êle é assim, porque assim é a dominadora imponência da serra natalícia.

Podia não saber ler. Podia não saber escrever. Sem êsses materiais de integração no meio e no momento histórico, materiais que dão às azas de sólida envergadura a dilatação dos horizontes visuais para longes ilimitados, êle ter-se ia quedado talvez no poiso alpestre de Candemil. Teria ficado entre a arcatura colossal do Marão e a linha ágil do cruzeiro, que mãos piedosas lhe plantaram em frente de casa, há 72 anos, no dia do seu nascimento — prenúncio profético, a cruz a abrir-lhe os braços para o abraço amigo, para que amorosamente a abraçasse.

Neste caso, porém, ela seria o oráculo e o juiz na comunidade dos seus. Seria o homem bom, de conselho tocado de graça divina. Seria sempre o maior, e o maior de sempre. Porque êle é, na exuberância natural das suas faculdades criadoras, das suas fôrças vivas, a síntese humana das fôrças vivas daquele torrão, daquele humus, daquela luz, daquela côr, daquele scenário gigantesco, daquela sinfonia wagnereana.

A seiva vital de António Cândido, orador, é tão abundante, meus senhores, que para a sentirmos latejar no sistema arterial das suas orações não precisamos ouvi-lo. Basta lê-lo.

O discurso, V. Ex.as não o ignoram, é um género literário de acentuadas afinidades com a dramaturgia. Para se impôr, para viver, à maneira do drama ou da comédia, exige a exterioridade sugestiva da máscara, da voz, do gesto. Impõe-se mais, quási sempre, pela maleabilidade da máscara que o anima, da voz que o sacode, do gesto que o equilibra, pela teatralização, emfim, do que pelas virtudes da linguagem ou pela elevação do pensamento. Pertence à família dos diamantes — que, para brilharem, para fulgurarem, exigem que uma luz de fora lhes morda as arestas.

E tanto que, muitas vezes, certo discurso, que neste ou naquele tempo, produziu verdadeira impressão de assombro, lido por nós, na serenidade estática do papel, nos produz a sensação gelada do desconforto. Nada surpreendemos ali da formosura que foi o enlevo da multidão, que deslumbrou e desvairou. Não lhe encontramos o corpo, encontramos-lhe o cadáver — ou a estátua jacente, mármore frio, dormindo o seu sono sôbre restos mortos. Vemos, quando muito, o retrato da formosura — sêco, inerte, inexpressivo.

Não são dêstes os discursos do senhor conselheiro António Cândido. Arquejam, respiram, movem-se

ainda depois de amortalhados em papel e tinta. São esculturas animadas, que nos fixam, que nos interrogam, que nos orientam, que nos emocionam, que nos encantam. Lembram os búzios, em cujo seio, longe do mar, o mar enamoradamente repete os seus cânticos de Salomão. Lêmo-los, escutamos o rumor das suas vozes, em que há os graves do órgão, as estridências do clarim, as suavidades do violino. E são santos que nos falam dentre as naves ogivais dos períodos talhados a primor; e são heróis que nos recitam as odisseias da sua glória imortal; e são sereias que afloram à tona doirada das imagens e nos rendem o coração, e nos perturbam o ouvido. Os discursos de António Cândido vivem por si próprios, fulgidos e eternos, como no ceu as estrelas.

*
* *

Minhas Senhoras:
Meus Senhores:

Disse eu, no comêço desta pobre saudação ao egrégio orador, que ler um seu discurso, fixar a sua figura estatuária, corresponde a concluir pela certeza de que êle, como é, não podia deixar de ser de uma região alpestre.

Procurei recordar o grau de semelhança dos seus discursos com a serra que lhe chama filho primogénito.

A mesma semelhança, no vigôr másculo da escultura, na linha de aparente severidade, no equilíbrio e na segurança, o aproxima fìsicamente da serra.

Isto, esta conformidade de corpo e de espírito, devendo ser o normal, raras vezes se concerta na comunidade dos homens — pelo que constitui privilégio digno de registo.

Dois gémeos, só porque nasceram do mesmo ventre, à mesma hora, são quási sempre, e por tal fórma, a reprodução um do outro, que a própria mãe chega a confundi-los.

Ora sendo o nosso corpo e a nossa alma fenómenos de geração simultânea, vindos do mesmo ventre, do mesmo amor, no mesmo momento, natural era que obedecessem invariàvelmente ao princípio da unidade imutável — que um fôsse a imagem do outro.

E não há gemenidade mais falivel, não há irmandade menos irmã. O caso de Izac, invejoso, de pêlo ruivo e rudes maneiras, e de Jacob, génio meigo e pele macia, constitui excepção. O freqüente é David com alma de Judas. E tanto que vemos caras, não vemos corações. O mesmo indivíduo chega a ser um cenáculo, como Rousseau, que tinha dentro de si um católico ou um protestante, um realista ou um republicano, um orgulhoso ou um humilde, conforme a situação. Calvino, o rude combatente da Reforma, era de uma fragilidade feminina. Watteau, o tuberculoso, encheu de vida as suas telas. Byron, o semi-deus alado do «Child Harold», cocheava de um pé. Mirabeau, o horrivel, fascinava. E quantas vezes se nos depara Brummell encadernando Sforza, ou Deus e o Diabo num só hábito!

António Cândido, físico, é irmão gêmeo de António Cândido intelectual. Mais ainda. António Cândido, intelectual, é irmão gémeo de António Cândido moral. Estes três aspectos do seu todo dão-nos, precisa, a fórmula dogmática da Trindade. Homem, carácter, inteligência — três pessoas distintas e uma só verdadeira.

Olhemo-lo a fito. Frente a frente. Fixemo-lo no talhe apolíneo do seu corpo, na integridade socrática do seu carácter, na beleza clássica da sua eloqüência.

A insistência da fixidez desintegra da unidade as suas três personalidades — que avultam, que se recortam, a alto relêvo, na nossa retina.

Fixemo-las. A do orador, primeiro. Atlética, na fácil majestade da fôrça, na viva serenidade da luz. Tão alta, convence-nos que não caberia, de facto, no nosso tempo — neste tempo de escravos a barafustarem de senhores. A do carácter, em seguida. Por pouco a desconhecemos; tal a distância que a separa dos moldes agora em uso. É quási um anacronismo emergindo à tona do dilúvio universal da moeda fraca — em que Noé anda na arca a apertar as mãos na cabeça. Fidalga de raça, de uma só face e de uma só fé, renunciando com simplicidade, afirmando-se com galhardia. Por último, a do homem — que parece esculturada, pela mão de Deus, para sacrário daquela alma. Fronte rasgada, olhos de verem, nariz calmo, boca flexivel, cabeça que no Partenon seria tomada para modêlo de Apolo. E ao fixarmo-las, as três pessoas distintas da luzidíssima trindade, uma a uma, desintegradas do todo, alçamos o braço no gesto de lhes passarmos a mão por cima — de medirmos uma pelas duas restantes. ¡ Estão as três à mesma altura!

Se não fôsse bom, não seria um génio — disse de Victor Hugo o eminente tribuno.

É o que nós dizemos de António Cândido. Um génio — não podia deixar de ser um bom.

E assim ainda, ainda na sua bondade, como no seu carácter, êle é, meus senhores, a imagem e semelhança da serra magnanima, que não mente, que se não curva, que não transige, que não pede — dando tudo quanto tem, quanto pode dar, aos vergeis e aos campos que trás debaixo das saias!

Por isso, nesta hora sacratíssima, hora de comunhão religiosa e de exaltação cultual, ¡ como me pesa não

poder ser o intérprete da serra, na acção de graças em louvor do filho morgado!

Demais, ao evocá-la, tenho a sensação de que a vejo tal qual a via nos dias da meninice, imensa, o corpo sob o burel penitente da urze e do tojo, hoje desperta do seu sono milenário — embora, como sempre, com a cabeça deitada no colo da Picarreira e os pés caídos para ás águas laboriosas do Douro.

Tenho mesmo a ilusão de que toda ela, pela única vez depois das convulsões primitivas, se agita e estremece, no alvoroço do filho coroado de louros! Julgo descortinar a régia altivez dos cumes de ouvido à escuta — êsses cumes que se orgulham do seu quinhão de glória na glória do Mestre, por lhe haverem insinuado o recorte severo das apóstrofes e dos anátemas. Convenço-me de que nos estão escutando ravinas e abismos, as arenas em que a luz e a sombra reproduzem, dia a dia, o tema da rebeldia de Satanaz contra o Arcanjo — êsses abismos, essas ravinas que lhe sugeriram a lei da graduação dos contrastes, a luz e a sombra dos Rembrandts pintados a fresco nos panos murais das suas orações.

Tenho a impressão de que até as águas correntes, até elas emudeceram nesta hora, neste instante, na ância de ouvirem o que vai cá pela cidade — águas estranhas, límpidas como a luz, ágeis como o fogo, frias como a neve, que passam o inverno em bramidos de condenados a penas eternas; que no outono se põem a soluçar canções de despedida; que quási sonham no estio, quási resam, baixinho, e se afagam, e se beijam. Porque foram elas, essas águas, que lhe ensinaram a arte de orquestrar as grandes vozes do heroismo ou da angústia, as doces vozes da resignação ou da soledade — as dos herois e as dos santos, as dos mártires e as dos amorosos.

Juraria que se quedaram a ouvir-nos os próprios ventos — ¡ os mestres cantores das suas marchas guerreiras! Que nos sorriem dos cabeços as próprias neves — ¡ as alvas de castidade das suas evocações de renúncia!

A serra palpita. É comoção e enlevo. Não posso, bem sei, interpretar êsse enlevo, traduzir essa comoção. ¡ Mas sinto-os para mim, o mais humilde dos seus filhos, na sua formidável grandeza!

E ao lembrá-la, na sua comoção, e na sua corpolência, afigura-se-me ver António Cândido, príncipe dos oradores portugueses, já em estátua, mármore e bronze, no pedestal que o Senhor lhe preparou muito antes de o criar — a sua serra, a nossa serra, iluminada pelos fulgores do seu génio.

— ¡ Parece antigo e é de hontem! — disse êle de Victor Hugo.

— ¡ Parece de hontem e é de sempre! — afirmo eu, ao saudá-lo no seu berço, no seu ninho de águia, na eminência da sua e da minha serra!

Sousa Costa. (1)

UM DÍSTICO

O pouco, que vou dizer, na conjunção felizmente aproveitada para a glorificação do excelso orador, que tendo deslumbrado o magistério e a tribuna, à nossa

---

(1) *Jornal da Europa* de 31 de Março de 1922.

N. da R. — Êste discurso fora escrito para ser pronunciado na sessão de homenagem ao sr. conselheiro António Cândido.

Academia tanto engrandecera ainda no seu nome e prestígio secular, comparado com a extensa oração, que tive de proferir, quando em 6 de Março de 1919 ela se associou às festas do jubileu literário do seu sócio correspondente, o também extraordinário orador e jurisconsulto Dr. Rui Barbosa, com que, como Portugal de António Cândido, o Brasil se envaidece jubiloso; só significa, que o desenvolvimento da vasta matéria, que na apreciação de uma e outra individualidade literária se oferecia: necessário quando me fôra preciso referir a obra, não vulgarizada então entre nós, do maior génio, que em terras de Santa Cruz é cultor assinalado da formosa lingua portuguesa; dispensável se torna agora, quando de António Cândido nenhuma indicação verá para os seus compatriotas a faltar na Imprensa desde a iniciativa, como para um seu jubileu também, tomada em boa hora de amor e admiração pelo ilustre dirigente do *Diário de Notícias*, Augusto de Castro, até à compilação nesta Academia de oferendas de outros seus confrades, entre as quais esta minha só entra pelo valor do testemunho de quem se rende sempre, além do bem, à verdade e à beleza ùnicamente.

Mas do que largamente escrevesse, e de quanto outros venham a documentar, a conclusão, que será, certamente, aclamada, creio bem tê-la eu antecipadamente formulado.

« Grande orador sempre filósofo, grande filósofo sempre literato »: eis como indiquei na primeira página de um meu livro a pessoa, a quem fôra oferecido.

Para isto ser verdade, ou ser o retrato fiel, duas condições se exigem do pintor: de observação cuidadosa do modêlo, em todos os seus aspectos miudos, e de harmonia e rigor no conjunto, para a sua característica expressão.

Ora — e releve-se-me para o propósito a imodestia da invocação — fôra a própria figura retratada, em que já de longe mesmo todos reconhecem António Cândido, quem do autor, relatando o parecer para a sua investidura então no 1.º grau académico, dissera, que, levando os seus estudos à extrema análise, os erguia depois às altas sínteses.

Conhecedor das suas obras, já lidas, já ouvidas, fôra, pois, aquela a condensação do meu juizo, que a todos se oferecerá incontestàvelmente de justiça.

Lisboa, 20 de Março de 1922.

VISCONDE DE CARNAXIDE.

Associo-me reverente à apoteose feita a António Cândido, dizendo como o Poeta:

Ouvi! — A Lingua é Bandeira
Da Patria que reza e canta:
Bemdito quem — entre tanta
De altiva côr estrangeira —
A luz do Sol a levanta!

Ninguêm, entre nós, a ergueu mais alto. Justo é, pois, que, ao render-lhe homenagem, Portugal inteiro diga: — ¡ Bemdito seja!

Pôrto, 23 de Março de 1922.

CONDE DE PAÇÔ VIEIRA.

Meu querido Augusto de Castro.

Permita-me que o felicite pela bela idea que teve e à qual me associo de todo o coração.

Discípulo de António Cândido em 1882, no meu 5.º ano de direito, e depois mais tarde seu colega na Procuradoria Geral da Corôa, durante largos anos, conheço bem o seu extraordinário talento e a sua imensa bondade.

Disponha, pois, incondicionalmente, de mim.

Aí irei a Lisboa no dia 31 incorporar-me nessa romagem de amigos e admiradores; e, apezar de velho, vou com o mesmo entusiasmo com que, há 40 anos, em Coimbra, fui, com toda a Academia, em «marche aux flambeaux», numa imponente manifestação, saudá-lo a sua casa, pelo notável discurso que êle proferiu na sala dos Capelos sôbre Pombal, e que nós, os rapazes de então, quebrando as praxes universitárias, aplaudiramos ruidosa e delirantemente, com vivas e com palmas.

¡Que saüdade, meu amigo! ¡Que saüdade!

Creia-me sempre com a mais elevada consideração,

Seu colega, admirador e amigo

CONDE DE PAÇÔ VIEIRA (1).

Com a maior veneração venho associar-me à justa homenagem prestada a António Cândido, sócio emérito desta Academia, o maior orador dos nossos tempos e uma das mais brilhantes intelectualidades do país.

(1) *Diário de Notícias*, de 14 de Março de 1922.

Honro-me, sobremaneira, em poder prestar êste meu pequeno tributo de admiração, juntando-me aos meus confrades da Academia, para significar ao grande mestre da nossa língua, quão grande tem sido o meu encantamento ao ouvir-lhe a sua palavra divina.

Lisboa, 23-3-22.

O sócio efectivo de 1.ª classe,

B. C. Cincinato da Costa.

RECORDAÇÕES

A Universidade de Coimbra teve sempre a máxima consideração pelo Marquês de Pombal, atendendo aos grandes benefícios que dele recebeu.

Quando o Marquês veio a Coimbra entregar à Universidade a nova lei orgânica pela qual teria de se regular, recebeu-o como só era costume receber os reis; passados 10 anos, quando o grande homem faleceu em Pombal, minado pela doença e pela ingratidão dos homens, foi a Universidade, representada pelo seu reitor e por professores, quem lhe prestou as honras fúnebres, pondo de parte os receios de desagradar aos que então mandavam (1); em 1872 celebrou a Universidade com grande brilho o primeiro centenário da Reforma pombalina.

Em 1882 celebrou de modo notável o centenário da morte do grande político português. Nessa celebração

(1) Fez a oração fúnebre o lente de Teologia o dr. Frei Joaquim de Santa Clara, que foi por isso deportado para o convento de Tibães e o Bispo chamado a Lisboa.

foi a Universidade acompanhada pelo Instituto de Coimbra, pela Associação Académica e pela Imprensa da Universidade, criação do grande Marquês.

A sessão que teve lugar na grande sala dos capelos foi imponente.

Essa grande sala era pequena para conter os que aspiravam a assistir. Nem um só lugar estava vasio.

Presidiu o Reitor, o velho Visconde de Vila Maior, um dos bravos das lutas pela liberdade. Falou o Dr. Correia Barata, da Faculdade de Filosofia, que o Marquês tinha creado, e em seguida levantou-se o Dr. António Cândido para falar. Um movimento geral se manifestou em toda a grande assembleia. A figura simpática do orador, a voz sonora e maleável, adaptando-se admiràvelmente a todas as fases do discurso, impressionaram profundamente a grande assembleia. A grandeza do assunto do discurso deu azo ao orador para mostrar quanto valia.

Por mais de uma hora teve a assistência fascinada pela sua eloqüência. A sua voz enchia por completo a grande sala e nem o menor sussurro o perturbava.

A vida do grande político, a sua acção para engrandecer a sua pátria, para proteger as indústrias, o comércio e a sciência, para organizar as classes e favorecer a liberdade, foi exposta brilhantemente. Com vigor extraordinário cauterizou os inimigos que o guerrearam.

¡Foi uma oração académica sublime! Estou perfeitamente convencido de que nunca, no longo período de 233 anos (idade da grande sala), foi recitada oração semelhante.

Ao terminar, estrondosa salva de palmas mostrou ao orador qual tinha sido o efeito do seu discurso.

Os académicos, não satisfeitos com tão expontânea e valiosa demonstração, esperaram o Dr. Antónió Cân-

dido à saída e logo que êle apareceu fizeram-lhe uma estrondosa manifestação.

Os rapazes, sempre sinceros e bons, cumpriram bem um grande dever.

JÚLIO A. HENRIQUES.

Os dotes, que a natureza prodigalizou ao Académico Doutor António Cândido, bem se apreciam quando se analisam as diversas manifestações das suas faculdades intelectuais e a sua inata propensação para fazer o bem.

Como professor, os seus colegas e discípulos testemunharam que sàbiamente doutrinara.

Na elevada função de procurador Geral da Corôa revelou-se douto, entre os mais doutos jurisconsultos.

Escriptor, as suas composições encantam pela elevação do conceito e primor da forma.

Insigne na arte da eloqüência, a elegância e a beleza de estilo, características dos seus discursos, arrebatam os auditórios, e por isto lhe foi conferida a justa fama de orador, que o ergue às eminências de um génio.

O deslumbrante brilho de tão belos dotes intelectuais não fazem, comtudo, perder de vista o seu formoso caracter e as suas altas virtudes.

Esta conjunção de qualidades grangeiaram-lhe, como se está vendo pela imprensa, a consideração e o afecto dos seus compatriotas.

O Livro de homenagem ao Doutor António Cândido, em que os seus colegas da Academia vão colaborar, servirá de monumento, para duravelmente mostrar à posteridade os merecimentos que lhe enobrecem o nome, por muitos títulos ilustre.

Lisboa, 27 de Março de 1922.

JOSÉ CANDIDO CORREIA

Il.mo e Ex.mo Sr. Secretário Geral da Academia das Sciências de Lisboa.

A circular com que a Academia das Sciências de Lisboa, por intermédio de V. Ex.a, seu muito digno Secretário Geral, nos dirigiu para colaborarmos num livro de homenagem ao Conselheiro António Cândido, homenagem essa votada, por proposta do Conselheiro Júlio de Vilhena, em Assembleia Geral de 2 de Março corrente, veio avivar recordações muito saudosas para nós.

São elas a do dia primeiro em que o vimos, e a comoção que sentimos no dia em que lemos a homenagem, a que Êle se associou, rendida «ao nome ilustre e à querida memória» do Dr. Luís de Almeida Albuquerque, sob o sugestivo título — Rápido esbôço de uma grande figura — em o número especial do *Jornal do Comércio e das Colónias* de 1 de Junho de 1919.

Em casa do Dr. Luís de Almeida Albuquerque, asssistindo, de visita, ao seu jantar, foi que vimos pela primeira vez o Conselheiro António Cândido.

Além de Luís de Almeida Albuquerque, sua Esposa e suas filhas, estavam o Conselheiro António Cândido, Gonçálves Crespo, D. Maria Amália Vaz de Carvalho, que a Academia das Sciências encheu de glória em vida, Dr. Joaquim de Gusmão, Dr. Vicente Monteiro, Dr. Sousa Martins, Dr. Laranjo. Toda uma assembleia de grande brilho intelectual; uma festa íntima, inolvidavel.

António Cândido estava manifestamente em foco; Êle era o astro mais brilhante daquela constelação; para Êle convergiam as maiores atenções. Até nós, pela sua atitude singularmente grave, muito gentil, sem pretenções, nos detivemos, por largos momentos, enlevados na sua contemplação.

São sobejamente conhecidos todos os convivas, para que nos seja necessário marcar o lugar primacial que cada um ocupava nas letras ou nas sciências; mas ressalta de facto a primazia do Conselheiro António Cândido.

A outra recordação a que aludimos, a do preito de homenagem rendida à querida memória do grande amigo nosso, o Dr. Luís de Almeida Albuquerque, atente-se no muito que tem de reversivo, assim se pode dizer, o que o Conselheiro António Cândido escreveu a tal respeito.

Esboçou Ele o seu próprio retrato, dizemos nós, personificando a grande figura do Dr. Luís de Almeida, que o Conselheiro António Cândido «admirou convictamente, guardando em seu coração, como precioso diploma de honra, a grata recordação do seu afecto».

Se encararmos as duas grandes figuras sob o ponto de vista do seu valor intrínseco, como homens de bondade e de subido valor intelectual, não encontramos dúvidas que se oponham a provar o contrário, na sua mais completa evidência de semelhança.

Aproveitamos êste lugar para reverentemente cumprimentarmos, dêste cantinho na aldeia da Abrigada, o eminente orador.

Agradecemos-lhe também a amizade que Ele teve ao Dr. Luís de Almeida Albuquerque, cuja memória veneramos. Devemos-lhe quanto somos; dirigiu Ele a nossa educação. Foi para nós um segundo Pai.

Abrigada, 24 de Março de 1922.

EMÍLIO DIAS.

A ANTÓNIO CANDIDO

Honremos o Príncipe da palavra, êsse orador imaginoso e sublime, que nos seus discursos soube pôr a nota vibrantemente encantadora, sem se afastar do têma que se propoz tratar.

É que na sua oratória admirável não há só um acastelamento de frases, mas um acastelamento de ideas, em que por vezes transparece a suavidade e o amor que nos extasia, que nos enleva, que nos arrebata.

¡ Nos seus rasgados vôos, o avião da palavra elevou-se às maiores alturas!

30-3-922.

ERNESTO DE VASCONCELOS.

« Se há coisa no mundo que se possa chamar verdadeiramente agradável e consoladora, essa tal é a admiração.

Bem sei que a minha maneira de pensar não está em moda nos tempos que vão correndo, de crítica mordaz e impiedosa. Por isso mesmo ainda é maior o meu contentamento, vendo-a seguida por milhares de pessoas, que aplaudem com entusiasmo a feliz idea de promover uma homenagem nacional a António Cândido, orador extraordinário, homem probo, que seguiu sempre o caminho da honra e da virtude.

É difícil — e ainda que fôsse fácil, não seria tamanha a minha pretenção — acrescentar seja o que fôr, ao muito que se tem escrito sôbre o famoso tribuno; porém, filho de um país, cuja língua, falada por êle, é

uma fonte perene de harmonia, corre-me a impreterível obrigação de também escrever algumas linhas no livro que lhe vai ser consagrado pela Academia das Sciências de Lisboa. Ei-las.

Á semelhança de Plutarco, que, entre os rochedos do Parnaso e os cimos do Citheron, estudou e compôs as suas *Vidas dos varões ilustres* e os seus pequenos tratados morais, António Cândido, entre os píncaros vertiginosos do Marão, habituou-se a contemplar e a exaltar não só a grandeza da alma antiga, mas também as virtudes médias, as virtudes domésticas, que são o pão quotidiano da humanidade. E assim tornou-se êle próprio um varão de Plutarco, como o definiu com propriedade o Conde de Sabugosa.

Entre as suas qualidades e virtudes e opiniões, avulta um bom senso penetrante, delicado e firme, e, acima de tudo, o patriotismo mais profundo, mais vivaz, mais tradicional, numa palavra, a fé antiga, arreigada, na sua Pátria, a fé jovem e inabalável na Liberdade.

É um homem feliz António Cândido. Feliz sim; porque, ao cabo de longos anos votados ao estudo, pode tributar a si mesmo, e merecer que os outros lhe tributem, a mais invejável e preciosa das homenagens; que a sua vida tem sido útil e boa. Mas eu não diria tudo quanto penso, nem tudo quanto pensa toda a gente, se não dissesse também que essa vida tem o cunho verdadeiro, a marca da grandeza.

É também êsse o cunho, a marca da sua obra. Com efeito, a mór parte dos discursos, proferidos até por oradores eminentes, podem ler-se truncados; mas, quando se principia a ler um discurso de António Cândido, é forçoso lê-lo até à última palavra.

Muitas vezes tenho lido e relido o seu belíssimo discurso pronunciado no Teatro de S. João, do Porto, comemorando o quarto centenário do descobrimento

do Brasil; e sempre que o leio, acode-me à idea o nome glorioso de Pericles.

No tempo do egrégio ateniense, o orador era o sucessor, o émulo dos poetas. Educada por estes, a multidão levava para as reuniões convocadas pela Pátria hábitos, que era necessário respeitar, disposições, a que era preciso satisfazer. O homem, que erguia a voz em meio do silêncio de uma assembleia, só era digno de tamanha honra, se possuisse a língua enérgica e sublime, que a razão tinha então falado à humanidade atenta e respeitosa. Nas épocas de Temistocles e de Pericles, apezar dos vôos livres do espírito grego, a praça pública de Atenas por nenhuma forma se deve imaginar uma arena tumultuosa, em que a vitória pertencesse aos esforços desordenados da paixão. Assim como nas solenidades religiosas o poeta lírico interpretava os sentimentos da multidão, numa linguagem digna dos deuses, assim também o orador, investido pelo Estado em um ministério, devia saber fixar, em imagens determinadas e exactas, os pensamentos que se agitavam confusos no espírito dos seus concidadãos, que o escutavam.

No Teatro de S. João, do Pôrto, António Cândido não foi mais, nem menos. Foi um emulo dos poetas, foi o intérprete do sentimento do povo português, no tocante ao grande facto que se comemorava.

A leitura do seu discurso impressiona-me sempre vivamente, e calcúlo o que impressionaria os seus ouvintes; porque António Cândido tinha tudo a ajudá-lo: a estatura um pouco mais do que mediana; a simpática expressão de fisionomia; a voz clara e sonora; o olhar scintilante e rápido; emfim, um conjunto de dotes, que a natureza parece ter formado e reunido para mostrar ao mundo o ideal do orador. E, depois, a sua lógica é a do senso comum; a sua eloqüência domina

sem esforço, por uma inflüência natural e penetrante, que não atordoa o espírito, mas que o ampara e conduz com segurança até às mais arrojadas concepções e até ás alturas morais, de cuja existência o vulgo nem suspeita.

Por todas estas razões, quando, no dia 19 de Maio de 1900, António Cândido assomou à tribuna portuense, quando fez ouvir a sua linguagem elegante e nobre, em que a natural magnificência do idioma era embelezada pelos requintes da arte humana, o auditório ficou logo subjugado por um encanto irresistível; emudeceram todos; ninguém ousava mudar de posição; até que, expirando nos lábios do orador a última sílaba do discurso, os ouvintes respiraram fundo, romperam em bravos e aclamações entusiásticas, e pouco faltou para que, em sinal de reconhecimento, o cobrissem de fitas e de coroas, por êle haver traduzido na linguagem dos deuses o sentimento do povo português.

José António de Freitas.

A ANTÓNIO CANDIDO

As armas e os barões assinalados,
cujo renome os séculos transmonta,
ficariam, por séculos sem conta,
no pó do esquecimento sepultados,
se quem melhor conhece e melhor fala
um formoso idioma não viesse
sobredoirar com mil festões de gala
fulgente glória, que jamais perece.

31-III-922.

Candido de Figueiredo.

Meu excelente confrade e amigo.

Embora avêsso a exibições que me desviem, sem necessidade, do meu sistemático retraïmento, não sei nem posso esquivar-me a aplaudir o entusiasmo e a justiça que inspiraram o seu formoso artigo sôbre o aniversário de António Cândido, e devo associar-me aos intuitos que nortearam as suas nobres palavras.

Conheço António Cândido há cincoenta e dois anos e mais de um motivo o impõe à minha estima e à minha admiração.

Em 1869 fazia eu, em Braga, um arriscado exame de matemática, para que não estava demasiadamente preparado. António Cândido, Sebastião Bretiandos — futuro Conde de Tarouca — e outros estudantes, assistiam ao exame e faziam-me o favor de aguardar, com impaciência e receio, o resultado do mesmo exame. Fui, porém, feliz, nas provas, obtive classificação lisonjeira e, à porta do liceu, recebi de António Cândido um apertado abraço de verdadeira congratulação.

Êsse abraço impô-lo duradoiramente ao meu afecto; e a êste afecto, com o andar dos tempos, acresceu a admiração, que a todos é imposta pelos elevados méritos de inteligência e carácter, que nobilitam António Cândido.

São raríssimos os grandes oradores que, como Garrett e Rebelo da Silva, sejam conjuntamente escritores primorosos. Mas António Cândido não é só o glorioso orador que todos conhecem; é, ao mesmo tempo, escritor e estilista de grande relevo, o que especialmente se verifica nos seus discursos publicados e na sua importante obra *Filosofia Política*, que lhe abriu as portas da nossa Academia das Sciências de Lisboa, de que, justificadamente, é hoje sócio emérito.

Trata-se, pois, de um nome que é glória nacional,

e merecidíssimas são todas as homenagens que se rendam ao eminente orador e laureado escritor.

Ao meu brilhante colega, ao director do *Diário de Notícias*, as minhas francas felicitações pela sua oportuna e justa iniciativa na celebração de um aniversário que relembra o nascimento de uma figura que há de ser histórica.

CANDIDO DE FIGUEIREDO (1).

ABENÇOADA HOMENAGEM

Quiz uma Nação inteira aplaudir, festejar, erguer nos escudos o nome glorioso de António Cândido, como sendo a expressão da eloqüência e da glória de um país. É um dever sagrado, que representa um preito de justiça.

A êle me associo de todo o coração.

Há cinqüenta anos que assisti em Coimbra aos primeiros triunfos oratórios do grande, do assombroso tribuno. Desde então nos liga uma amisade que nem a mais leve sombra ainda empanou. E hoje é como se fôssem minhas estas glórias, que aureolam tão alto e prestigioso nome.

¡ Sinto, por isso, o coração aquecido e o espírito levantado !

CRISTÓVAM AIRES.

---

(1) Do *Diário de Notícias* de 2 de Março de 1922.

Meu muito prezado Augusto de Castro.

Não pode haver homenagem mais justa e mais simpática do que essa que a sua luminosa palavra promove para o aniversário de António Cândido. É a maneira de provar a êsse vulto eminente da nossa Pátria, a êsse espírito raro, a êsse coração puro, que o seu retraïmento não consegue afastá-lo do culto de quantos lhe querem, como a uma glória imarcessível do nosso angustiado país.

Calou-se nas tribunas mais altas da Nação aquela voz de oiro, voz incomparável e sublime, que era o seu orgulho; mas os écos dela vibrarão na alma do Povo, como um clarim, emquanto ela pulsar e emquanto Portugal representar um sentimento e uma expressão do pensar humano.

Portugal viverá, luminoso e fúlgido, emquanto viver, — ¡ e será eterna! — a palavra assombrosa de António Cândido!

Meu querido amigo, do coração me associo, como todos os verdadeiros portugueses, à sua consoladora idea.

Colega e amigo dedicado,

CRISTÓVAM AIRES (1)

¡FLOS ORATORUM!

José Estevam, Pinheiro Chagas e António Cândido são três grandes vultos da oratória portuguesa, na

(1) Do *Diario de Noticias* de 2 de Março de 1922.

última metade do século XIX e em cuja eloqüência conjuntamente avultam o fogo, o pensamento e a forma.

Em José Estevam, combatente do cêrco do Pôrto e das mais apaixonadas lutas políticas — mais veemente a altisonante ardência da palavra.

Em António Cândido, flôr de grave e magestosa eloqüência, desabrochada no retiro e no estudo de um seminário — mais fundo, erudito e filosófico pensamento.

Em Pinheiro Chagas, expontânea e imaginosa florescência literária — a suma scintilância e virtuosidade.

Lisboa, 1 de Maio de 1922.

EDUARDO BURNAY.

PARA ANTÓNIO CANDIDO,

PELA MÃO DE AUGUSTO DE CASTRO, DIRECTOR DO « DIÁRIO DE NOTÍCIAS »

Meu caro António Cândido.

Em primoroso e benemérito artigo informa o *Diário de Notícias* que vais, em dia próximo, entrar na casa, quási veneranda, dos « setenta », e para o celebrar se convocam amigos e admiradores.

Nessa dupla qualidade aqui estou, mas, verdade seja, sem dar maior crédito ao grande e ilustrado órgão dirigido pelo nosso jovem e talentoso amigo Augusto de Castro; pois está hoje geralmente aceito, aliás sem ofensa, que quási tôdas as notícias dos jornais são absolutamente falsas, servindo as excepções apenas para anfigùricamente confirmar a regra, creio

que apenas pelo princípio de que não há regra sem excepção.

Se realmente fizesses agora setenta anos, sinal era de que eu disso também estaria próximo, o que me repugna inteiramente acreditar, pois precisamente neste mesmo minuto estou gosando a inefável impressão de que foi há bem pouco tempo ainda que nos encontrámos, mancebos mais ou menos estudiosos, à *Porta Férrea* da nossa Mãe comum — a sempre querida Universidade de Coimbra.

E daí tudo é possível, pois desde que o físico Einstein fez, por via matemática, dar uma monumental cambalhota às clássicas concepções do dinamismo universal, que pareciam argamassadas com um cimento de eternidade, assombrando por tal arte o mundo da Filosofia e da Sciência com a sua «Teoria da Relatividade», tu, e eu, para não falar em outras pessoas amigas, tanto podemos ter setenta anos, como sete meses, como 70 séculos.

É, não tenhas dúvida, o que por transcendentes integrações superleibnitzianas parece estar arquidemonstrado!

Como quer que seja, o que suponho é que, no dia 31 de Março próximo, a saüdar-te (a não ser que venha alguém de Entre-Minho e Douro donde és oriundo), na tua recolhida mansão da Rua da Emenda não poderás ser estreitado em braços de camarada e amigo mais antigo do que eu.

Conhecemo-nos desde o ano de Graça de 1871. Matriculáras-te no 1.º de Direito, eu no 1.º de Matemática e de Filosofia. Andavas, como eu, ao que parece, à volta dos 20 anos, mas trazias já do Seminário de Braga prenúncios de celebridade oratória, que depois haviam de gloriosamente desabrochar sôbre o pedestal de altas tribunas, em vôos de máscula e esplendorosa eloqüência.

¿Como seria que nos falámos pela primeira vez?

Foi pela apresentação, se bem me recordo, do meu companheiro de casa e amigo de tenra infância — como irmão, Bernardo Pindela, então distinto segundo-anista de Matemática. Bernardo Pindela, que mais tarde foi o Conde de Arnoso e morreu da morte de El-Rei D. Carlos, clamando — « Justiça ».

¡*Vox clamantis in deserto!*...

Não nos fica mal, António Cândido, no meio desta nossa conversa de supostos e relativos septuagenários, desfolharmos uma *Saüdade* sôbre a memória dêsse gentilíssimo companheiro de juventude, nobre e cavalheiroso, que na História fica como um símbolo de intemerata lealdade ao Rei morto, que amara e servira.

Mas, continuando — do que melhor me lembro é do nosso segundo encontro, dias depois, de que talvez te não recordes tu, mas que, a mim, ainda hoje se me representa vivo e como fixo na retina e vibrante no tímpano.

Entre um tropel de embatinados estudantes, vindos de aulas findas dos *Gerais*, encontraramo-nos casualmente lado a lado e reconhecemo-nos. Paramos cêrca da Real Capela e prosseguimos conversando até à escadaria da *Porta de Minerva*, por onde ias, creío, fazer caminho.

O espectáculo era admirável. O temporal serenara. O dia era ainda de bruma, mas com intermitentes clareamentos para as bandas do Oriente.

Havia chovido em dias anteriores e o Mondego engrossara. As suas camoneanas águas haviam perdido sua cristalina limpidez e como que se viam dobrar, pardas e cachoantes, a curva graciosa e inolvidável, que na *Lapa dos Esteios* (ou *dos Poetas*) faz o rio, para seguirem depois murmurosas junto aos salgueiros da margem, até encontrarem a velha ponte, ainda

existente então com o seu famoso O, e em que, com redobrado ruído, queixosas se reprimiam.

Em frente avistava-se a Quinta das Lágrimas envolta na lenda de Inês e tudo constituía um ambíente especial, impregnado dessa infinita saüdosa melancolia, tão admiràvelmente sentida por Lopes Vieira e por tantos outros poetas, que antes e depois dele, em ternas rimas cantaram e continuarão cantando através dos séculos.

Encostados ao parapeito das escadas, detivemo-nos na contemplação do admirável panorama dêsse encantado Mondego, fonte manancial, para assim dizer, de tôda a poesia portuguesa, e foi assim, nesse estado de alma, que viemos à mais íntima conversa.

Quizeste saber de mim, dos estudos que eu seguia e disse-te que estava nas sciências naturais. Invejaste-me. Essa seria também a tua vocação, mas as circunstâncias haviam-te arrastado para outro caminho. Tinhas-te ordenado e em tal situação o mais prático e conseqüente agora era seguir antes a formatura de Direito.

É claro que, pela alusão feita a circunstâncias que parecia haverem sido imperiosas e fóra de vocação, a conversa não podia discretamente ir mais além sôbre tal matéria, e assim nos separámos pouco depois, eu vagamente cogitativo que o teu caso não seria pròpriamente o do rebelado Renan, mas antes parecido com o do sacrificado Jocelyn do dramático poema de Lamartine, que eu, coïncidência, com deleitoso fervor lia nessa ocasião pela primeira vez.

Êsse inicial *sacrifício*, que sem intenção me deixaste perceber, pesou sôbre tôda a tua vida, mas tão nobre e silenciosamente aceite, sem repúdios, como sem hipocrisias, que bem se póde, com honra, aludir a êle na glorificação do teu nome.

Pôde êle obstar para ti a outros humanos destinos,

Não embaraçou, todavia, nem os teus grandes triunfos, nem a consagração das culminâncias que atingiste. Mas na tua máscara de tribuno e de pensador, como na do genial Beethowen, tão similar, um traço de amargura ficou sempre visível.

Sobrecarregou-se em 1910, perante os acontecimentos dêsse ano, interrompendo a História dos oito séculos de Monarquia Portuguesa, e alguma outra íntima dôr mais tarde indelevelmente profundou êsse sulco, que no teu sensível coração tão precocemente se gerara.

É assim a vida, feita de triunfos e derrotas, de glórias e abismos, de prazeres e desgostos, de risos e lágrimas, tantas vezes confundidos.

Homem, homem de eminentes faculdades de mentalidade e de sensibilidade, tudo isto experimentaste, gosaste e sofreste, até chegar ao limiar dessa suave quietação de alma — que Cícero, teu antepassado, louvara *(De senectute)* e em que tôdas as vividas sensações, que tumultuosamente vêm da passada existência, nos corações portugueses brandamente se acalmam e transformam na portuguesa *Saüdade*, êsse mixto sentimental, singular e irresistível, voluptuosamente dôce e acerbo, na lírica expressão de Garrett, poeta do nosso Mondego, êle também.

Quantas vezes, em férias, no teu berço natal de Candemil, ao acordares com a aurora entre o chilrear das tímidas aves e um raio de sol nascente penetrando pela tua janela, aberta sôbre um dos mais belos trechos da païsagem pátria, tu, que não cultivas sòmente os poetas nacionais, te não terás encontrado evocando mentalmente do Cyrano, de Rostand, êsse desolado versículo, tão cheio de coisas inominadas, plangentemente exalado do coração viuvo de Roxana

Ah, que de chôses qui sont nées, qui sont mortes !

Assim é, e eu mesmo, à lembrança do nosso colóquio de há meio século, juvenilmente debruçados com as nossas capas escolares sôbre a vetusta *Porta de Minerva*, na contemplação da melancólica paìsagem em que os nossos olhos adolescentes pousavam, revendo neste momento tudo quanto na vida tem decorrido em mim e em volta de mim, não me furto à emoção de me sentir também involto nas *lacrymae rerum*, que Virgílio arrancou da realidade emotiva para as sublimidades da Poesia.

. . . .

¿ Mas a que vêm estas reminiscências da nossa evaporada mocidade ?

Simplesmente a dizer-te que entre os que irão saüdar-te por aquilo que se entendeu chamar, com ou sem licença do já citado físico alemão, o teu septuagessimo aniversário natalício, eu, nem na amizade, nem na admiração, nem mesmo na cronologia... serei o último.

Aí fica pois já anunciado, para o rito festivo dêsse dia de consagração magna, o meu abraço congratulatório.

Abraço à portuguesa, amplo, estreitado e palmado, no qual, em dado momento, persentirás, talvez, um ténue frémito, evocativo do que quer que seja que te irá ao coração, pelo qual tu nada me preguntarás e nada te dirá tampouco, por desnecessário, o teu semi-secular preseverante amigo

Ericeira, 26 de Fevereiro de 1922.

EDUARDO BURNAY (1).

---

(1) Do *Diário de Notícias*, de 7 de Março de 1922.

PRIMUS INTER PARES

Depois dos excelentes discursos que na sessão de 30 de Março, da Academia das Sciências de Lisboa, proferiram os ilustres académicos srs. Almeida Lima, Lopes de Mendonça, drs. Augusto de Castro, Eduardo Burnay e Júlio Dantas, ou se há de tratar a sério, com preparação que pede tempo e espaço, aquele que entre os homens de bem do púlpito, do parlamento, da cátedra, do Govêrno, do Conselho de Estado e da Magistratura do Ministério Público de Portugal foi o que melhor falou, ou se lhe hão dedicar apenas algumas linhas, que bem poderiam ser substituídas por um simples «*¡ Assim seja !*» de incondicional aplauso a tudo quanto durante trinta dias a imprensa escreveu e aqueles ilustres académicos disseram acêrca de António Cândido.

Na verdade, tudo quanto cabe numa síntese oratória de meia hora a três quartos de hora o ouvimos — ¡ e com que eloqüência ! — naquela sessão memorável. O que resta pediria um volume de quinhentas páginas.

Ninguém melhor poderia definir António Cândido do que êle próprio se define no prefácio dos seus *Discursos e Conferências.* Sòmente, cada tópico dêsse prefácio daria matéria para um volumoso capítulo.

E diminuirá António Cândido, sem querer, quem o apreciar abstractamente, fóra do meio político, social, filosófico, didático e artístico em que viveu os anos mais fecundos da sua vida, sem nunca lhe ter sacrificado a sua personalidade inconfundível, e antes, por vezes, lhe sugerindo uma Fé, que nele é estructural, servida por uma sensibilidade, que iguala a da sensitiva, e por uma palavra, que é a própria Beleza feita Verbo.

As tribunas parlamentar e académica, que António Cândido tanto honrou, podem, de um modo geral, suportar, sem desdem, o confronto com os áureos tempos da eloqüêncía clássica e moderna. Não ouvi Demosthenes, Cicero, Mirabeau, Danton, Berryer ou Lamartine; também não ouvi os dois Pitt, Fox, Burke ou Sheridam; e já não cheguei a ouvir Garrett ou José Estêvão, embora a todos lesse e até, de quando em quando, julgasse colher no ouvido o éco remoto das suas vozes. Mas ainda ouvi Latino Coelho, Fontes Pereira de Melo, Emídio Navarro, Mariano de Carvalho, Barjona de Freitas, Ressano Garcia, Hintze Ribeiro, Júlio de Vilhena, Carlos Lobo de Ávila, João Franco, Manuel Pinheiro Chagas, João Arroio, José Maria de Alpoim, Casal Ribeiro, D. António Aires de Gouveia, Lopo Vaz, Marçal Pacheco, José Luciano de Castro, Oliveira Martins, José Dias Ferreira — *j'en passe et des meilleurs!* — e tive a impressão de que só Castelar nos faltava para termos o mais eloqüente parlamento da Europa do seu tempo.

¿Por que prodígio da Natureza e da Arte António Cândido ficou, e muitos deles, como estrêlas cadentes, passaram, fulgiram e no horizonte se perderam? A resposta há que ir perguntá-la a êsse famoso grupo dos *Vencidos da Vida*, cuja influência política e social, diga-se o que se disser, foi quási nula, mas que, àparte raras deserções, exerceu sôbre si próprio uma decisiva acção terapêutica, ora tónica ora estimulante.

O conde de Sabugosa, Carlos Mayer, Oliveira Martins, o Conde de Arnoso, Ramalho Ortigão, o conde de Ficalho, Eça de Queiroz, o Cenáculo, em suma, constituem a grande família espiritual de António Cândido. Nessa autentica *élite*, que o era pela inteligência, pela cultura, pelo carácter, e ainda na leitura dos seus autores predilectos, encontrou António Cândido

aquele aplauso, que compensa dos maiores incómodos, e aquela centuplicação das próprias energias que vitoriosamente lhe permitiu negar à chamada disciplina partidária a consciência e o coração. Assim, de todos os políticos do seu partido êle foi sempre o menos político; e do seu primeiro ao seu último discurso, êsse homem, para quem os discursos foram « actos da sua vida », se conservou fiel ao propósito que êle próprio assinalou à eloqüência: — « A eloqüência é uma arte, e a lei suprema de tôda a arte é a moral, isto é, a intenção de contribuir directamente para fins elevados e úteis da nossa espécie ».

De resto, êsse elevado sentimento da dignidade pessoal, que tanto distingue António Cândido, e que abrange todos os decoros, a principiar pelo intelectual, nós o encontramos na vida e morte dêsses homens, cuja perda a nação eternamente pranteará.

Em troca dessa solidariedade intelectual e moral, que o Cenáculo lhe trouxe, e por assim dizer o imunizou contra as baixezas e vulgaridades da política estreitamente partidária, ¿ que deu António Cândido aos seus grandes amigos, aos seus eminentes confrades? Deu-lhes o Verbo, que a quási todos faltava, e deu-lhes a Fé nos destinos do país, em que muitos descriam. Disse-lhes o que mais tarde, no seu canto de cisne, que foi o segundo discurso de Amarante, disse ao país: — « ... por mais contrários que os ventos soprem, por mais escurecidos que os horizontes estejam, por mais grave, angustiosa, inextrincável que surja a dificuldade do momento, há-de acudir-lhe e valer-lhe sempre a fôrça da tradição que o impele, o espírito da raça que o vivifica, o interêsse da civilização que o reclama, o eterno direito humano, que é por êle. »

E, ¡ caso estranho! Tanto António Cândido foi o

Verbo do Cenáculo, sempre que êste pretendeu anunciar à Nação, nas azas da eloqüência, a sua vida espiritual, e tanto êle era a Fé que abandonara aqueles espíritos eminentes, tanto isto é assim, que cada um deles dedicou a sua última jornada na terra a uma obra de Fé. Assim Oliveira Martins expira abraçado à *Vida de Nunalvares*, aos *Filhos de D. João I*, ao *Príncipe Perfeito,* assim Eça de Queiroz morre abraçado à *Cidade e as Serras* e à *Ilustre Casa de Ramires.*

¡ E são todos parentes, como filhos que são dos mesmos ideais, êsses homens! Atente-se no vocabulário de Eça de Queiroz; atente-se no vocabulário de António Cândido; ¡ em ambos a mesma sobriedade, a mesma elegância, a mesma sensibilidade e quantos conceitos comuns! Eça de Queiroz falaria como António Cândido, se fôsse orador; António Cândido escreveria como Eça de Queiroz, se fôsse escritor.

António Cândido é pois o maior orador do seu tempo, pelo menos, porque sendo tão naturalmente eloqüente como os mais eloqüentes, de todos foi o menos político, ou antes, nunca chegou a ser um profissional da política. Assim pôde, até ao seu último discurso, escutar, sem reservas, a voz do seu coração, e também a da consciência, que sempre com o coração teve sincrónica. O tempo que os demais oradores malbaratavam na intriga vã que — êle próprio o diz — sempre por orgulho detestou, passou-o com os seus autores predilectos e no Cenáculo, onde tantas vezes com Oliveira Martins evocou o glorioso Forum romano ou a Grécia de Pericles e de Demosthenes, e com os seus eminentes confrades recapitulou filosofias, religiões, raças, epopeias, tragédias, paìsagens, faunas, floras, costumes; em suma,todo o vasto e tumultuário drama da História. e daí resultou que êsse homem foi, de todos os oradores portugueses, aquele que nunca pediu a palavra

que não fôsse para discretear sôbre os mais nobres ideais, na mais formosa língua do mundo.

Como tal, António Cândido não foi apenas o primeiro orador do seu tempo, mas um dos maiores de todos os tempos; pois os seus discursos, mesmo sem o relêvo da sua dição e o prestígio do seu porte, que subjugava e seduzia, perdurarão na língua portuguesa pelo conteudo de outros tantos escrínios, que são, de preciosíssimas gemas engastadas em aço, oiro ou bronze, trabalhados pelo mesmo cinzelador que forneceu as pedras.

Nenhum dêsses discursos atraiçoou a definição de eloqüencia que para aqui trasladámos; todos êles obedeceram à intenção de contribuir directamente para fins elevados e úteis da nossa espécie; e em todos êles abundam os lugares selectos.

Não sei de mais bela definição da língua portuguesa do que a que nos dá o discurso sôbre o *Centenário da descoberta do Brasil.* A certeza da sobrevivência da Pátria impõe-se, irresistível, na peroração do segundo discurso de Amarante. No discurso pronunciado no Asilo do Rato, na noite de 9 de Maio de 1885, em duas páginas se assinala, numa síntese onde há lira e garra, o progresso da idade média sôbre o mundo antigo «... a elevação moral da mulher datou-se desde então, fixando o mais gracioso período do sentimento humano; e a poesia do coração apareceu, como uma florescência divina, na febre das dedicações religiosas, na heróica instituïção da cavalaria, no significado das literaturas nativas, em tôda a pálida e revolta superfície daqueles séculos, cortada pelas mais belas irradiações da alma humana — como o poema de Dante, sua imagem e seu transumpto, que tem em muita visão lúgubre um episódio de amor, e, às vezes, na selva mais escura, uma aberta luminosa, alegre e consoladora.»

Nas últimas palavras do discurso pronunciado no Ateneu Comercial do Pôrto, na noite de 15 de Agôsto de 1885 em honra de Victor Hugo, sente-se o extase da alma do Orador deante da alma do Poeta. Nenhum escritor francez debuxou com tanta arte o perfil de Jeanne d'Arc: foi no discurso pronunciado no Palácio de Cristal do Pôrto, na noite de 3 de Abril de 1889, em honra do *Infante D. Henrique;* e o discurso proferido em honra de José Estêvão na cidade de Aveiro, na noite de 11 de Agôsto de 1889, que ainda ouvi e do qual data a minha devoção pelo orador, é modêlo no género, não excedido sequer pelo *Elogio fúnebre do general Drouot*, que eternamente desconcertará os peiores zoilos do eminente Lacordaire. É nesse discurso que António Cândido deixou gravado o conceito lapidar: « — Dêste, sim, pode dizer-se que realizou a definição ideal do perfeito orador, segundo um provérbio antigo: — ¡ era um homem de bem que sabia falar! »

Supunha-me suspeito, falando de António Cândido. Amo-o e admiro-o tanto, e desde tão longe, que nunca perdi a oportunidade de o clamar, falando ou escrevendo. Ainda agora em Coimbra, num julgamento célebre, e depois de ter ouvido, na Sé Nova, o Dr. Correia Pinto, outro dos seus devotos, fiz sentir ao selecto auditório, que com tanta benevolência me escutava, o vacuo imenso que na tribuna portuguesa a sua voz deixara. Agora, depois da apoteose promovida pelo ilustre académico sr. dr. Augusto de Castro, vejo que Justiça e não cegueira era o meu sentimento.

Sim; é imenso o vacuo que na tribuna portuguesa a sua voz deixou. Falta ali quem, nas horas festivas ou nas trágicas, empunhe a tuba da epopeia, ou pelo divino poder da palavra faça esquecer quanto na dôr há de deprimente, para só sugerir o quanto nela há de

salutar e, às vezes, de redentor. Falta o porte cuja magestade ninguem contesta, a autoridade cujo prestígio ninguem discute; falta o orador cuja figura aparente é, na hora oportuna, a encarnação da própria Pátria, exultando e cantando ou gemendo e chorando; mas do pranto fazendo Jordão e nele se depurando dos erros e culpas, num baptismo que a faz renascer. Falta, quando morre um poeta, um rouxinol que o cante; quando a mão gelada de um guerreiro deixou cair a espada, que nunca embainhou sem honra nem desembainhou sem razão, falta quem à sua memória com perícia entreteça e com grandeza oferte a corôa cívica de bronze e oiro; falta quem saiba trocar em palavras a saüdade de um povo inteiro, e com elas cobrir os restos de um grande estadista defunto; falta quem na palavra traduza, consoante as circunstâncias, a calma dos mediterrâneos, os furores do Atlântico, o segredar da brisa, os clamores do vento, o calor dos trópicos, a policromia das auroras boreais, o desfalecimento dos poentes, a alacridade das auroras, a Natureza e o Homem, a gama infinda das côres, dos sons, das formas, e dos sentimentos humanos; falta quem saiba conversar com os mortos e perante os vivos servir-lhes de irtérprete; falta quem possa evocar a tradição e reatá-la, impondo-a. Falta quem de Cristo e da Cruz fale sem provocar o remoque ou o bocejo, e eloqüentemente invoque e faça vingar os direitos imprescritíveis do Amor, da Dôr, da Glória, da Justiça e da Verdade. Os antigos gaulezes representavam a eloqüência em Ogmises, poetica divindade que prendia os seus ouvintes com cadeias de oiro que lhe saíam da bôca. No actual regímen do papel moeda e perante a decadência da nossa tribuna parlamentar, só nela vejo, com raras excepções, oradores capazes de prender o auditório... com serpentinas. Na hora trágica

em que a Pátria carecia de um semi-deus do Verbo, falta O orador... que Êle foi!

CUNHA E COSTA.

(Da Academia das Sciências de Lisboa)

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1922.

Meu caro Augusto de Castro.

A iniciativa, que tomou, de uma homenagem a António Cândido no dia 31 de Março, em que completa 72 anos, marcará, certamente, entre as inspirações da sua mente e da sua consciência, mais conformes à verdade, à justiça, à beleza e à bondade, que sempre foram os quatro pontos cardiais da vida do incomparável orador. Assim, de uma nação que descrê dos homens, e às vezes nos dá a impressão de também não confiar em Deus, receberá António Cândido, em vida, um preito que atenienses e romanos só muito depois da morte de Demosthenes e de Cícero lhes reputaram dever. Do povo português irrompem, por vezes, quando já nos prepararmos para lhe resar os responsos, sobressaltos desconcertantes, a que uns, mais optimistas, chamam ressurreição, e outros, mais pessimistas, a «visita da saúde». António Cândido foi sempre optimista. Êle o disse, no seu último discurso, em Amarante: «... por mais contrários que os ventos soprem, por mais escurecidos que os horizontes estejam, por mais grave, angustiosa, inextrincável que surja a dificuldade do momento, há-de acudir-lhe e valer-lhe sempre a fôrça da tradição que o impele, o espírito da raça, que o vivifica, o interêsse da civili-

zação, que o reclama, o eterno direito humano, que é por êle. »

Bem sabe o meu amigo que amo tanto a palavra falada, quanto a palavra escrita, até porque uma e outra têm sido, atravez de uma existência, que já não é curta, a minha enxada; e para ninguém é segredo que, dos grandes oradores, desde os que ilustraram a Ágora e o Forum, até aos que, das tribunas parlamentares britânica, francesa e reinicola, nos ensinaram a presar a liberdade, como o mais precioso dos patrimónios, nenhum deixou de ser por mim compulsado e meditado.

Mas não ouvi o maior número dêsses oradores, cujo Verbo chegou assim até nós sem a tríplice orquestração do olhar, da voz e do gesto; e até dos que ainda tive a fortuna de ouvir, meu caro Augusto de Castro, nenhum, confesso, tanto me encantou e dominou. E se lhe disser, meu ilustre amigo, que António Cândido, para mim, que morrerei sem ter invejado quem quer que fôsse, tem sido a única inveja da minha vida, não lhe mentirei.

A incomparável formosura da sua palavra só foi igualada pela estrutural inteireza da sua alma e a empolgante soberania do seu porte. Nele a palavra é, na verdade, a síntese de tôdas as perfeições com que Deus aprouve criar o homem à sua imagem e semelhança, dizendo-lhe « ¡ Fala ! » — como às aves disse « ¡ Canta ! », depois de as ter criado e emplumado. E assim a palavra de António Cândido seria a própria Verdade, a própria Justiça, a própria Beleza, em mármore, bronze, cristal ou oiro, se o mármore, o bronze, o cristal ou o oiro, além de perpetuarem a figura aparente, pudessem também perpetuar a divina chama que a animava.

O Verbo é a sobrevivência da Nação no Tempo e

no Espaço, com tudo quanto da Babel Peninsular a fez surgir. António Cândido é o seu supremo intérprete. Prestar-lhe homenagem é rendê-la à Pátria. Se êsse culto carecer de sacristães, aqui tem um, meu caro Augusto de Castro, incondicionalmente ao seu dispôr.

Creia-me sempre — Adm.or Am.o

CUNHA E COSTA (1).

Com o maior entusiasmo me associo a esta homenagem a António Cândido.

A homenagem prestada ao talento é a mais justa, a mais indiscutível, e, hoje, a mais indispensável afirmação, em sociedades de onde se pretende eliminar a soberania intelectual, a mais augusta e necessária de tôdas preeminências sociais.

FILIPE EDUARDO DE ALMEIDA FIGUEIREDO.

O ORADOR ACADÉMICO

É vulgar dizer-se: «o poeta nasce; o orador faz-se». É êste um dos muitos adágios em que a verdade é iludida; pois nunca, em país nenhum, se viu alguém *fazer-se orador*, sem que para tanto possuisse os indispensáveis dotes.

Fluência de verbo, voz sonora, talento brilhante, inteligência lúcida, poderosa memória, vigorosa imagina-

(1) Do *Diário de Notícias* de 26 de Fevereiro de 1922.

ção, riqueza de imagens e conceitos, conhecimento perfeito da língua, sentimentos ardentes, figura simpática, prestígio, e, sobretudo, uma espécie de radioactividade, que seduz, prende, subjuga, entusiasma e arrasta o auditório, — eis o que um orador tem de consubstanciar no seu corpo e no seu espírito. E tudo isto não se adquire à vontade de cada um; nasce com os entes privilegiados que, em todos os tempos, conseguiram, com tais requisitos, embora desenvolvidos por um consciente esfôrço, impor-se à admiração dos seus contemporâneos e da posteridade.

O orador é, pois, um fenómeno psico-físico; é a manifestação de uma Fôrça da Natureza. Se nem todos podem ser *faladores*, muito mais difícil, se não impossível é qualquer pessoa *fazer-se* orador.

Mas, essa fôrça de Natureza é susceptível de uma alta cultura, de um requintado aperfeiçoamento; e teremos, então, o *orador académico:* o orador que só fala para as *élites*, para o escol intelectual do seu tempo, e não para as massas brutas e ignaras; — que só se ocupa de assuntos elevados e só pretende despertar nobres sentimentos, puros afectos, e não visa a exacerbar os instintos primitivos da besta humana; — que, falando, burila uma obra de arte, a um tempo, delicada e forte, elegante e macissa, e não se limita a levantar nuvens de pó, montanhas de fumo, que um leve sôpro da aragem dispersa e cuja recordação para sempre se perde; — que instrui e educa, tão perfeito na dicção, como na elaboração, isto é, tão admirável *ouvido*, como admirável *lido*.

O orador académico é, necessàriamente, um artista da palavra, um erudito, um douto; a sua eloqüência é musical — encanta, delicia, e não troveja, não incendeia; arrebata, por ser em si mesmo arrebatadora, e não porque funcione como um simples rastilho, que

faça explodir as paixões dos ouvintes. São estas paixões que originam o triunfo efémero do declamador político ou forense.

Vivendo nos domínios do Pensamento, cultivando o Bem e o Belo, haurindo a Sapiência e a Erudição, o orador académico encontra-se, em regra, afastado do marulhar das paixões e do fervilhar das ambições. Uma só atitude lhe apraz — a Dignidade. Um só sentimento o conduz — a Bondade. Uma só paixão o afervora e arrasta — a Arte!

António Cândido é o perfeito orador académico. Como tal, considero-o superior a Demóstenes e a Cícero, e só comparável a Bossuet. Demóstenes e Cícero foram, decerto, gigantes da Oratória; mas, as suas eloqüências, inspiradas pelo Ódio, pelo Furor político, pelo Interêsse e Paixão da defêsa forense, não são obras de Arte — com raras excepções. *Filipicas* e *Catilinárias* não têm lugar numa Academia, não são destinadas a um auditório de *élite*.

A homenagem, pois, que toda a Nação lhe prestou, e a nossa Academia por esta forma presta, é a sincera expressão de que se trata neste caso, não só de glorificar António Cândido, mas sim da glória da *ditosa Pátria* que tal filho produziu.

Dr. Luís da Cunha Gonçalves.

ANTÓNIO CANDIDO E A LÍNGUA PORTUGUESA

Tenho para mim que a lingua portuguesa é a mais difícil das neo-latinas. Possui ela a doçura do italiano, a clareza do francês, a sonoridade do castelhano, para

só falar das principais; mas tem, por cima de tôdas aquelas qualidades, a maior riqueza do vocabulário e as tão grandes variações nas modalidades da construção. De todos êsses dotes e vantagens tira a possibilidade de se empregar no verso e na prosa, na serenidade da História, na profundeza da Filosofia, nas disquisições do Direito, nas subtilesas da Crítica, nos reptos de todas as tribunas, nos devaneios do Lirismo, nas ficções do Romance, sempre bem, pois, a cada uma dessas aplicações fornecem os seus tesouros os materiais apropriados a cada obra e a cada estilo.

¿Sempre bem? Sim, o instrumento é admirável; mas necessário se torna que o operário, direi antes o artista, o saiba manusear, e, para isso, que o conheça em tôdas as suas delicadezas e em tôdas as suas aplicações. Não basta ao aeronauta ter nas mãos o novo astrolábio; é indispensável que êle seja tão seguro observador como quem o inventou. Pois da mesma maneira não é qualquer que escreve e fala bem a língua portuguesa. Posso eu, podem muitos, pelo íntimo sentimento estético que em todos nós existe, podemos sentir, apreciar, vibrar com um belo trecho de prosa ou de verso da nossa língua. ¿Escrevê-los? Muito poucos.

E um dêsses poucos é António Cândido. Êste conhece todos os segredos da formosíssima língua portuguesa, e conhecendo-os soube compor essas jóias que são as suas obras, de não excedida arte oratória, no púlpito, na tribuna parlamentar, na Academia.

Lisboa, Abril de 1922.

VICENTE ALMEIDA D'EÇA.

Lisboa, 14 de Maio de 1922.

Ex.mo Sr. Secretário Geral
da Academia das Sciências
de Lisboa.

Acabo de receber a circular n.º 2, convidando-me a associar-me à homenagem ao Conselheiro António Cândido, devendo enviar à Secretaria da Academia das Sciências, com a maior brevidade, o meu concurso, visto ir entrar no prelo o livro onde se reünem os testemunhos de admiração e estima dos sócios da Academia ao insigne orador portuguez.

Muito honrado me considero com o convite que V. Ex.ª me faz; sinto-me, porém, entristecer, porque conheço em mim a falta dos dotes literários e de artista, para me referir com o conveniente relevo e brilho ao ilustre mestre e inconfundivel homem de bem que é o Dr. António Cândido. Limito-me a umas referências simples, mas sentidas, preito de sincera admiração e estima pelo cinzelador incomparável das belezas desta formosa língua, que nos encanta, com a primeira das artes — a poesia, nas melodias de Camões ou Garrett, ou com prosa magestosa de Vieira ou de Herculano.

No meu sentir, de tôdas as manifestações de individualidade, a que levanta mais o homem muito acima do nível normal da sociedade, é a palavra, a mais proeminente; e, quando a eloqüência a domina e aquece, iluminada pelas cores irisadas do belo, então, eleva-se às mais altas culminâncias do sublime, tocando as regiões luminosas do ideal de perfeição.

Foi no púlpito onde se revelaram primeiramente os nossos grandes oradores, e depois na tribuna parlamentar. Aqui o pensamento não estava comprimido pela disciplina religiosa; podia expandir-se livremente,

manifestando-se com tôda a sua pujança. O talento de Vieira fôra comprimido pela roupeta do Jesuita e pela época; mas a sua figura de gigante ainda não teve igual, pela elevação do seu pensamento, pelas suas descrições soberbas e pelas admiráveis definições que, de balde, se procuram iguais em Bossuet, em Massillon ou em Bordaloue, as três maiores glórias do púlpito francez.

Eu já não cheguei a tempo de ouvir o grande tribuno José Estêvão; mas ainda privei com os velhos parlamentares a quem ouvi contar, frementes de emoção, o que foram essas orações, nos momentos solénes em que o grande orador magnetizava o auditório, levantando-o num aplauso unísono. Diziam os romanos que «*o poeta nasce e o orador faz-se*»; se isto, até certo ponto, é verdadeiro, não o é em absoluto porque o próprio Demosthenes nunca se poderia corrigir pelo estudo e fôrça de vontade, até conseguir ser o mais assombroso orador que a humanidade tem visto, se a natureza não tivesse sido generosa com êle nos dotes físicos e intelectuais. Benvenuto Cellini da eloqüência, Demosthenes, à arte oratória submetia os seus pensamentos, — trabalhava muito as suas orações; mas foi admirável e único, na concisão, na energia no movimento, atingindo o sublime. A nossa Academia honra-se com o mais formoso estudo da Oração da Coroa, que talvez se tenha feito desta soberba peça oratória, em que a assombrosa ilustração de Latino Coelho e o seu peregrino talento brilham tanto, que a admiração do leitor hesita se deve aplaudir mais o *comentado* do que o *comentador!*

De José Estêvão dizia Rebelo da Silva — o Benvenuto Cellini dos nossos prosadores — «Nestes combates, nestas questões, que fazem vibrar tôdas as fibras do coração de um povo, porque encerram os futuros

destinos da humanidade, é que José Estêvão não conhecia rival».

Na tribuna parlamentar, bem que muito novo, ainda ouvi Luiz Augusto Rebelo da Silva, o Conde do Casal Ribeiro e Pinheiro Chagas, e tão funda foi a impressão na minha alma que me deixaram êsses extraordinários oradores, que ainda tenho nos meus ouvidos o som daquelas vozes, quente e vibrante, e na minha imaginação aparecem aqueles vultos, que parece que se transfiguravam na tribuna, crescendo como gigantes nos momentos solénes em que o génio da eloqüência parecia rodeá-los de uma auréola! Que muito pese aos cultores (que são muitos) desta planta indígena, a *invidia-grandiflora*, a mim parece-me que eram outros homens éstes varões ilustres, que vivem hoje nas páginas da história.

Decorreram cinqüenta e tantos anos; tenho assistido a scenas dramáticas de ruína e de sangue, que eu nunca supuz, na minha mocidade, que as poderia ver no meu País; mas, ou porque os meus nervos estejam já embotados pela idade, ou porque a minha alma perdesse a sensibilidade doutros tempos, a verdade é que nunca senti uma impressão tão profunda, como a que me deixou aquela célebre sessão da Câmara dos Pares, à qual não faltava um prócere nos seus lugares (e eram o que havia de mais distinto na magistratura, nas letras, nas sciências, no clero, nas armas e na aristocracia) quando Rebelo da Silva, falando durante tôda a hora, proferiu aquele monumental discurso que deitou a terra o ministério do Bispo de Vizeu. ¡Que orador! ¡Que soberba imponência tinha aquela assembleia!

Quando pela primeira vez ouvi António Cândido, já o admirava, pelo que havia lido e pelo que havia ouvido contar dêste portentoso orador. Tendo à minha disposição os melhores clássicos gregos e latinos,

com o texto na língua original e a tradução em francez, havia-me entregado apaixonadamente a essa leitura, e ainda estava sob a influência da profunda impressão que havia deixado no meu espírito a genial obra filosófica de Cícero e as suas orações forences. Erasmo dizia que todos os dias lia um bocadinho de Cícero — « porque naquele espírito havia o quer que fôsse de Divino. » A grandeza de Roma sugestionou-me: devorei, a leitura das antiguidades romanas, um precioso exemplar do século XVII escrito em latim; li Victor Duruy e Momsen; a minha imaginação fantasiava-me o que seriam êsses portentosos tribunos que arrastavam com a sua palavra magnética os povos mais cultos da antiguidade. Foi neste estado de alma, profundamente comovido, que ouvi falar António Cândido. Com admiração crescente, sugestionado pelo encanto daquela palavra fluente, com modulações que faziam vibrar na alma os sentimentos que a dominavam — a frase correctíssima, vernácula, a sinonimia impecável, a análise lógica completa, aquecendo por momentos com o brilho das imagens, dominando pela elevação do pensamento, elevando-se, por vezes, às culminâncias do sublime, eu, então, supuz-me no Forum Romano, ouvindo o próprio Cícero.

A eloqüência natural, sem a arte, é como uma flor sem cultura, é como a rosa singela dos campos, que pode ter encantos, mas falta-lhe a beleza. A arte é que dá fórma ao que está no interior, no espírito; ela é que representa o ideal, e, como êste aspira ao belo, sem ela não se pode atingi-lo.

A portentosa Oração da Corôa foi tão trabalhada por Demosthenes, que perdeu muitas noites cinzelando-a com o buril da retórica; e os invejosos de então, não podendo deixar de admirar o grande orador, crivavam-no de ironias, dizendo « que as suas orações cheiravam a azeite ».

O curioso pode ter talento, mas é sempre imperfeito; não pode bastar o talento natural, que é muito, mas não é tudo. São os sentidos que *tocam* a matéria, são êles que põem em comunicação a nossa alma com o mundo externo; e, se o nosso espírito é culto, se temos por ideal o belo, somos necessàriamente artistas, pelo menos na apreciação da arte. O orador não se ouve como um fonógrafo, que repete um discurso como um éco; o orador ouve-se, vê-se, sente-se, cativa e sugestiona todos os nossos sentidos e empolga-nos com uma admiração crescente. No orador clássico, o deprimente espírito de falsa crítica, procurando esmiuçar erros e defeitos, só encontra a arte, a verdade e a correcção, amplificando a grandeza do talento dominador, impondo a admiração, o assombro e o pasmo! ¡Pode crescer a inveja, sem dúvida; mas Zoilo não ofuscou Homero!

António Cândido na tribuna era uma figura inconfundível: — o perfil romano, a fisionomia insinuante, o olhar luminoso, magnético, um sorriso finamente irónico alegrava-o, por vezes; o gesto nobre e uma compostura e correcção inexcedível, presidindo a tôdas as manifestações do pensamento, sem que, por um instante sequer, se desconcertasse!

Cícero, conta Plutarcho, teve como mestres dois actores insignes que o ensinaram a declamar as suas orações e a apresentar atitudes correctas, adequadas às circunstâncias, impondo-se pela magestade da presença nos momentos solenes; e a tal requinte de arte se submetia, que até ensaiava os gestos e atitudes que havia de tomar, para que a túnica lhe caísse com elegância!

A arte é isto; tem que ser uma feiticeira que cativa e encanta os sentidos. Sem arte o ideal não se reveste da plástica que deleita a vista, nem tem a vida que se

transmite aos sentidos. O ideal é Divino; quando se manifesta no nosso espírito, dizia Ovídio; *Est Deus in nobis;* mas para o divulgar é preciso dar-lhe forma, que os sentidos possam tocar.

A soberba obra oratória de António Cândido está, em grande parte, publicada — sermões, orações, discursos parlamentares; revela uma grande cultura de espírito, notável conhecimento filosófico e grande elevação de pensamento; mas, pela sua simples leitura, é impossível ter uma idea do que foi António Cândido na tribuna. A essas páginas correctas, inspiradas e atraentes, falta-lhes o movimento, a vida, a alma, da qual dizia soberbamente o padre Vieira: « ¿ quereis saber o que é a alma? Olhai para um corpo sem ela ».

Ás orações escritas falta-lhes a alma. Dos discursos de José Estêvão, dizia admiràvelmente Rebelo da Silva nos seus *Varões Ilustres:* « apagada a voz, fugiu com ela o espírito, e da mais sublime oração, como da mais louvada formosura, apenas resta o cadáver!... O último som, que expira dos lábios do orador, quebra o encanto, a vida passa, e um escopro sempre infiel em vão tentará fixar na estátua os lineamentos e as feições da fisionomia geral ».

António Cândido disse do incomparável Padre António Vieira: « Na grandeza de um homem — de um homem verdadeiramente grande — o génio é, quando muito, apenas metade ».

Ao próprio António Cândido se pode aplicar êste conceito: a sua grande figura moral eleva-o tanto, para mim, ou mais ainda, do que o seu gigantesco vulto de orador.

Os grandes oradores não são felizes; parece que a adversidade segue-os sempre como a sombra: Demosthenes envenena-se para não caír nas mãos de Antipater, seu implacável inimigo; Cícero, um grande

cidadão que salvou Roma das garras de Catilina, general vitorioso dos Persas, o virtuoso chefe de família, o grande amigo de Atticus, pèrfidamente abandonado pelo cruel Augusto Cesar, morre às mãos dos sicários de Marco António. Nos tempos modernos, os mais notáveis oradores da Revolução francesa morrem na guilhotina: o tribuno Barnave, o girondino Vergniaud, Danton e Robespierre; e, o maior de todos, Mirabeau, se a morte o não ceifasse a tempo, teria o mesmo fim.

António Cândido veio ao mundo em melhores tempos; e no meio do aborrecimento que a velhice acarreta, com o seu cortejo de dores, de saüdades e de desgostos que, dia a dia, alanceiam o coração, deveria sentir dilatar-se-lhe a alma no contentamento de uma grande alegria, como homem e como patriota, ao ver a manifestação que o país inteiro lhe fêz, sem distinção de classes nem de partidos políticos, demonstrando assim ao mundo civilizado, que o culto da virtude e do talento ainda existe poderoso neste País, o que revela o império da moral e da consciência dominando a alma, factores preponderantes da organização e do progresso social.

Luís Rebelo da Silva.

UM PADRÃO A ANTÓNIO CANDIDO

Lá cima, à nobre serra do Marão,
Mar de verdura e promontório adusto,
—Em Arco triunfal, Coluna ou Busto,
Ergue-lhe o povo heráldico Padrão.

¡Moldasse-o eu, e não quisera, não!
Nem mármore, nem bronze. Em arte, e a custo,
Houvera de o talhar, solene e augusto,
Na firme rocha em que se exalta o chão...

Rudez de fraga em doce mão florida,
Vendo passar a Tempestade e a Vida,
No místico silêncio da Montanha...

E assim, beleza eterna que êle encerra
Fundira-se, a não mais, na própria terra
Que nos deu Alma e Inspiração tamanha.

1922 — Belinho.

António Correia de Oliveira.

NOTA. — Referência ao Padrão que o povo de Amarante vai erguer ao grande orador.

Espozende, 1.

Só hoje conheci o seu belo artigo sôbre António Cândido. ¡Deus abençoará a nobre idea que já traz em si a suprema fôrça do sentimento de tôda uma pátria! ¡Amar e honrar António Cândido é engrandecer e dignificar Portugal!

António Correia de Oliveira (1).

---

(1) Do *Diário de Notícias*, de 5 de Março de 1922.

António Cândido não é apenas o principe dos oradores do seu tempo, o erudito profundo e o burilador da palavra escrita: é também o caracter moral, moldado no bronze da Honra e no oiro da Bondade.

ANTÓNIO CABREIRA.

De tôdas as homenagens prestadas ao sr. dr. António Cândido Ribeiro da Costa, há uma que de certo lhe deve merecer particular afeição. É a homenagem que lhe tributam os sócios da antiga Academia Real das Sciências de Lisboa, num livro expressamente feito para lhe ser oferecido, segundo proposta do sr. Conselheiro Júlio Marques de Vilhena, aprovada em sessão de assembleia geral de 2 de Março de 1922.

Essa proposta deve ter para S. Ex.ª um alto significado por ter partido de um dos mais notáveis homens do nosso país, de um académico dos mais ilustres; e êsse livro, pela colaboração dos nossos eminentes confrades, constitui uma jóia de inestimável valor literário, que S. Ex.ª apreciará como um tesoiro muito querido.

Pela nossa parte depomos aos pés do distinto orador os protestos da nossa obscura admiração e do nosso maior respeito.

Lisboa, Março de 1922.

MARTINHO DA FONSECA.

A Assembleia geral da Academia das Sciências de Lisboa votou, na sessão de 2 de Março do corrente ano de 1922, uma proposta para que se elaborasse um

Livro de homenagem ao Senhor Conselheiro António Cândido. A Academia já tinha celebrado uma sessão solene, em que fêz a apoteose dêste ínclito orador; mas, não querendo limitar-se a esta homenagem, resolveu que ela ficasse consignada em um Livro.

É indubitável que a personalidade do Conselheiro António Cândido, que pode ser considerado como o Príncipe dos oradores portugueses contemporâneos, faz lembrar a do grande parlamentar José Estevam Coelho de Magalhães, que me honrou com a sua amizade.

José Estevam foi um tribuno notável, cuja alta e bela figura se impunha, e com voz sonora e gesto apropriado arrebatava e dominava os seus ouvintes.

António Cândido é um orador académico, flüente, imaginoso e correcto, dispondo de voz clara e suave e gesto adequado, encantando os que o escutam.

É para sentir que não publicasse um livro em que, por certo, afirmaria o seu grande talento e ficaria perpetuada a sua memória, como ficou a de Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, e a dos Viscondes de Castilho, Almeida Garrett e de Seabra, o autor do Código Civil, que é um monumento que êle irigiu à sua memória.

José da Cunha Navarro de Paiva.

O Dr. ANTÓNIO CANDIDO

Há quanto tempo êste homem ilustre — um dos mais extraordinários oradores portugueses de todos os tempos — parecia esquecido, no inviolável recolhimento

em que se isolara, com as suas ilusões perdidas e a sua tristeza, para que nenhum rumor violento o perturbasse na serenidade das suas meditações! E todavia, António Cândido, que fez ressoar como um cântico, nos límpidos píncaros da eloqüência e da arte, o seu verbo admirável — em que há tôdas as cadências, todos os matizes, tôdas as enritmias, tôdas as inflexões — apenas começou a amar o silêncio e a suavidade das penumbras quando a sua existência entrou num doce e melancólico outono. Um dia, na curva da estrada da vida, surpreendeu-se a olhar, com infinita saüdade, para tudo quanto deixava atrás dos seus passos, e talvez ferido na sensibilidade de artista subtil, batendo na incude da oratória o melhor ouro da linguagem, exilou-se voluntàriamente dos planos movimentados e ruïdosos, fechando-se com as suas recordações mais íntimas e os seus livros. Da plácida vivenda de Lisboa, onde convivia pacìficamente com os filósofos, os historiadores, os scientistas, os moralistas, os poetas e prosadores clássicos, os críticos, só saía nos meses de calor, subindo às alturas do Marão para ver voar as águias.

De certo que o tribuno insigne nada perdeu, trocando os tumultos exteriores pela tranqüilidade da sua casa; — mas o país é que havia perdido muito, desde que a sua palavra sonora emudeceu...

Recordo-me nìtidamente da última vez que o ouvi. Foi no velho teatro de S. João, do Pôrto, que um incêndio destruiu, e comemorava-se nessa noite, precisamente, a descoberta do Brasil. Jámais eu tinha sequer pensado, até êsse momento, em que a rica, a harmoniosa língua portuguesa podesse adquirir um tal explendor. António Cândido evocou-me, nesse momento, um ourives maravilhoso comprazendo-se em cinzelagens, em realizações formais, que nunca havia con-

templado. Durante duas horas, vi, positivamente vi, com a vista interior da emoção, um lavrante prodigioso, gravando com um buril de luz tôda a sorte de flores, ou fundindo os mais brilhantes e translúcidos esmaltes!

Em certo instante, fitei o palco. António Cândido ainda falava e eu tive a impressão de que à volta da cabeça do orador incomparável fulgurava um radiante nimbo. Todo êle resplendecia. Era conjuntamente um poeta de inspiração inexaurível e um actor eminente, declamando como um grande artista, de gesto harmónico e sóbrio, sentindo-se nele claramente êsse amor, êsse senso da proporção e da medida que foram o segrêdo do génio da Grécia. A sua voz forte e melodiosa imprimia a cada vocábulo o contôrno preciso, o colorido, a ondulação graciosa. Na bôca de António Cândido as expressões, as frases mais curtas ganhavam a vibração, a sonoridade de estrofes poéticas ou de hinos, desdobrando-se em som e em côr, imponderabilizando-se numa claridade dourada em que se projectava a elevação do pensamento e que fazia avultar a originalidade das ideas!

Discursava pausadamente, medindo cada período pela gesticulação ampla, mas vagarosa. Na sua máscara notava-se um repouso perfeito. Nenhuma contorção, nenhuma perturbação momentânea das linhas fisionómicas. Apenas o olhar reluzia, denunciando a intensidade do incêndio interior, ardendo em altas labaredas. Contudo, a oratória de António Cândido dava-me a sugestão de um veio de água fluindo e murmurando, de uma suave melodia que se produzisse, sob êsse azul em que, ao caír da noite, as estrêlas scintilam, de uma natureza que cumpria a sua lei — como diria Vítor Hugo. António Cândido não tinha, como outros oradores célebres, o cérebro cheio de fluidos que se comprimissem ou de trovões, mas de imagens de per-

feição e de verdade. A sua riqueza verbal não era impetuosa, transbordante, atormentada, febril: — corria branda e lìmpidamente, espelhando, reflectindo composições novas, que refulgiam entre fogos iriados, sem que na sua marcha ou na sua pulsação houvesse vertigens, acelerações súbitas. Ouvindo-o, eu relembrava aqueles eternos oradores de Roma, educados em Atenas, a quem um escravo oculto marcava, tocando a sua frauta, o compasso e o ritmo, quando falavam. E nunca o Brasil foi mais entusiasticamente glorificado e nunca a epopeia marítima de Portugal foi cantada, depois de Camões, com maior estro do que nessa noite inolvidável!

Que eu saiba, nunca mais António Cândido discursou em público — e não tardou a despedir-se da sua arte excelsa diante de uma legião de amigos fiéis, em Amarante. A partir de então, o seu verbo ateniense deixou de ressoar. O orador encerrou-se, como um cenobita, em sua casa, para viver de lembranças: e os dons de expressão da sua áurea palavra não tornaram a ser igualados, entre nós. Nem na tribuna académica, nem na tribuna política a sua personalidade dominante foi substituída. Envelhecia tranqüìlamente, não no espírito mas no corpo, em Lisboa ou em Candemil, em terras que lhe pertenciam (apenas um punhado de humus em que desabrochavam as maravilhas, de seda e perfume dalgumas rosas), colhendo a paz, a frescura e as sombras inefáveis como certos pastores de Vergílio.

Durante as primeiras quadras desta clausura, para êle ditosa, António Cândido ainda dava sinal de si, de longe em longe, publicando os seus discursos parlamentares ou as suas notáveis orações literárias. Por fim, desligou-se até dos clamores, das paixões, dos sentimentos da vida ambiente, por êste laço, como se a todo transe quisesse ser esquecido o homem verda-

deiramente superior, que foi um dos representantes do seu povo, como artista poucas vezes excedido numa eloqüência em que o seu génio se completava pelo mais puro lirismo e pela mais enternecida bondade humana. Não o conseguiu. Os admiradores de António Cândido, lendo-o, poderiam observar que as suas ideas eram, como as ideas dos grandes prosadores, dos grandes plásticos, dos grandes cultores da forma, feitas de uma substância particular, prestando-se pela ductilidade a tôdas as modelações que êle lhes quisesse imprimir; e observariam também que o orador eminente, com a sua palavra que um sôpro lírico trespassava fez música e formosura. Essa palavra preciosa ascendia sempre, reconstituindo a personalidade dos «mortos-imortais», como Vitor Hugo, ou dizendo a história animada e luminosa dos feitos das nacionalidades, exaltando bardos, santos, heróis, por Parlamentos ou Academias. Com António Cândido nunca o verbo — que é psalmo, reza, praga, blasfémia, fulgor, grito, acusação, redenção, uivo, sarcasmo, torpeza, santificação, purificação, miséria — desceu da sua nuvem de ouro. ¡Não podia cair, de resto! Tinha ásas, umas ásas olímpicas que, nas suas ascenções se polvilhavam de sol.

Como poucos, tem António Cândido sabido honrar o país que recentemente o consagrou, procurando a sciência pela inteligência e a beleza pela emotividade e dando-nos páginas brunidas como mármores helenicos, em que a linguagem atinge a sua pureza e a sua elegância definitivas.

João Grave.

Meu caro dr. Augusto de Castro.

A sua iniciativa referente à homenagem ao dr. António Cândido é das que se não discutem: desde que foi lembrada, deixou de ser um simples alvitre, para se impôr como uma obrigação moral.

Assim, pois, aqui me tem a louvá-lo entusiasticamente pela idea felicíssima.

O *Diário de Notícias* recorda hoje que Camilo Castelo Branco chamou ao dr. António Cândido «A águia do Marão». Visitando, há anos, a «Águia» no seu encantador ninho de Candemil, escrevi e mandei-lhe em seguida, da primeira estação de caminho de ferro onde parei, o soneto a que então dei o título — «O ninho da águia».

Tem êle apenas o mérito e o valor de haver provocado a quem o inspirou uma carta gentilíssima de imerecido agradecimento.

Se entender que os versos são publicáveis, agora ou na ocasião da homenagem, ficam ao seu dispôr.

Não é o prurido da notoriedade que me leva a mandar-lhos, visto que os conservo inéditos vai para oito anos: é o imperioso desejo — melhor diria o imperioso dever — de me associar de algum modo, embora tão deficientemente, à sua bela iniciativa.

Creia-me seu, etc.,

ALFREDO DA CUNHA (1).

(1) *Diário de Notícias* de 5 de Março de 1922.

N. da R. — Pedimos vénia para reservar a publicação do formoso soneto do nosso ilustre amigo e eminente poeta sr. dr. Alfredo da Cunha para o dia do aniversário de António Cândido.

O NINHO DA ÁGUIA

(NOTA DE UMA VIAGEM AO MARÃO)

Ao Dr. António Candido, orago
e patrono de Candemil.

Era ali Candemil. Dominando o povoado,
Junto à Igreja e à Escola, uma casa branqueja.
Vê-se, a guardar-lhe a entrada, um cruzeiro sagrado:
Em volta, gente humilde e quási sertaneja.

Gente simples que habita o monte alcandorado:
A luz vem-lhe da Escola, a fé vem-lhe da Igreja,
E o pão, naquela casa, é-lhe mil vezes dado
Pela mão que, a sorrir, ela abençoa e beija.

Ali medita e sonha o orador e o esteta.
— Ninho duma Águia humana, em si acouta o Mestre,
Em cujo verbo pulsa o estro dum poeta,

E que, entre um quadro belo e uma bela estatueta,
— Qual nume tutelar dêsse refúgio alpestre —
Ergueu, em lugar de honra, a efígie do Gambetta.

Amarante, 23 — Set. — 1914.

ALFREDO DA CUNHA (1).

---

(1) Do *Diário de Notícias*, de 30 de Março de 1922.

MODELO DO ORADOR

A Eloqüência é a mais sublimada e rara de tôdas as formas da Arte.

O orador sabe tragediar como Eschylo e tregeitar como Aristophanes. O manto roçagante ou a toga pretexta são as vestes que lhe pertencem. Na sua voz perpassam rugidos e lagrimas, tôdas as falas da natureza, bramidos dos oceanos, gemer das florestas que os tufões desgrenham. Os seus olhos têm fulgurações de astros: a imaginação creadora como a de um poeta máximo. A sua alma tem o ímpeto das torrentes, levando como gravetos as árvores centenárias indefesas, arrebatando as ideas alheias, os corações despojados da vontade.

Quando uma tal creatura existe não pertence aos homens, nem mesmo aos deuses em cujo domínio um só poder fulgura. É um génio como o de Stratford gerador de tempestades devastadoras da vida, ou criador de imagens, que surgem da pedra dura animadas por um sôpro divino, como as estátuas dos túmulos dos Medicis em Florença.

Dobremos os joelhos se o génio passa; lancemos no seu caminho, não desfolhada, mas em flor perene, tudo quanto em nós se transmuda e cabe em veneração e admiração.

BALTAZAR OSÓRIO.

O NOME DO ORADOR

Chama-se *Onomatologia* o ramo da Glotologia que estuda os nomes próprios. Podemos nela considerar três partes:

1) *Toponímia*, ou estudo dos nomes de sítios, po-

voações, nações, e bem assim de rios, montes, vales, etc., — isto é, os nomes geográficos;

2) *Antroponímia* (designação que empreguei a primeira vez em 1887, na *Revista Lusitana*, I, 45), ou estudo dos nomes de pessoas, com o dos sobrenomes e apelidos;

3) *Vários nomes próprios*, isto é, que não estão contidos nas duas classes precedentes, por exemplo, de entidades sobrenaturais, astros, ventos, animais, coisas (espadas, navios, sinos) (1). Nos nomes de entidades estão contidos os de divindades: um ramo especial do estudo seria pois a *Teonímia* (Theonymia), e aqui pertence um livro que H. Usener publicou em 1896 com o título de *Götternamen.*

Nas páginas que vão seguir-se, proponho-me de fazer um estudo rápido de Antroponímia; investigando a origem do nome do ilustre orador a cujos méritos se consagra o presente volume: **António Cândido Ribeiro da Costa.**

Preciso de preliminarmente aclarar algumas definições.

Por *nome* entendemos nós os Portugueses quer o nome de baptismo (crisma, registo) ou *nome próprio*, quer o *nome completo.* As designações que completam o nome próprio chamam-se *sobrenome* e *apelido*, a que às vezes se junta uma *alcunha.* No uso da língua as expressões *nome, sobrenome, apelido* e *alcunha* têm tido variadas acepções: sem querer aqui insistir no assunto, porque o trato num livro que vou publicar, basta notar que actualmente, por exemplo, em Lisboa, por *sobrenome* se entende um patronímico, nome de pessoa, ou expressão religiosa que se junta imediata-

(1) Poderia acaso dizer-se *Polionímia* (Polyonimia), ou *Panteonímia* (de παντοῖος « de tôda a especie », « variado »).

mente ao *nome próprio*; por *apelido* uma denominação de família, transmitida ordinàriamente de geração em geração; por *alcunha* um epíteto, bom ou mau, que outros aplicam a um indivíduo, em virtude de qualidades físicas ou morais que reconhecem nele, ou de certas particularidades da sua vida (1).

Nos mais antigos documentos da nossa idade-média os indivíduos figuram ou só com o nome próprio, por exemplo, *Cartemiro* e *Astrili* (sua mulher), séc. IX, nos *Dipl. et Chart.*, p. 4, ou com o nome acompanhado de patronímico, por exemplo, *Vilifonso Ruduríci* e *Maria Vermudiz*, séc. X, *ibidem*, p. 19 e 113. Em *Gundesinho iben Izila*, assinatura de um Moçarabe, séc. XI, *ibidem*, p. 119, indica-se o nome do pai (*iben* significa «filho») (2). O uso dos patronímicos durou até tarde.

Para melhor se precisar a denominação, ou por outra razão (visto que havia muitas vezes patronímicos iguais), juntou-se depois ao nome & patronímico, ou só ao nome, uma qualificação geográfica, tomada da naturalidade ou da residência do indivíduo, por exemplo: *Daniel de Ossella*, séc. XI, *ibidem*, p. 200; *Laurentio Suerii de Valadares*, séc. XIII, *Dissert. Chron.*, de J. P. Ribeiro, I, 271.

A denominação individual precisava-se também com uma alcunha, por exemplo: *Dominicus Petri Zapata*, séc. XIII, *Inquisitiones*, p. 534; *Joham Periz Gago*, séc. XIII, *Dissert. Chron.*, I, 289.

Com o tempo o patronímico, a denominação geográ-

---

(1) Nesta classificação e definições encontrei-me em parte (sem dar por isso) com o que já havia dito o anotador das *Reflexões sobre a ling. port.* de F. J. Freire, t. I, p. 178-181.

(2) Quem quiser outros exemplos do uso de *iben* leia G. Barros, *Hist. da adm.*, II, 339-346: dos sécs. X e XI.

fica e a alcunha perderam a sua significação própria, e tornaram-se meros apelidos. O pai de Bernardo Rodrigues, autor de um *Tractado memorial*, escrito em 1561, chamava-se *Antonio*, e não *Rodrigo*, como para o sobrenome *Rodrigues* seria de esperar em séculos anteriores. O conhecido antiquário *André de Rèsende*, do mesmo século, não era natural de Rèsende, mas de Évora. Uma alcunha que para o primeiro indivíduo que a recebeu seria ofensiva, por exemplo, *Feio*, deixava de o ser para um filho que fôsse boa figura, e assim o epíteto ficava indiferente, pelo que vemos num dos volumes do *Anuario Comercial de Portugal* dezanove vezes o apelido *Feio*, respectivo a Lisboa. O assunto não póde aqui ser exposto com desenvolvimento.

Do que fica dito vê-se que um nome como *Agostinho Albano da Silveira Pinto*, de um professor e escritor do sec. XVIII-XIX, consta dos seguintes elementos: *Agostinho* (nome próprio), *Albano* (sobrenome), *da Silveira* (apelido originàriamente geográfico), *Pinto* (apelido proveniente de alcunha). Nem sempre isto é tão rigoroso, pois ora ha só sobrenome, ora só apelido ou apelidos: *Manoel Bernardes*, *Antonio Vieira*, *Jorge Ferreira de Vasconcellos*. E ora ha só nome próprio! como em *João de Deus,* onde *de Deus* faz parte do nome próprio, por o Poeta haver nascido em dia de *S. João de Deus*, de quem a Igreja reza em 8 de Março.

Pôsto isto, passemos à prometida explicação do nome (completo) do nosso tribuno.

I. António

Os Romanos da classe livre usavam, em regra, três nomes *(tria nomina)*, isto é: *praenomen* (nome individual), *nomen gentilicium* (nome da *gens* a que o indi-

víduo pertencia), *cognomen* (epíteto ou alcunha individual, que, com o tempo, passou a apelido ligado a um ramo da *gens*). Por exemplo: *Q(uintus) Horatius Flaccus*, nome completo de um famoso poeta da época augustea. Mas podiam usar mais de um cognome: *Sextus Cocceius Craterus Honorinus*, numa inscrição romana do Alentejo (1). O nome próprio português António foi primitivamente *nomen gentilicium: gens Antonia*. Os nossos nomes próprios, de origem romana, provêm, não raro, de nomes gentilícios, como, além dêste: *Aurelio*, *Cecilio*, *Claudio*, *Cornelio*, *Decio*, *Emilio*, *Julio, Licinio, Valerio*, e os respectivos femininos. Outros provêm de *praenomina*, por exemplo: *Lucio (Lucia)*, *Marcos* (f. ant. *Marquesa*), *Tito*, *Tiberio*. Outros de cognomes: *Adriano (Hadriano)*, *Aureliano*, *Cassiano*, *Cesar, Constantino, Fausto*, *Sabino*, *Severo*, *Torquato*, e os femininos dos que o têm. Deve entender-se que quási todos nos vieram por intermédio do calendárío cristão (nomes de santos).

Entre os vários personagens que em Roma tiveram *Antonius* como gentilício especializarei o consul *Marco Antonio* (séc. II-I a. C.), com o qual pode António Cândido comparar-se na eloqüência, segundo o que d'aquele refere Cicero. A epigrafia, pelo seu lado, ministra inúmeros exemplos de *Antonius* em todo o orbe romano. Nos anais do Cristianismo e ao mesmo tempo nos de Lisboa figura *S. Antonio* (séc. XII-XIII), outro orador, e que ficou tão querido do vulgo através das gerações, que a lenda se apoderou dêle, tanto em Portugal, como fóra: ainda hoje na linguagem familiar de Pádua, onde se venera o seu sepulcro, *il Santo* é por excelência *S. Antonio*; as moças do Tirol pedem-lhe noivo (2), como as

(1) Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 139.
(2) *Zs. des Ver. f. Volkskunde*, VI, 134.

de cá, onde a poesia popular o canta, e a tradição o faz intervir nas festas solsticiais do estio. No opúsculo que A. Thomás Pires publicou em 1891, chamado *Cantigas a Santo Antonio, S. João e S. Pedro*, lêem-se 25 quadras consagradas ao primeiro. E quem buscar outras publicações etnográficas lá há-de encontrar novos documentos da popularidade do Santo. Esta se observa também na toponímia: o *Diccionario postal* de Silva Lopes menciona 124 lugares, herdades, quintas, casais, com o nome de *S. Antonio* no continente, e 7 lugares ou sítios nas ilhas adjacentes, não falando de nomes como *Vila Real de S. Antonio, Rua do Vale de S. Antonio*, em que o nome do Santo serve de complemento gramatical. Tais expressões nasceram muitas vezes de ermidas e igrejas. É provável que as localidades que na Hespanha, Italia, França se denominam *San Antonio*, *Sant'Antonio*, *Saint'Antoine*, principalmente nas duas primeiras nações, devam em parte os seus nomes á devoção a S. António de Lisboa; digo «em parte», por haver, como é sabido, outros santos do mesmo nome.

Pôsto que, muito antes do tempo em que viveu S. António de Lisboa, apareça na epigrafia peninsular o gentilício *Antonius* e *Antonia* (1), e apareça em documentos medievais nossos, por exemplo, *Antonia*, como esposa de Viliulfo, sec. X, *Dipl. et Chartae*, p. 24, e *Antonius*, como presbítero, sec. XI, *ibidem*, p. 130 (2), é contudo do nome e da festa do Santo lisbonense que resulta a abundância que ha de *Antonio* na antroponímia portuguesa. É com efeito *Antonio* um dos nomes mais usados em Portugal. O feminino *Antonia* pode provir directamente de Santa Antónia, mas ás vezes

(1) Vid. *Corpus*, t. II, p. 1055.

(2) Cf. Cortesão, *Onomastico medieval*, sub vocibus.

provém sem dúvida de *Antonio*, como sobrenome, por exemplo *Maria Antonia*, filha de *Antonio de tal.*

Quanto à etimologia da palavra latina *Antonius*, não está ainda esclarecida. Tanto o *Thesaurus linguae Latinae*, s. v., como Schulze na sua obra intitulada *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen*, Berlim 1904, p. 123-124, propoem apenas hipóteses: a palavra teria relações com o grego (cf. Ἄντων) ou com o etrusco (cf. *Antenius, Antius, Antilius*, etc.); Schulze acrescenta que, a-pesar-de *Antullus* aparecer como cognome de indivíduos que usam o gentilício *Antonius*, por exemplo, *L. Antonius Antullus* e *C. Antonius Antullus*, acha obscura a relação morfologica que existe entre as duas palavras. Zimmermann, pelo seu lado, citando *Antonius*, *Antenius*, e Ἄντω, diz porém no *Arch. Lat. Lex.*, xxx, 225: « wie ἀντ ἀντι im Griechischen zur Namenbildung verwandt wird, so auch im *ant' ante* im Lateinischen. Vgl.: *Antius*, *Antistitus*, etc.; *Antonius* kann die Kurzform zu *Antistius* gewesen sein ».

II. Cândido

No *nome completo* do nosso tribuno, Cândido é o sobrenome, conforme a definição que acima se deu. Quando um sobrenome é tomado de um nome proprio, como aqui (a Igreja reza de *S. Candido* em 7 de Março), representa por vezes o nome proprio ou o sobrenome do pai, do padrinho, de um parente, de um protector, outras o nome do santo do dia do nascimento. Ás vezes resulta de arbítrio ou de causas que não podem reduzir-se a regra. Também acontece com freqüencia que não só o sobrenome se torna tradicional na família, correspondendo assim a um apelido, mas através de algumas gerações passa para o meio ou para o fim do nome (no *Anuario Comercial* não

falta indicação de pessoas cujos nomes terminam em *Cândido*, *Pedro*, *Paulo*, *Sebastião*, *Tomás*, etc.: são verdadeiros apelidos).

Originàriamente *Candido* é cognome romano, nascido do adjectivo comum *candidus* (do verbo *candere*), que da idea geral de «brilhante», «branco», passou a ter significação metafórica: «puro», «imaculado», «sincero», e falando-se da voz: «nitida» *(vox candida)*, e de um escritor: «claro», como quando Quintiliano, *Instit. Orat.*, X, I, 113, disse de Messāla: *nitidus et candidus*. O acaso das cousas fêz que todas as expressões metafóricas viessem a consubstanciar-se no orador Português: orador cândido, voz cândida, alma cândida. Poucas vezes um nome corresponde, como êste, às qualidades da pessoa que o usa!

III. **Ribeiro**

Terra banhada de inúmeras e variadíssimas correntes de ágoa, Portugal tem também no seu vocabulário riqueza grande de expressões que as representam directa ou indirectamente; como: *arroio*, *barranco* & *barranca*, *barroca* & *barrôco* (1), *corgo (córrego)* & *corga*, *regato*, *ribeira* & *ribeiro* & *ribeirão*, *rio* & *riacho*, para não falar de *rêgo*, *regueiro* & *regueira (rigueira)*, *regalheira*, *levada*, *vala*, *enxurro*, e outros. Trato do assunto noutro trabalho, e por isso restrinjo-me aqui a mera enumeração (2).

---

(1) Da etimologia de *barranco, -a*, e *barroca* tratou J. Brück na revista intitulada *Wörter und Sachen*, VII (1921), 169-170. Vid. também Leo Spitzer, *Lexikalisches*, Genebra 1921, p. 21, e as observações de Wartburg in *Zs. für roman. Philolog.*, XLI (1921), 619.

(2) Deixo também de parte o elemento arábico *odi- (ode-, di-, de-)*, que está esteriotipado em nomes próprios de rios, como: *Odeleite*, *Odiege* ou *Diege*, *Degebe*, *Divor*. Como ilus-

Tôda esta riqueza está representada na toponímia, quer com a forma de singular ou plural, quer com a de aumentativo ou deminutivo, quer como palavra derivada ou composta, por exemplo, entre centenas:

Arroio, casal no Algarve;
Arroios, freguesia de Trás-os-Montes (1);
Roios, lugar na Beira;
Barranco, casal no Sul;
Barrancos, nome de um concelho no Alentejo;
Barranqueiro, aldeia no Alentejo;
Barrancosas, casal na Estremadura;
Barrancão, casal no Algarve (2);
Barroca, nome de muitos lugares do Norte, do Centro e do Sul. — A uma *fonte da Barroca* (Minho) de ágoa muito fresca, se refere Sá de Miranda, *Poesias*, ed. de D. Carolina Michaëlis, p. 241;
Barrocas, nome de muitos lugares do Norte, Centro e Estremadura;
Barroco, lugar do Minho;
Barrocalvo = *Barroco alvo*, na Estremadura;
Barrocos, lugar no Minho;
Barrocalinho, herdade no distrito de Évora;
Barrocaria, lugar na Estremadura (3);

tração acrescento que um meu aluno da Índia Portuguesa me informa que aí se diz *sangria* por corrente de água de pouca importância.

(1) Talvez *Arroia*, lugar da Beira, e *Arroya* na Galiza pertençam aqui, como representantes do feminino de *arroio;* cf. quanto ao género, *corgo-corga, ribeira-ribeiro.*

(2) Deve a esta série pertencer *Barranca*, lugar no Minho, e sítios noutras províncias, e *Barrancas*, herdade do Alentejo, *Barranquinha* e *Barranquinhas*, nomes de propriedades no Sul.

(3) Convém notar que *barroco*, além da significação hidrográfica, significa «pedra» e «penedo» na Beira: cf. *barrocal* por «penedia» no *Archeologo Port.*, XX, 303, e *barroquêro* e *barroquêrada* (do Sul) na *Revista Lusit.*, IV, 228 e 248. Por isso nem

Corgo, nome de um rio em Trás-os-Montes, e de muitos lugares no Norte e no Centro, e de propriedades no Sul;

Corga, lugar no Minho, e de sítios no Sul;

Corgas, lugar na Beira;

Corgão, herdade no distrito de Beja;

Corguinha, nome de lugares na Beira;

Corguinhas, lugar na mesma província;

Corguinho, herdade no Sul;

Corregacho, lugar na Beira, com o mesmo sufixo de *riacho;*

Corregato, lugar na mesma província, com o mesmo sufixo de *regato;*

Corregancha (= córrega ancha), sítio no distrito de Castelo Branco;

Regachinha, sitio na freguesia de Cabreiro (Arcos de Valdevez), com o sufixo de *Corregacho* no feminino.

Regato, nome de lugares no Norte e Centro, e sítios no Sul;

Regatos, quinta na Beira; nome de lugares na ilha da Madeira e no Minho;

Regatinho, lugar no Minho;

Regatal, lugar no Minho, formado como *Barrocal;* pròpriamente sítio em que ha varios regatos. (A inspecção do local poderá confirmar esta explicação, como a de *Barrocal*) (1);

Ribeira, nome de muitos lugares e quintas;

Ribeiro, nome de lugares de todo o Portugal, ou só, ou com complemento, como *Ribeiro da Ladeira*, *Ribeiro Branco* (2);

---

tôdas as palavras começadas por *barroc-,* que existem na toponímia, serão hidrográficas.

(1) Também talvez possam incluir-se aqui: *Regateira*, *-eiro*, *-eiros;* cf. *Barroqueiro*. Por *lugar barroqueiro*, *regateiro*.

(2) Da diferença entre *ribeiro* e *regato* fala já Fernão Lopes

Ribeirão;
Ribeiras, lugar no Minho;
Ribeirinha, lugar em Trás-os-Montes.
Ribeirinhas, quinta na Beira;
Ribeirinho, lugar no Minho;
Ribeirinhos, quinta no Alentejo;
Ribeiral, lugar no Minho (cf. *Barrocal* e *Regatal*);
Rio Caldo, freguesia no Minho;
Rio Frio, lugar em Trás-os-Montes; *Rios Frios*, na Beira;
Rielho, lugar no Minho (deminutivo de *rio*, isto é, * *riviculus*);
Riacho, quinta na Estremadura;
Riachos, lugar na mesma província.

Aos nomes que pus á parte, *rego,* etc., corresponde também na toponímia: *Rego*, no Minho, *Rego de Cima*, na Beira; *Regueira*, *Regueiro*, *Regueiros*, *Regueirão, Regueiral, Regueirinha*, *Regalheiras*, em várias províncias; *Ágoa Levada (= ágoa da levada),* na Beira; *Vala Real* e *Vala da Cova*, rios que passam em Carapinheiro, e desaguam no Mondego; *Enxurro,* nome de um rio ao pé da vila da Pederneira (Estremadura), diz J. B. de Castro, *Mappa de Portugal*, 2.ª ed., p. 121; *Enxurreira*, lugares no Minho; *Enxurreiros,* sítio na Estremadura; *Xurreira*, herdade no Alentejo.

O nosso lexico geral e concomitantemente a nossa toponímia são do mesmo modo ricos de nomes relacionados com outros elementos da hidrografia: *pôço-pôça*, *Fonte*, *Fonteira* (de * fontanaria), *Fontão*, *Fontaí-*

(séc. xv): «os montes começarom de sse lavar com multidom de grossas chuivas.. de guisa que dos pobres *rregatos,* hu ardur morava hũa simprez rãa, se faziam grandes *rribeiros,* que poinham espanto de sse poder passar.» *Cronica de D. João I,* ed. de Braamcamp, 1.ª parte, cp. 164, p. 310.

nha & *Fontaínhas; albufeira* (nome próprio também); *Lagoa*, *Lagoaça*, *Lagos* (a palavra *lago* tem várias significações), *alagoão*, *mina*, *pégo, ôlho* (na toponímia: *Olho Marinho*, *Olhos de ágoa*, *Olho*), também *charco* (na toponímia: *Charca* a par com o masculino), *sapal*, *brejo*, *lama, lamaço*, *lamaçal*, *lameiro* (em sentido meridional), talvez *Lamego* (tanto em Portugal como na Galiza: de *lama*), *lenteiro* (na toponímia *Lenteiros*), *remanso* (igualmente na toponímia), *paul* (na toponímia), *pântano* em estilo literário (pelo menos modernamente), *tremedal*, *lodaçal*, *atoleiro*. Temos anàlogamente *ágoa* em sentido genérico de *ágoas* (cf. na toponimia *Ágoa de Souto*, *Agoalva*, *Ágoas Santas*, *Entre ambas as ágoas* = entre ambos os rios, ou *Entr'ambalas agoas*), e *mar* (na toponímia: *Mar*; cf. *Beiramar*, *Ribamar*), *Fervença*, de que já falei algures.

De todos os mencionados nomes o que nos importa agora é **Ribeiro,** por constituír a 3.ª parte do *nome completo* do nosso tribuno. Como a propósito de *Cardoso* expliquei no meu opúsculo intitulado *Etimologia de um nome ilustre*, Porto, 1921, p. 5-6, deve entender-se que um dos antepassados de António Cândido, ou antiga pessoa ligada com a família, nasceu ou viveu em um local chamado *Ribeiro*, ou com êsse local teve outra qualquer relação, e que os vizinhos lhe chamaram por isso *Fulano do Ribeiro*, ou lhe deram por alcunha o nome topográfico: *Fulano Ribeiro*. Cf. o que acêrca da presença ou omissão do *de*, em tais casos, escrevi na *Revista Lusitana*, XXI, 317-318 (1). A denomi-

(1) Disse eu aí que era provável que *Pereira* fôsse primitivamente nome geográfico, tendo-se perdido o *de*: *F. Pereira* por *F. de Pereira*. Depois de escrito o meu artigo encontrei efectivamente muitos exemplos medievais de *Pereira* precedido de *de*.

nação *Ribeiro* ou *do Ribeiro* transmitiu-se, segundo o costume, aos descendentes ou sucessores do indivíduo que primeiro a recebeu; mas, ao passo que a princípio tinha inteira, clara e natural significação, perdeu-se depois com o tempo, e ficou mero apelido. Mas é claro que nem tôdas as familias em que existe o apelido de *Ribeiro* têm relação umas com as outras: o motivo pelo qual na origem um indivíduo se chama *Ribeiro* repete-se evidentemente muitas vezes.

Etimològicamente *ribeiro* é o masculino de *ribeira*. Quando há substantivos comuns, como aqui, com duas fórmas, uma masculina, outra feminina, por exemplo, *bolso-bolsa*, *banco-banca*, *çapato-çapata*, a feminina tem em geral significação mais ampla: por isso uma ribeira é maior que um ribeiro. A palavra *ribeira*, do lat. riparia, adjectivo derivado de ripa, significou primeiro em português «borda de rio», depois água que corre entre duas *ripas*, *ribas*, ou margens altas, por fim corrente de água de certo volume. No Sul dizem *rebêra* e *rebêro*.

IV. **Costa, isto é, da Costa**

Temos o vocábulo comum *costa*, que do sentido de «costela» (latim costa) (1), passou a significar metafòricamente: declive; e litoral. No primeiro sentido, pelo menos a mór parte das vezes, tornou-se repetidamente denominação topográfica, tanto na fórma simples, como com flexão ou sufixo: *Costa*, *Costinha*,

---

(1) Em português antigo tambem *costa* significava «costela», como em latim. Quando dizemos *costas* no sentido de «costado», ou «dorso» (arc. «dosso»), queremos pròpriamente dizer «conjunto de *costelas*»; o sentido de «dorso» é tropológico.

Costela, *Costilha* (1), *Costilhão* (2), *Costeira*, *Costeiras* (3), formas paralelas a *Encosta, Encosteira*, *Encosturas* (4). No segundo sentido *Costa Nova*.

Póde aqui falar-se do substantivo arcaico *enfesta,* que Morais define como « assomada », mas a que corresponde o adjectivo, tambem arcaico, *enfesto,* que o mesmo lexicologista regista com a significação de « ladeirento », « empinado », e o advérbio *afesto*, também em Morais « pelo teso acima », « subindo ao alto », ou como substantivo « fastígio, cume ». Hoje usa-se ainda, não já *enfesta, enfesto* ou *infesto*, mas *a festo*, por exemplo: *subir a festo* « subir uma elevação íngreme », que se diz muito em Viana do Castelo e em Ponte de Lima; nas *Jornadas* de Antero de Figueiredo, 1.ª ed., p. 247 e 257 lê-se, segundo a linguagem do Minho, *subir a festo*, e ao mesmo tempo *trepar a festo*. O elemento *festo*, que entra na expressão *a festo* e nos compostos *enfesta*, *enfesto*, *infesto,* tem por étimo uma palavra germânica, representada em alemão por *First* « cume » (cf. Meyer-Lübke, REW, n.º 3321). Com esta palavra se ligam os nossos topónimos *Festos*, *Infesta* (S. Mamede *d'Infesta*, etc.), *Infesto, Infestos*, e talvez *Enfistela*, na Galiza *Infesta*, *Enfesta, Enfestela*, nas Astúrias *Infiesto, Infiesta*, *Enfestiella*.

Outras séries paralelas são, por exemplo: *Ladeira*, do lat. lataria e *lomba*, f. de *lombo*, do lat. lumbus

(1) Os nossos sufixos *-ilho,* como em *vencilho,* e *-elho,* como em *vencelho,* provêm ora do latim *-ĭc'lu,* ora de *-īc'lu.* A palavra *Costilha* pertence ao primeiro grupo, isto é, tem o sufixo -īclu. Os dois sufixos confundiram-se em romanço.

(2) *Costilhão* = *cost-ilh-ão* ou *cost-elh-ão:* cf. *Castrilhão* e *castr-ilh-ão*.

(3) Se *costeira* significa « costa marítima », tambem significa « encosta ».

(4) Palavra formada como *altura*.

(em sentido metafórico), com os topónimos: *Ladeira*, *Ladeiras*, *Ladeirinha, Ladeira*, *Ladeirinhas* (cfr. *Ladario* e *Monte Ladario*, e bem assim *Ladeiro*), por um lado, e *Lomba (Lombo, Lombão), Lombada* e *Lombadinha*, por outro.

Querendo estender a investigação orográfica, teríamos ainda (na toponimia):

1. *Alto*, seguido de complemento (*Alto do Pontão*, etc.), *Altos*, *Altinho*, *Altura de Milhano*, *Alturas de Barroso*.

2. *Outeiro* (do lat. altarium) e seus derivados: *Outeirinho*, *Outeiral*, *Outeirais*.

3. *Monte* e seus derivados e compostos: *Montinho*, *Montelo*, *Monteco* e *Montareco* & *Montarecos* no Sul, *Montorro* & *Montorros* no Minho (com o sufixo *-orro* de *grandorro,* etc.), *Montarroio* (= monte do arroio), *Mossantel* (de *monte santo*), *Monsul* (= monte do Sul), *Montouto* (= monte alto), *Quinta de Monreal*, *Montouro* (= monte do ouro, de certo em lenda popular, talvez por *ouro encantado*). A propósito de *monte*, convém notar que, conquanto a palavra se usasse antigamente em todo o Portugal, como se vê de *Monte do Figo,* entre Tavira e Loulé, *Monfurado* ao Sul do *Montemór o Novo*, *Monsanto* ao pé de Lisboa, *Monforte da Beira*, *Montes* no concelho de Vila Real de Trás-os-*Montes*, hoje tem na linguagem do Alentejo e Algarve a especial significação de « casa de herdade » ou « casa de campo », e na Estremadura foi substituída por *cabêço.* Ao Sul do Tejo, em vez de *monte*, em sentido orográfico, dizem *oiteiro* e *cêrro*. Eis aqui um texto do séc. XIV com *cabeço:* « como aquel cavaleiro pareceu com aquela grande asta eno *cabeço* que estava acima donde lidavades », *Linhagens*, p. 189.

4. *Cabeço*, *Cabeços*, *Cabeça, Cabeças, Cabeceira*, *Cabeceiras*, e talvez *Cabeção*.

5. *Côto*, *Cotêlo*, *Cotares* (=Cot-ar-es), *Cotarelo*, *Cotarela*, *Cotarinhos* e *Coterro (?)*; *Têso*; *Poiares* (=Poi-ar-es, do lat. podium, como *Puy* em França); *Cêrro* (escrito erradamente *Sêrro*, por se supôr que se relaciona com serra); *Cumieira*, *Cumiada*; *Pico*, *Picôto*; *Colos*, *Colares* (=Col-ar-es; cf. *Poiares*); *Fajã* (Açores e Madeira); *Mama*.

Noutra direcção:

1. *Achada*, do lat. (a-)planata; *Chada*, e talvez *Chadeiro*, *Chadeiros*.

2. *Chainça* do lat. planitia; *Chainho* de planinu-; *Chão*, *Chãs*, *Chainha*.

E também:

1. *Val*, *Vales*, *Valinho*, *Valongo*, *Valongueiras* (=*Val de nogueiras*, com assimilação do *l* ao *n*, e nasalamento do *o* pelo *n*), *Valouta* (=Val alta, com manutenção do género feminino do lat. *vallis*: cf. o que escrevi na *Romania*, XLVIII, 120); *Valdujo*, em Trancoso (=Val do ujo; cf. quinta do *Ujo* em Sabrosa; *Ujos* no Marco de Canaveses; *Ujeira* em Felgueiras, *Ujeiras* em Oliveira de Frades: d'aqui se vê que o *habitat* do ujo é ou foi principalmente no Norte e no Centro, o que não deixa de estar de acôrdo com o que diz A. F. de Seabra, *Oiseaux*, n.º 30: e assim a Filologia ajuda a Geografia zoológica).

2. *Conca*, *Concão*, *Concela* (sec. XI) (1), — do lat.

---

(1) Entre *Concela* & *Conca* ha a mesma relação fonética que entre *Barcelos* & *Barcos*, e talvez entre *Bucelas* (por *Bocelas*) & *bocas*. Cfr. *Argela* & *Arga*. — A respeito de *Conca*, que aparece várias vezes na nossa toponímia, direi mais o seguinte. Falando do rei D. Sancho Avarca, de Navarra, escreveu o A. do *Nobiliario*, IV, 251: «conquereu toda a *conca de Pamplona*», onde *conca* está claramente em sentido geografico, hesp. *cuenca* «vale, bacia»; na Hespanha também *Cuenca*. No *Cancion. da Vaticana*, n.º 937, *cunca* ou *escudela de Pamplona*: vid. o que observa D. Carolina Michaëlis in *Zs. f. romanische Philologie*, XXVI, 208, e nota 3.

concha, metafòricamente; *Cova*, *Covas*, *Covão*, *Covela*. Ás vezes *Cova* significa «furna» ou «gruta».

3. *Orreta dos quintanas*, em *terra* de Miranda: vid. *Revista Lusitana*, VII, 286. Como *orreta* ou *urreta* em linguagem de Trás-os-Montes significa «vale», pergunto se com essa palavra se ligará na toponímia *Urra*, *Urros*, *Urrós*, *Urró*. Na Navarra há o topónimo *Urra*, mas em vasconço *urra*, quere dizer «avelã», e pertencerá pois a família lingüística diferente da das nossas palavras.

Seria um nunca acabar! Portugal é muito montanhoso, e a Toponímia concorda aqui mais uma vez com a Geografia. Mas de todos estes assuntos trato um pouco mais de espaço noutro trabalho que, como já disse, estou escrevendo.

Voltemos ao apelido *Costa* do nosso tribuno. Presumìvelmente um dos antepassados dêste nasceu ou viveu em um lugar assim chamado; e daqui se criou o apelido, conforme ao que vimos se deu com *Ribeiro*. É claro também que nem todos os Costas são necessàriamente parentes uns dos outros.

*

* *

Por se tratar de um excelso representante da Oratória portuguesa, parece que o meu artigo devia ser cheio de flores, pois destas se entretecem grinaldas, e uma grinalda pousaria bem na cabeça do *D.or António Cândido Ribeiro da Costa*: mas, se alguma vez, por distracção, me tenho sentado à porta do templo da Poesia, é-me sempre mais grato, e mais fácil, compor uma fria dissertação filológica, do que um carme.

J. Leite de Vasconcellos.

Meu càro Augusto de Castro.

Acabo de ler, com viva comoção, o seu admirável artigo acêrca de António Cândido. De todo o coração o aplaudo. Do fundo da alma me associo a tôdas as homenagens que venham a ser prestadas ao grande orador e meu querido amigo, mestre supremo da oratória moderna, formidável expressão do génio verbal da raça, cuja glória, com a de Junqueiro, basta para encher de orgulho Portugal. É preciso que connosco, artistas, homens de letras, cultores da palavra falada e escrita, vibre, na exaltação de António Cândido, a própria alma da Pátria. Para nossa dignidade, as bodas de ouro da sua eloqüência — ¡ que já há cinqüenta anos deslumbrava Coimbra! — devem ser, não apenas uma festa de intelectuais, mas uma verdadeira consagração nacional.

Abraça-o o seu amigo e admirador,

Júlio Dantas (1).

... *Sr. Dr. Augusto de Castro,*
meu ilustre confrade:

24 de Fevereiro de 1922.

Acabo de ler o artigo em que V. lança a formosa idea de se prestar a António Cândido uma homenagem no dia em que prefaça os seus 70 anos.

Mau grado pertencer ao número dos mais humildes admiradores, com fervor me associo a êsse preito.

E glorioso dia será êsse em que, dissipada um pouco

(1) Do *Diário de Notícias,* de 25 de Fevereiro de 1922.

esta atmosfera de grosseiro mercantilismo, se preste culto à pura Arte dêsse maravilhoso Artista da palavra.

Amigo e admirador muito grato,

Jaime Cortesão (1).

Não deixa de ter seus inconvenientes a consagração de um orador em país de verborreicos. Convém, pois, frisar que a maior virtude de António Cândido, como orador, consiste na sobriedade clássica do estilo, em meio onde predomina a superabundância bunda.

António Cândido foi um raio de Sol da Ática em nevoeiro da Beócia. Óptimo seria que igualmente podessemos consagrar em Portugal algum modêlo de laconismo spartano.

Jaime Cortesão (2).

Meu caro Augusto de Castro.

A meio desta cada vez mais « apagada e vil tristeza » o seu artigo veio hoje acordar-me como um belo toque de clarim. É que o Augusto de Castro, tocando a reünir na sua prosa vibrante e comovida, fez surgir a nossos olhos uma grande figura de Portugal. Mais talvez. Veio recordar-nos uma pátria que tantos teimam em fazer-nos esquecida: pátria que se perde no griteiro dos que cá dentro fazem falar de si e — ¡ ai de todos ! — lá fóra fazem falar de nós; pátria, no entanto, onde Você veio hoje lembrar-nos que vai completar setenta anos António Cândido...

---

(1) Do *Diário de Notícias* de 25 de Fevereiro de 1922.

(2) Do *Jornal da Europa* de 31 de Março de 1922.

Não cabe nestas curtas linhas e excede todos os meus pobres recursos dizer-lhe o que foi, o que é ainda a primeira palavra portuguesa: que prodigiosas roupagens vestiram sempre, em moldes talhados de Atenas, os mais altos desígnios da mente; verbo e idea emprestando sempre um à outra, em profundidade e beleza, essa pura essência que mais parece vasada pelas próprias mãos de Deus. Consinta apenas que eu lhe lembre, nesta grande hora nacional que Você tão oportunamente abriu, tudo o que não foi, tudo o que não quis ser António Cândido. ¡ A que tentações, com efeito, o podia arrastar a sua palavra formidável! ¡ A que desígnios, a que seduções, a que causas podia ela servir e... servi-lo! ¡ Que escuros interêsses, que fáceis clientelas poderia ver satisfeitos e formados! ¡ Que destruïções, que malefícios poderiam ter nascido e passado!

Nesta tão batida terra por todos os ventos maus da palavra, não sei fazer-lhe elogio mais alto. António Cândido passou pelo seu tempo e pela sua pátria como a pura chama de um génio que, para ser grande, só pensou em exaltar o que era digno e forte e, vendo no ceu as estrelas, foi acender nelas o facho divino que vitoriosamente brandiu...

Penso como Você, Augusto de Castro. É indispensável fazer alguma coisa. Mais. Seria vergonhoso que nada se fizesse. Pouco valho. Mas, se nesse pouco a sua boa vontade vislumbra a sombra de um préstimo, disponha dêle Você, incondicionalmente, ilimitadamente.

Sempre seu admirador, confrade e muito amigo

FERNANDO EMÍDIO DA SILVA (1).

(1) Do *Diário de Notícias* de 25 de Fevereiro de 1922.

S. C. 25 de Fevereiro.

Meu querido Augusto de Castro

A sua idea da homenagem a António Cândido no dia 31 de Março é linda e justa. Êle é, por assim dizer, uma das mais belas catedrais do nosso espírito. Devemos, nesse dia, ir todos lá ajoelhar e rezar e perfumá-la com o incenso e a mirra da nossa admiração. Lá me terá a acompanhá-lo nessa encantadora romagem ao talento, à bondade e à honra.

Sempre seu do coração,

E. Schwalbach Lucci (1).

Meu caro Augusto de Castro.

Felicito-o pelo seu brilhante artigo sôbre António Cândido. Nele delineia com precisão a alta e inconfundível individualidade do maior artista da palavra dos últimos tempos.

Admirador de António Cândido desde os bancos da Universidade onde êle foi um grande professor, releio muitas vezes a sua obra que conservo entre os livros mais queridos como relicário das mais autênticas preciosidades da eloqüência nacional. Mesmo sem o brilho da sua dicção incomparável, sôpro vivificador dessas páginas magníficas, a sua obra permanecerá na nossa literatura como uma das mais elevadas expressões da mentalidade portuguesa.

A sua iniciativa, meu caro Augusto de Castro, vai

(1) Do *Diário de Notícias* de 26 de Fevereiro de 1922.

ser coroada do maior êxito. Todos os que amam a Arte em Portugal se associarão à sua iniciativa que, tendo por fim prestar uma merecida homenagem ao maior orador da nossa terra, acabará por nobilitar a geração que saiba fazer justica a tão elevados méritos.

Creia-me, sinceramente, seu amigo e admirador obrigado

EGAS MONÍS (1).

Meu caro Augusto de Castro.

É consolador escutar através dos clamores da hora incerta, que vamos atravessando, uma voz vibrante, que lança um pregão de singular harmonia moral.

Essa voz é a sua; e a cruzada, de que se faz arauto e festeiro, toma-me o ânimo num alvoroço enternecido.

Glorificar António Cândido é para qualquer português uma imposição. Para mim, além de preito patriótico, é um feliz ensejo de manifestar, ainda outra vez, o sentimento de amizade que me prende a um dos meus mais antigos companheiros.

A amizade cria afinidades, mas não cega os olhos, nem obscurece o entendimento. Por isso, testemunha como sou da sua vida, posso desassombradamente concorrer a êste comício, trazendo o meu depoïmento, ou antes, a afirmativa da minha admiração pelo homem cuja existência é no seu conjunto maravilhosamente bela.

Se tivesse nascido na Grécia, e a sua voz passasse sonorosa entre as ramarias dos cedros dos jardins de *Academus;* se tivesse discursado em Roma, e o tives-

(1) Do *Diario de Notícias* de 26 de Fevereiro de 1922.

sem ouvido no *Forum* as multidões ávidas de jogos e festas de eloqüência; se pertencesse à França dos nossos dias, herdeira de tôdas as graças da intelectualidade latina, o nome de António Cândido ecoaria pelo mundo, levado pelas tubas da Fama, que acompanham a apoteose dos Príncipes da palavra humana.

Nascido neste canto da Europa, e num momento em que o Destino indeciso semeia interrogações ansiosas, o seu verbo, que, em tão notáveis discursos, fez entoar harmònicamente a sonoridade da nossa doce língua, emudeceu... ¡Mas provisòriamente; e não de vez!

A figura de António Cândido ainda, felizmente, se conserva erecta para acolher as nossas homenagens. E da sua boca « *sur laquelle voltigent les abeilles de Platon* » hão de cair um dia palavras de apaziguamento sôbre a querida terra portuguesa.

Santo Amaro, 24 de Fevereiro de 1922.

CONDE DE SABUGOSA (1).

Conta Plutarcho na *Vida dos homens ilustres* (obra que deve estar à cabeceira de todos a quem interessa a alma humana, nas suas mais belas manifestações), que Cícero, ainda moço e ambicioso, ao passar uma vez em Delphos, foi consultar o oráculo, esperando que a revelação divina lhe indicasse o caminho para alcançar a *Glória,* sua aspiração suprema.

A Pythonisa, respondendo em linguagem sibilina à pregunta do futuro orador, aconselhou-lhe:

« que tomasse como guia de procedimento a própria consciência, e nunca os alvitres do vulgo. »

---

(1) Do *Diario de Noticias* de 26 de Fevereiro de 1922.

Parece que a resposta não agradou ao tribuno. E no entanto seguiu-a, com proveito seu.

António Cândido nunca necessitou entrar no Templo délfico para interrogar a Profetiza. No caminhar da vida tomou sempre como condutor o seu ânimo recto, desprezando o influxo das multidões.

E se, para ordenar a existência impoluta, lhe bastou a consciência, também para cultivar a sua arte não teve que recorrer a artifícios, como o grande orador romano, o qual, segundo refere também Plutarcho, desejando *representar* com elegância os próprios discursos na tribuna, apresentar atitudes plásticas, e mover-se conforme as regras teatrais, tomara, como mestres, Rocio, o irresistível actor cómico, e Esopo, o trágico maravilhoso que o leccionavam assìduamente. Diz ainda a tradição que nessas lições ensaiava cada gesto, cada expressão da máscara e da fisionomia, cada prega da túnica de córte irrepreensível. ¡ A perfeição clássica em tôda a sua genuína expressão!

A arte de António Cândido, se do classicismo tem a pureza da linguagem vernácula, é contudo pela exuberância, pelo entusiasmo, pela vivacidade das imagens, e riqueza de expressão, um lindo exemplar do romantismo na tribuna, com todos os seus generosos conceitos, expontâneas rajadas, e formosa grandiloqüência. Tem luz e calor.

Em resumo:

Na Tribuna um Cícero lusitano.

Na vida quotidiana um varão de Plutarcho.

CONDE DE SABUGOSA (1).

---

(1) Do *Diário de Notícias* de 30 de Março de 1922.

ANTÓNIO CANDIDO

Ensinaram-me retórica, arte de que nada aproveitei, por um compêndio escolar que começava assim:

« Nascido o homem para a Sociedade, não recebeu das mãos do creador melhor dote que a faculdade de falar. » O meu mestre (¡que saüdade tenho dele!) exigia que decorassemos palavra por palavra o compêndio, e por isso, chamando o discípulo à lição, ordenava imperiosamente:

— « ¡ Menino! Diga lá o *nascido*... »

E lá tinhamos de papaguear religiosamente o trecho do cartapáceo — « Nascido para a Sociedade... »

Ocorreu-me agora êste caso quando amàvelmente me emprazaram a escrever algumas palavras sôbre António Cândido. Logo me deu vontade de parafrasear o antigo compêndio dizendo:

— « Nascido para a Sociedade, António Cândido recebeu como dote das mãos do Creador a faculdade de falar ».

¡E a sua palavra atingiu a suprema perfeição, sem que nunca tivesse de estudar no meu compêndio de retórica!

CONDE DE SABUGOSA (1)

ANTÓNIO CANDIDO

(RECORDAÇÃO)

Só uma vez tive a fortuna de ouvir António Cândido na tribuna: foi no centenário da defêsa da ponte de

(1) Do *Jornal da Europa* de 31 de Março de 1922.

Amarante, que se celebrou nessa vila no dia 4 de Julho de 1909.

Uma comissão de que eu era secretário, fôra incumbida pelo govêrno de comemorar as campanhas peninsulares, que há um século tão profundamente convulsionaram o país e tantas vidas imolaram no altar da pátria. Organizou-se um programa, onde cada um dos acontecimentos mais notáveis daqueles seis anos de luta, teve a sua consagração especial. A defêsa da ponte de Amarante, um dos raros episódios de vulto em que intervieram só tropas portuguesas, não podia deixar de ser relembrado muito especial e patriòticamente.

Tratava-se realmente de um notável e glorioso feito de armas. O marechal Soult estava senhor do Pôrto desde o dia 29 de Março, com as comunicações para a sua rectaguarda completamente cortadas. Vendo-se nesta situação perigosíssima, o marechal resolveu destacar duas divisões, uma para socorrer Tuy e Vigo e alcançar notícias de Ney, outra, sob o comando de Loison, para ir em busca do general Lapisse, por Trás-os-Montes. Foi então que Silveira, a quem Beresford ordenara que fechasse a passagem do Tâmega, não tendo podido oferecer resistência eficaz aos franceses em Vila Meã, se retirou para Amarante, onde organizou a defêsa. Aí o foi investir o inimigo, seguindo-se uma luta tenaz de fôrças e artifícios, em que os nossos sucumbiram ao cabo de quinze dias. Mercê da sua nobre resistência, estiveram imobilizados no Tâmega, durante êsse lapso de tempo, cêrca de 9.000 homens dos 21.000 do exército de Soult, que assim se achava impossibilitado de tentar qualquer movimento importante sôbre o sul do país. O feito de armas que notabilizara Amarante, comparável àquele de que em 1811 foi teatro Campo Maior era, incontestada e incontestàvelmente, dos que mereciam uma consagração especial.

Fizeram-se pois, diligências para que à comemoração não faltasse nada que lhe pudesse acrescentar o explendor que a façanha relembrada já por si só lhe dava. Pediu-se a assistência do chefe do Estado, que era ainda então o Sr. D. Manuel de Bragança, chamaram-se representantes dos regimentos que se bateram em Amarante naqueles memoráveis quinze dias, convidaram-se pessoas de grande categoria social, e a comissão amarantina que, por seu lado, empregara os seus melhores esforços para abrilhantar a festa, convidou António Cândido para, na tribuna, agradecer ao chefe do estado, em nome da vila, a sua comparência.

Falara êle no ano anterior, do dia 16 de Agôsto, naquele mesmo lugar, e ou porque o tomasse o desalento em face dos acontecimentos que convulsionavam o país e doutros que vagamente se previam e se receavam, ou porque se sentisse fatigado, o imortal tribuno dissera que provàvelmente não tornaria a falar em público: « Não sei se voltarei a falar pùblicamente diante dos meus vizinhos. Estou velho, e em cada dia que passa, aumenta o meu terror da tribuna, o meu quási invencível receio de a não ocupar dignamente. » E mais adiante de novo faz sentir o seu desalento, quando diz: « quis talvez o destino que a minha pobre palavra viesse deitar aqui a sua última flôr. »

As instâncias dos seus conterrâneos — António Cândido, « no seu afecto, abrangia a todos, sem excepções de ninguém » — conseguiram demovê-lo, e assim a comemoração ia realmente ser soléne para aqueles que, como eu, antegozavam o prazer de o ouvir.

A ponte caíu em poder dos franceses no dia 3 de Maio de 1809, mas por motivos que agora me não interessam, a comemoração não pôde fazer-se senão dois meses depois de completado o século.

Chegou o dia aprazado — 4 de Julho — explêndido

de luz, e daquela graça campestre que nunca me penetrou tanto como naquela mimosa região amarantina, onde nunca fôra, e que faz compreender as sentidas palavras do tribuno, quando fala da sua terra encantadora: «há tanta luz no ceu, tanto mistério e sonho nos arvoredos; a natureza, geralmente rude, sorri com tanta graça na sua florescência expontânea, que se compreende bem o amor, a paixão, o exaltado fanatismo que nós, os daqui, sentimos por esta terra onde tivemos o berço e onde queremos a sepultura. Aos que a necessidade obriga a ausentarem-se, uma nostalgia aguda persegue sempre e algumas vezes mata!»

Chegara, pois, o dia. Rompendo a custo a multidão, e por entre aclamações, passou o luzente cortejo que acompanhava o chefe do estado, e, atravessando a famosa ponte, foi deter-se junto da outra margem, descobrindo-se então a lápide, onde o feito de Silveira e dos seus valorosos soldados ficava assinalado em caracteres vincados na pedra.

As músicas irromperam então em hinos misturados às badaladas sonoras dos sinos de S. Gonçalo, ao estampido vigoroso e atroador de numerosos petardos e ao vozear confuso e sussurrante com que a turba dos espectadores manifestava o seu justo aprêço e entusiasmo pelo que se fizera. Findava assim a parte espectaculosa da ceremónia. A outra teve por teatro uma grande quadra do vetusto mosteiro de S. Gonçalo, talvez uma antiga sacristia. No tôpo da sala sentava-se o chefe de estado, que presidia à ceremónia; na sua frente, em bancadas paralelas, os convidados e atrás, de pé, todos os que puderam entrar na sala e não conseguiram um lugar para se sentar.

Ao lado do chefe do estado, junto de uma pequena mesa, estava António Cândido. Era manifesta a an-

ciedade por o ouvir, e pelo que me respeita, eu partilhava dêsse estado de alma da numerosa assembleia.

O grande orador começou o seu discurso, empolgando-me desde logo a naturalidade do seu porte, a sobriedade e elegância do seu gesto e o timbre da sua voz, feita para a tribuna.

Verdadeira recordação, desajudada de quaisquer apontamentos, a minha narração pode, num ou noutro ponto, pecar por falta de rigor, tanto mais que sôbre êsse dia já são volvidos mais de treze anos; mas do que eu conservo bem viva memória é da impressão estranha e indelével que a palavra do grande orador me causou; e relendo hoje o seu discurso, sinto ainda o encanto daquele verbo inspirado, e na minha imaginação surge de novo a quadra de S. Gonçalo e a figura austera e insinuante de António Cândido, alvo das atenções de uma multidão dominada pela sua voz.

O orador dividiu o seu discurso em quatro partes: na primeira descreveu a sua terra e apresentou os habitantes; na segunda ocupou-se do feito comemorado; na terceira tirou a lição moral dos factos narrados; a quarta destinou-a a agradecimentos e ao elogio da pátria, « que não a há mais bela nem melhor ».

O quadro que êle fez da sua terra, em sóbrias e sugestivas palavras, é de uma graça que só essas palavras, animadas pelo seu gesto e pela sua voz, poderiam reproduzir. E depois de descrever os habitantes, voltou-se para o chefe do estado e, com uma atitude inolvidável, disse com encantadora singeleza: « E basta. Está feita, em esbôço rápido, a apresentação da minha terra. Posso dizer agora do acontecimento histórico. »

Ocupou-se então das campanhas peninsulares, que classificou de « última grande glória portuguesa ». E na descrição dessa *grande glória* foi tão sugestivo, como quando nos apresentou a sua terra. O alto

aprêço em que tinha a luta em defesa da pátria, está bem definido nestas suas ardentes palavras: «O ódio ao invasor da pátria é sagrado. Nas lutas da liberdade e da independência, o ódio, que é um péssimo sentimento humano, demuda-se, transforma-se em alta virtude moral. É o reverso do amor da pátria: ¡santo como êle!»

No elogio do povo português extremam-se os seus dotes oratórios: «... um povo de tanto carácter e tanta alma, tem ainda largos estadios a percorrer com honra sua e proveito universal. Há dentro dêle alguma cousa resistente a todos os infortúnios e a tôdas as contrariedades: um como espírito imortal, que os acidentes da fortuna podem assombrar, mas não logram destruir.»

E pouco adiante terminou o seu discurso, a tribuna nunca mais o viu e eu bemdigo agora o acaso feliz que me permitiu escutar essa «última flor» da palavra privilegiada de António Cândido, palavra tão singela e familiar quão graciosa, insinuante, enternecedora e cativante, e que se gravara indelével e inconfundìvelmente no espírito de quem uma vez a ouvia.

José Justino Teixeira Botelho
Sócio correspondente.

Meu querido Augusto de Castro.

Duas simples palavras de afectuosa admiração pelo seu artigo sôbre António Cândido — e a minha inteira adesão à justíssima homenagem que se vai prestar ao grande orador e ao grande português.

Amigo velho,

João de Barros (1).

(1) Do *Diário de Notícias* de 26 de Fevereiro de 1922.

Meu caro Augusto de Castro.

Não pode haver maior glória para um jornalista do que essa de acertar em exprimir, no adequado momento, uma ainda indefinida aspiração colectiva, dando-lhe forma e projectando-a para a acção.

Nenhuma consciência nobre pode deixar de manifestar-se solidária com o teu propósito, meu caro Augusto de Castro, e eximir-se em corresponder à tua exortação. António Cândido é uma grande figura ateniense, que nunca desmanchou a ática atitude e cujo silêncio é ainda eloqüente entre o fragor dos desmoronamentos. É um príncipe que ainda reina nos domínios despovoados da eloqüência e cuja mudez ainda alvoroça as almas, como quando dos seus lábios, agora imóveis como os de um busto de mármore, saía a mais elegante palavra com que a Pátria falou no nosso tempo.

CARLOS MALHEIRO DIAS (1).

Meu caro Augusto de Castro.

O meu aplauso à homenagem, proposta pelo seu generoso espírito, ao grande orador António Cândido, reservava-o eu para reforçar a seu tempo, pouco que fôsse, o côro de aclamações que o saüdassem. O simples enunciado da proposta bastaria para congregar os corações portugueses no preito devido a uma das nossos mais excelsas glórias. A afluência das adesões incita-me, porém, a relevar desde já da massa anónima os braços com que tencionava cingir o cofre de um

(1) Do *Diário de Notícias*, de 27 de Fevereiro de 1922.

coração nobilíssimo. Não quero que se gere uma suspeita de hesitação sôbre o espontâneo alvorôço com que desde logo me associei *in mente* a essa obra de justiça.

Assumindo uma feição nacional, representará ela, ¿quem sabe? um penhor da almejada conciliação e uma esperança de conseqüente levantamento para a Pátria, que António Cândido iluminou com o esplendor do seu verbo. Parece que de antemão me ressôa aos ouvidos a voz canora, parafraseando no ouro da sua eloqüência as magnânimas palavras de um grande émulo romano: *Valeant cives mei, sint incolumes, sint beati...*

¿Porque não hão-de os numes escutar-lhe os fervosos votos?

Eis por que suspira, abraçando-o, meu prezado Augusto de Castro, o seu velho amigo o colega,

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA (1).

Meu amigo.

O seu belo artigo levou-me hontem, mais uma vez, a casa de António Cândido. Devo-lhe pois, Augusto de Castro, mais êste favor: o da hora admirável que ali passei a sós com êsse homem, cuja palavra, ainda quando atingiu as mais nobres expressões, não foi senão a roupagem, mesmo assim adelgaçada, do mais alto espírito e belo coração que possa imaginar-se.

António Cândido artista é imenso, mas não é senão o desdobramento incompleto do seu luminosíssimo e

(1) Do *Diario de Noticias* de 27 de Fevereiro de 1922.

puríssimo caracter. E, entretanto, tudo o que se diga da sua palavra será pouco.

Amigo de António Cândido há dezenas de anos e com êle tendo sempre vivido ìntimamente, se não ignoro o que foi como orador, sei também o que êle poderia ter sido, nesse e em outros campos, se tivesse nascido e vivido em país diverso do nosso, onde os homens como êle encontram a atmosfera de carinho e admiração que tão necessária lhes é.

A « águia do Marão » como lhe chamou Camilo, o qual, ainda na plenitude do seu talento, o saüdou com um entusiasmo em que o grande romancista era tão difícil, emudeceu há muito, e, desgraçadamente para nós, não da fraqueza própria, mas do desalento em que o pôs a tristeza do espectáculo alheio.

A efectivação da sua idea, Augusto de Castro, será um *acto* magnífico, e ainda mais como incentivo para nós mesmos do que como consolação para êle, a quem todo o ruído dos nossos aplausos não poderá contudo dar talvez já maior prazer do que o que lhe deu a leitura do artigo em que V., tão superior e comovidamente, traduziu o seu nobilíssimo pensamento.

Seu muito admirador e amigo grato

José de Figueiredo (1).

A respeito do grande orador António Cândido, escrevi algures êste período: « Êle tem sagacidade e graça na expressão sublimada, e estesia de atitude e gesto ao adornar sua palavra galharda em vôo altaneiro pelo azul divino ». Assim é. Talento altíssimo e no-

(1) Do *Diário de Notícias* de 27 de Fevereiro de 1922.

bilíssimo, artista ardente e puro, seu verbo, sempre enamorado do firmamento, tem ásas de sol.

Tôdas as homenagens lhe são devidas; mas não lhas prestem com ar oficial, que destas não precisa quem já as teve tôdas: — levem-lhe flôres, sorrisos, afagos, cerquem-no de carinho, que tal romaria de afecto é a que mais e melhor agradece seu formoso coração, grande como seu talento.

ANTERO DE FIGUEIREDO (1).

Meu presado amigo.

Acabo de chegar a Lisboa e de ler o admirável artigo do *Diário de Notícias* àcêrca de António Cândido. É para consolar de muito esquecimento e de muita ingratidão originadas em mesquinhos facciosismos, esta homenagem proposta nos tempos presentes, a alguém que *de longe vem* brilhando como astro de primeira grandeza na sociedade portuguesa. Brilhando outrora pelo esplendor da sua palavra polimorfa e policroma; brilhando agora pelo silêncio austero a que se condenou. Brilhando outrora pelo agitar soberbo do seu *peplum*, em arrebatamentos oratórios; brilhando agora pela correcção inexcedível das pregas da sua toga, na atitude de estatuária clássica em que se imobilizou.

Agradeço-lhe, meu caro amigo, o bom momento moral que me dispensou com sua iniciativa. Não posso esquecer quanto deveu um ministro das obras públicas a um procurador geral da Corôa; quanto aquele com êste aprendeu em regras de estrita justiça, que ambos

(1) Do *Diário de Notícias*, de 1 de Março de 1922.

procuravam afanosamente atingir na administração pública; quão boas recordações ficaram no espírito daquele pela colaboração dêste, tôda feita de rectidão, de bondade e da compreensão íntegra do que seja o cumprimento do dever.

A minha adesão à sua idea vai pois engalanada com as flôres morais que eu mais prezo: as da admiração e as da gratidão.

Seu at.º am.º e adm.or

D. Luís de Castro (1).

ARTE E GRAÇA

Invocar a oratória de António Cândido é fazer passar pelo nosso espírito uma estatueta de verbo. Há nela a Graça, entre linhas impecáveis de classicismo. E, quer seja no púlpito sagrado, na catedral magistral, na tribuna académica ou na bancada parlamentar, é sempre vasada em arte clássica, sempre na preocupação da arte e só com intenções de arte, que as palavras desferem dos lábios áticos do orador. Mesmo tratando doutrinas, vultos, feitos contemporâneos, António Cândido é um escultor da escola grega.

Sua Arte paira alto sôbre as paixões comesinhas e sôbre as atitudes mesquinhas. A sua grande arte austera, destacando-se, e cada vez mais flagrantemente, mais impressionantemente, da vida inestética que vamos vivendo em Portugal, acabou por impôr-se a uma consagração que toma as proporções de um protesto

(1) Do *Diário de Notícias* de 2 de Março de 1922.

da consciência nacional contra a apagada e vil tristeza em que pretendem afundar a Pátria, aqueles que lhe estão guiando os destinos sem Graça e sem Arte.

D. Luís de Castro (1).

Coimbra, 1 de Março de 1922.

Meu caro Augusto de Castro.

De abalada para Madrid, venho dizer-lhe que me associo, com tôda a devoção do meu coração e do meu espírito, à homenagem que, pela sua justiceira iniciativa, vai ser prestada ao grande orador António Cândido, a quem me prendem antigos laços de admiração e estima e a quem sou também devedor de altas finezas.

Nunca me esquecerei de que foi pela sua mão benévola e pela de Teófilo Braga que entrei, há vinte e sete anos, para a nossa velha Academia.

Estreito abraço do seu admirador e muito grato amigo.

Eugénio de Castro (2).

Meu caro Augusto de Castro.

Agora que já têm desfilado no *Diário de Notícias* muitos dos mais ilustres nomes da intelectualidade portuguesa, associando-se calorosamente às homenagens

(1) Do *Jornal da Europa* de 31 de Março de 1922.
(2) Do *Diário de Notícias* de 3 de Março de 1922.

a prestar, pela sua bela iniciativa, a António Cândido, no próximo dia 31, já eu, simples e obscuro jornalista, posso, como admirador convicto e amigo dedicado dessa altíssima figura nacional, vir inscrever-me entre os que tomam parte na consagração de quem, há quási doze anos, entrou, por voluntária e nobre renúncia a tôdas as honras e a tôda a glória, naquela sombra onde não podia mergulhar no esquecimento!

Eu sou dos que, todos os anos, em 31 de Março, visitam a casa da Rua da Emenda, onde as ternas amizades que envolvem António Cândido constantemente mantêm, entre carinhos e flôres, um amorável culto, a que o decurso do tempo jámais quebrou a doçura e a intensidade. ¡Neste ano, uma amargurada saüdade tornaria ainda mais triste para António Cândido o seu dia 31 de Março, se o seu pensamento pudesse, no isolamento, entregar-se à evocação de recordações bem dolorosas e que muito afectam a sua delicada sensibilidade!

¡Ainda por esta circunstância especial tem uma grande oportunidade esta idea gentilíssima, que o *Diário de Notícias* acolheu com tanto entusiasmo! ¡Que aclamem António Cândido todos os que no seu país e no seu tempo constituem *um valor* e que esta consagração em vida preceda aquela com que luminosamente a História um dia fará destacar na Imortalidade a sua figura ingente e o seu nome inolvidável!

Julgo, porém, que não só até à sua modesta residência deve ir essa imponente romagem nacional... Extintas as antigas Côrtes, onde êle foi o máximo gigante da oratória parlamentar, entre soberbos tribunos dêsses ainda áureos tempos, como João Arroio e José de Alpoim, aí está de pé, sobranceira a tôdas as demolições, guardando invioláveis as suas nobres e mais do que seculares tradições, a Academia das Sciências

de Lisboa, que o tem entre os seus mais insignes sócios eméritos. ¿Pode a Academia, em que o meu caro Augusto de Castro ocupa tão alta hierarquia e de que eu sou o menos categorizado sócio, ficar silenciosa perante esta homenagem ou apenas tomar parte nela com os votos, já banais, de convencional ou protocolar adesão? ¿Pois não deveria ser ali, na magestosa e histórica sala da nossa Academia, que em 31 de Março, a palavra eloqüente e sugestiva de Augusto de Castro, ainda há pouco escutada com tanto aplauso, em Paris, no centenário de Moliére, se fizesse ouvir, traçando, com outros oradores aureolados de prestígio, o perfil de António Cândido? ¿Não seria belo que assim se erguesse ali na Academia, que é o nosso Capitólio, o monumento espiritual dêsse príncipe dos príncipes da oratória portuguesa, e na mais formosa de tôdas as apoteoses, a que concorressem, espargindo em volta dele as mais perfumadas flôres do seu espírito, as poetizas, as mulheres de letras de Portugal, nessa celebração esplêndida do Ideal de que a palavra de António Cândido foi sempre o mais harmonioso cântico? ¿Não seria essa também a afortunada ocasião de fazer-se uma magnífica edição nacional de tôda a obra dêste homem excepcionalmente ilustre, desde os seus discursos sacros até às suas lições na cátedra da Universidade e através da sua longa vida académica, parlamentar e de jurisconsulto, até que se refugiou, com obstinado silêncio, no isolado eremitério?

Custeadas por subscrição pública — a que os portugueses no Brasil dariam, creio-o bem, forte contingente — tôdas as despesas dessa edição monumental das obras de António Cândido, todo o seu produto ser-lhe-ia entregue, não como quem oferece uma dádiva, mas como quem paga um tributo.

Entrego estes meus alvitres ao ilustre director do

Diário de Notícias e meu velho amigo: confio-os à sua autoridade, para assim se ampliar, se tiverem o seu alto patrocínio, a próxima glorificação de António Cândido. ¡Se não tiverem realização prática, que ao menos testemunhem mais do que pálidas e descoloridas palavras minhas, o comovido aplauso com que acolhi essa iniciativa de fazer reünir, nestas horas sombrias, quási trágicas, da vida nacional, todo Portugal que pensa e que sente, em volta de quem, pela formosura diamantina do espírito e também pela grandeza duma alma, onde tôda a Bondade se abriga e tôda a Beleza se reflete, não pertence a um ou outro partido, a um ou outro regime, a uma ou outra escola, a uma ou outra geração! ¡Porque pertence à Pátria e também à História!

Creia-me devotadamente, meu querido amigo,

Seu muito afeiçoado e grato admirador e confrade,

J. A. Moreira de Almeida (1).

... *Sr. Director do «Diário de Notícias».*

Peço a V. se digne inscrever o meu pobre nome na lista das pessoas que aplaudem a homenagem projectada a António Cândido e nela de alguma forma cooperam.

Nenhuma outra adesão registará V. que seja mais insignificante; mas também, ouso afirmá-lo, nenhuma será inspirada por mais calorosa admiração por aquele insigne artista e nobilíssimo exemplo de elegância mo-

(1) Do *Diário de Notícias* de 3 de Março de 1922.

ral, num ambiente pouco idóneo para os requintados caprichos dos que querem ser escultores da sua personalidade.

Cumprimento V. e sou confrade, etc.

FIDELINO DE FIGUEIREDO (1).

Meu caro Augusto de Castro.

A sua iniciativa é digna do mais caloroso aplauso. António Cândido foi o maior orador do nosso tempo, e nunca a sua palavra se poluiu ao serviço de causas menos nobres, nem se apagou jámais a sua fé nos imortais destinos da Pátria.

A todos pertence, pois, a sua consagração, e mais do que a ninguém, à generosa mocidade das escolas, a primeira sempre nestas manifestações colectivas em honra dum grande nome, duma autêntica glória da nossa raça.

Creia-me seu admirador e amigo

J. M. DE QUEIRÓS VELOSO (2).

---

(1) Do *Diário de Notícias* de 10 de Março de 1922.
(2) Idem.

Meu prezado amigo.

Fale António Cândido, para definir António Cândido. E diga, como sempre fez, um alto, e oportuno, e necessário pensamento, timbrado em acordes de harmonia deliciosa:

« Como nas relações com Deus é a *fé* que salva, nos conflitos da sociedade é a *vontade* que triunfa. A *vontade* foi sempre o carácter genial da raça portuguesa; e é mais fácil ser honrado do que ser heróico, ser honesto do que ser glorioso. É neste pensamento que devemos fortalecer-nos para as lutas de cada dia; nesta idea do que fomos e podemos ser é que devemos curar o espírito dos pavores que tanta vez o assombram, dos desalentos que por tanta maneira o enervam. Como aquela ave mitológica dos Egípcios, que limpava de monstros e reptis as margens do seu rio sagrado — êste pensamento, que é uma verdade da sciência, devorará as larvas de pesadelos que intermitentemente nos oprimem, formados pela influência de doutrinas que não são exactas ou pela ameaça de infortúnios que não são invencíveis. »

Assim vibrou o instrumento de cristal e oiro, *há quasi vinte e dois anos*, no Teatro de S. João, do Pôrto, a propósito do centenário do descobrimento do Brasil.

Oiçamos, aprendamos, *queiramos* — e calemo-nos...

... Porque, se a melhor maneira de falar de música é « estar calado », o único modo de bem honrar a lição do Mestre consiste em proceder de acôrdo com ela.

Seu admirador e amigo obrigado,

AGOSTINHO DE CAMPOS (1).

(1) Do *Diário de Notícias* de 14 de Março de 1922.

Meu caro Augusto de Castro

Em Portugal já há poucos homens para admirar, raros, aos quais, sem os conhecermos pessoalmente, devamos tirar, reverentemente, o nosso chapeu.

Eu, desde há anos, sem nunca ter sido apresentado a António Cândido, não passo junto dele sem o saüdar. Era assim que usava, na meninice, quando encontrava Eça de Queirós. Êle correspondia à minha vénia de escolar, e na minha alma vivia, para uns dias, a expressão do gesto do Mestre. Faz-nos bem sentir os olhos dum autêntico homem de talento a fixar-nos. Hoje procedo do mesmo modo para com António Cândido, como se saüdasse um príncipe incógnito, entre uma turba de feira que o envolvesse, fazendo o seu ruído convulso, mas sendo-lhe indiferente.

À homenagem do desconhecido que o cumprimenta na sua passagem, junta-se agora a do homem de letras que lhe revela a sua sentida admiração.

Sou seu adm., amigo e colega obrg.º

ROCHA MARTINS (1).

Do sr. dr. Alberto de Oliveira, ilustre ministro de Portugal na Argentina, recebemos ontem o seguinte telegrama:

Buenos Aires, 18.

Em espírito e em coração, acompanho-os em tôdas as homenagens a António Cândido.

ALBERTO DE OLIVEIRA (2).

(1) Do *Diário de Notícias* de 14 de Março de 1922.
(2) Do *Diário de Notícias* de 19 de Março de 1922.

Sr. Dr. Augusto de Castro

Como antigo colaborador do *Diário de Notícias* e sócio da Academia, na qual tenho a honra de ser confrade do eminente orador, cuja celebração aniversária V. teve a generosa idea de pôr em foco, não quero deixar de transmitir-lhe a minha fervorosa adesão, considerando como um dever a minha modestíssima contribuïção para a festa, a um tempo literária e patriótica, a qual representa um elevado estímulo moral e intelectual, que temos obrigação de aplaudir.

O culto da palavra teve entre nós, como nos tempos remotos da civilização grega e romana, um período áureo, que se não repetirá talvez, pelo menos com o aticismo de outrora. Hoje, desleixado em presença de realidades práticas e de modos de viver que desenvolvem sobretudo o *grafismo* e põem de lado a eloqüência, êsse culto não merece menos o nosso respeito e o nosso elogio.

A fôrça sugestiva que dimana do verbo falado possui ainda uma inflüência considerável; reconhecê-la e dignificá-la pelo que ela foi e pelo que significa, como expressão intelectual e como forma de beleza, capaz de dominar as multidões, de orientar ideas e despertar sentimentos, é cumprir uma tarefa nobre e opôr à indisciplina actual, ao tumultuar apaixonado do momento, um exemplo forte e um rasgo altruista, de bem entendido nacionalismo.

Por isso eu aperto efusivamente as mãos de V. e dos nossos prezados colegas, fechando a cadeia de admiradores que o incitamento de tão alto nos leva a tecer em volta do preclaro artista da palavra, Dr. António Cândido.

Sou entretanto de V. com a mais distinta consideração, etc.,

DR. BETHENCOURT FERREIRA (1).
Da Academia das Sciências

Sr. dr. Augusto de Castro, meu querido amigo.

Já la vai há muito o tempo em que o prof. Alfredo da Costa, um dos espíritos que mais fulgurantemente brilhou no nosso meio scientífico, meteu ombros à empresa de organizar o *Anuário da Escola Medico-Cirúrgica.*

No primeiro volume, por êle coordenado, relativo ao ano de 1891, encontra-se a ilustrá-lo o retrato do Conselheiro António Cândido Ribeiro da Costa, tendo por baixo do seu nome a seguinte legenda: «Ministro e secretário de Estado honorário dos negócios da instrução pública e Belas-Artes, a cuja iniciativa se deve o assentamento da primeira pedra para o novo edifício da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa».

É natural que a maior parte dos médicos desconheça o primeiro volume dêste *Anuário*, assim como o papel que o dr. António Cândido representou na remodelação do ensino médico, concorrendo para que a Escola deixasse o velho e esburacado edifício onde se encontrava instalada.

Chamando a atenção dos meus colegas para êste facto, peço a V. que lembre à classe a que me honro de pertencer, a necessidade de se fazer representar condignamente na homenagem que o seu belo espírito

(1) Do *Diário de Notícias* de 19 de Março de 1922.

organizou para o próximo dia 31, levando-lhe com o testemunho de alto apreço pelos dotes da sua rara inteligência e do seu primoroso coração, a expressão do seu reconhecimento pela iniciativa de uma obra que permitiu ao nosso país enfileirar ao lado das nações mais cultas e mais progressivas, sob o ponto de vista da sciência médica.

De V.. etc.,

COSTA SACADURA (1)

António Cândido é a Oratória, a Eloqüência. Não a Oratória violência, mas a Oratória bondade. A sua vida passou-a a estudar, a trabalhar, pregando o Bem e a Virtude. É justo que os outros lho reconheçam e vão em romaria agradecer-lhe, por êles, as virtudes que não conseguiram ter.

ALBINO FORJÁS DE SAMPAIO (2).

A JOÃO DE DEUS (3)

(DEPOIS DE OUVIR ANTÓNIO CANDIDO)

¡Poeta! No teu esquife luminoso
Tiveste as honras da maior grandeza!
Abriu-te as portas do final repouso
A águia da tribuna portuguesa.

---

(1) Do *Diário de Notícias* de 23 de Março de 1922.
(2) Do *Jornal da Europa* de 31 de Março de 1922.
(3) Entendemos dever também publicar aqui estes versos de

Palavras de oiro, límpidas, vibrantes,
Cada uma das quais, quando caía
Nas tuas cinzas, inda palpitantes,
Era um beijo de luz e de harmonia.

¡Poeta, e só poeta! ¡humilde e dôce!
¡Foram teus funerais, de um rei antigo!
A divina Eloqüência debruçou-se,
Abrindo as ásas, sôbre o teu jazigo.

Foi dar-te a despedida derradeira
Quem fôra, noutros tempos de mais fé,
Na tribuna sagrada outro Vieira,
No púlpito francês um Bossuet.

E viu-se então — ¡scenário resplendente! —
Quando entravas na luz do eterno dia,
Banhado nos clarões do sol poente,
¡A Eloqüência saüdando a Poesia!

15 de Janeiro, 1896.

FERNANDES COSTA.

Fernandes Costa alusivos às palavras pronunciadas por António Cândido, em nome da Academia, à beira da campa de João de Deus.

ÍNDICE

I. — SESSÃO SOLENE DE 30 DE MARÇO DE 1922

II. — HOMENAGEM DOS SÓCIOS DA ACADEMIA



ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

Memórias da Primeira Classe, tom. VII, part. II . . . . . . 5$00
Memórias da Segunda Classe, tom. XIV . . . . 5$00
Actas das Assembleas Gerais, vol. IV . . . . 3$00
Actas da Primeira Classe, vol. II . . . . 1$50
Boletim da Classe de Letras, vol. XV, n.º 1 . . . . 4$00
Jornal de Sciências Matemáticas, 3.ª série, n.º 12 . . . . . 2$00
Cartas de Afonso de Albuquerque, vol. VI . . . . 10$00
Portugaliæ Monumenta Historica «*Inquisitiones*», vol. I, parte II, fasc. VI . . . . 7$50
Latino Coelho — Demosthenes — A Oração da Corôa, 4.ª edição . . . . 12$00
Júlio de Vilhena — Cartas inéditas da rainha D. Estefania 6$00
—— Idem, em papel especial . . . . 8$00
Sebastião Dalgado — Florilegio de proverbios concanis. . 6$00
Vergilio Machado — Louis Pasteur (Discurso) . . . . 3$00
Almeida Lima — Curso de física geral, tom. I . . . . 3$00
Lopes de Mendonça — Notas sôbre alguns engenheiros nas praças de África . . . . 1$00

MONUMENTOS DE LITERATURA DRAMÁTICA PORTUGUESA

II. — Ayres Victoria — A vingança de Agamenom. . . . 2$50
III. — Jerónimo Ribeiro — Auto do físico. . . . . 2$50
IV. — Auto das regateiras de Lisboa. . . . . 2$50

COMISSÃO DOS CENTENARIOS DE CEUTA E ALBUQUERQUE

Antonio Baião — Alguns ascendentes de Albuquerque . . 6$00
Pedro de Azevedo — Documentos das Chancelarias Reais, tom. I . . . . 10$00
V. Guimarães — Marrocos e três mestres da Ordem de Cristo . . . . 6$00
D. Jerónimo de Mascarenhas — Historia de la ciudad de Ceuta . . . . 7$50
Bernardo Rodrigues — Anais de Arzila, tom. I e II (publicados por David Lopes) . . . . 24$00
Registos paroquiais da Sé de Tânger (publicados por José Maria Rodrigues e Pedro de Azevedo) . . . . 12$00

Á VENDA NO ARMAZEM DA ACADEMIA

Rua do Arco a Jesus, 113 — Lisboa